UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

ILZANILDE TEIXEIRA FRANÇA

XAMANISMO FEMININO NO ALTO RIO NEGRO: PODER SIMBÓLICO E OS SABERES TRADICIONAIS EM SAÕ GABIEL DA CACHOEIRA

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM
2025

ILZANILDE TEIXEIRA FRANÇA

XAMANISMO FEMININO NO ALTO RIO NEGRO: PODER SIMBÓLICO E OS SABERES TRADICIONAIS-SGC

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de Concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de Pesquisa II: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientador (a): Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – AM

2025

ILZANILDE TEIXEIRA FRANÇA

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F814x França, Ilzanilde Teixeira
Xamanismo feminino no alto Rio Negro: poder simbólico e os saberes tradicionais-SGC / Ilzanilde Teixeira França. - 2025.
102 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Marilene Corrêa da Silva Freitas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.

1. Xamanismo e benzimento feminino. 2. Poder simbólico. 3. Saberes tradicionais. 4. Práticas de cura. 5. São Gabriel da Cachoeira- AM. I. Freitas, Marilene Corrêa da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. III. Título

---

ILZANILDE TEIXEIRA FRANÇA

XAMANISMO FEMININO NO ALTO RIO NEGRO: PODER SIMBÓLICO E OS SABERES TRADICIONAIS-SGC

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de Concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.
Linha de Pesquisa 2: Redes Processos e Formas de Conhecimentos.

Dissertação defendida em 29/05/2025

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas (Presidente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

_____

Dr. Rodolfo Augusto de Oliveira (Membro Externo)

Universidade de Brasília (UNB)

_____

Prof. Dr. Agenor Cavalcante Vasconcelos Neto (Membro)

Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

_____

Prof. Dr. (Membro Externo)

_____

Profª. Dra. (Membro Externo)

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos meus queridos Pais José Larcy de Oliveira França e Merina Teixeira (in memoriam), com todo meu eterno amor. Decido in memorian de meu esposo Jota Rodrigues de Souza que me deu amor, apoiou meus estudos e me impulsionou a chegar até aqui. Dedico à todas as benzedeiras de São Gabriel da Cachoeira Dona Uzenir França Cardoso, Dona Arminda Santos da Cruz, Dona Helena da Silva Fidelis, e Dona Neném, que foram responsáveis por esta produção e se dedicam a salvar vidas com benzimentos e curam as pessoas com plantas medicinais.

AGRADECIMENTOS

Ao Tupã criador, pela minha existência, saúde, sabedoria e pela força que dá ao movimento das mulheres indígenas na inserção do campo científico.

Ao magnífico Prof. Dr. Caio Augusto T. Souto coordenador do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas pelo Curso de Extensão do Mestrado no Município de São Gabriel da Cachoeira-Am.

À magnífica orientadora Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas, que me orientou, ficou disponível para tirar minhas dúvidas, e me deu forças para terminar meus estudos, quando me encontrava com o coração despedaçado, sem forças para prosseguir, minha eterna gratidão.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por oferecer uma Bolsa para os estudantes indígenas do Município mais indígena do Brasil, que ajudou na logística da pesquisa de campo, agradeço por ter concedido o subsídio financeiro por dois anos que contribuiu para conclusão do trabalho do científico.

In memorian de meu pai José Larcy de Oliveira França mateiro, seringueiro, piaçabeiro que me criou, educou e ensinou a moral, a ética e os princípios básicos para sobreviver numa sociedade capitalista. Me ensinou ser mulher macho, hoje guardo na memória seus ensinamentos tradicionais. Nasceu em 21/05/1933 e morreu em 27/02/2014 com câncer.

In memorian de minha amada mãe Marina Teixeira, parteira e benzedeira, que me amou, educou, ensinou, acompanhou o meu crescimento até atingir a vida adulta, me apoiou nos estudos, no trabalho e incentivou fazer o mestrado, sempre me aconselhou e me deu forças nos momentos difíceis da vida. Ela nasceu em 19/06/1949 e faleceu em13/05/2020 com quase 71 anos na primeira onda da Covid-19 em Manaus.

A todos os Professores (as) do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia que ministraram aula para os mestrandos em São Gabriel da Cachoeira-AM e contribuíram para a minha formação pessoal, social, relacional e intelectual.

À Dra. Marinete que se disponibilizou a ler e corrigir o projeto de pesquisa meu muito obrigada de coração.

RESUMO

Este trabalho, aborda os conceitos do Xamanismo masculino e feminino, Poder Simbólico e Saberes Tradicionais, buscando sempre a contribuição das teorias interdisciplinares. O objetivo geral do trabalho é compreender as formas de expressões da prática tradicional xamânica, apresentando as formas de poder simbólico e saberes tradicionais. E o método utilizado nesta pesquisa é o fenomenológico que se enquadra no tipo de compreensão do conhecimento intersubjetivo de 04 sujeitos epistêmicos, mulheres indígenas benzedeiras da etnia Baré, que vivem no Município de São Gabriel-Am. A pesquisa bibliográfica de caráter monográfica, e a pesquisa de campo, resultaram em análise de cunho qualitativo - descritivo. O xamanismo é uma prática milenar comum entre os homens, os que mais se destacam são os chamados pajés, esse papel social, é majoritariamente masculino, mas também é uma prática social exercida por mulheres. Um dos motivos dessa pesquisa é compreender por que as mulheres permanecem no anonimato durante os processos de cura no Alto Rio Negro? Espero que este estudo contribua para valorização, visibilidades e empoderamento das mulheres indígenas que detêm o conhecimento tradicional que foram herdados dos espíritos ancestrais. Este estudo com as mulheres que detém conhecimento dos saberes tradicionais sobre as plantas poderosas pode ajudar a curar pessoas com problema de saúde e mental.

Palavra-Chave: Xamanismo e benzimento feminino, Poder simbólico, Saberes tradicionais, Práticas de cura, São Gabriel da Cachoeira- AM.

ABSTRACT

This work addresses the concepts of male and female shamanism, symbolic power and traditional knowledge, always seeking the contribution of interdisciplinary theories. The general aim of the work is to understand the forms of expression of traditional shamanic practice, presenting the forms of symbolic power and traditional knowledge. The method used in this research is phenomenological, which fits the type of phenomenon of the subjective knowledge of 04 epistemic subjects, indigenous women benzedeiras of the Baré ethnic group who live in the municipality of São Gabriel-Am. The bibliographical and field research is a qualitative analysis. Shamanism is an ancient practice common among men, the most prominent of whom are the so-called shamans, and this social role is mostly male. One of the reasons for this research is to understand why women remain anonymous during the healing processes in the Upper Rio Negro. I hope that this study will contribute to the valorization, visibility and empowerment of indigenous women who hold traditional knowledge inherited from ancestral spirits. This study with women who hold traditional knowledge about powerful plants can help heal people with health and mental problems.

Keyword: Female shamanism, Symbolic power, Traditional knowledge, Healing practices, São Gabriel da Cachoeira- AM.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mulher Indígena Benzedeira / Parteira 57
Figura 2- Mulher Indígena Parteira/ Rezadeira 58
Figura 3- Mulher Indígena Benzedeira / Parteira 59
Figura 4- Mulher Indígena Curandeira 60
ANEXOS:
3 Fotos de Plantas de Poder coletadas no Campo Social.....102
Planta buía-cica (cobra cega)
Planta Kaá (planta inteligente)
Planta Puruca-Caá
3 Fotos de Plantas de Espíritos ou Plantas Encantadas.....102
Velho preto (Colocasia)
Yaureté-Kaá (Caladium Army)
Kaá-(Caladium)-Yurupari

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa ----------92
CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa ----------92
CNS – Conselho Nacional de Saúde ----------92
TCLE – Consentimento Livre e Esclarecido ----------95
FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro ----------96
FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas ----------97
PPGSCA – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia ----------97
UFAM – Universidade Federal do Amazonas ----------97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

SEÇÃO I - XAMANISMO MASCULINO E FEMININO **14**

1.1 Xamanismo masculino 18

1.2 Xamanismo feminino 23

1.3 O corpo da mulher no fenômeno Yawanawa e Baré 25

1.3.1 Ser Mulher Indígena no fenômeno Yawanawá 28

1.3.2 Ser mulher Indígena Baré 30

SEÇÃO II - O PODER DE DOMINAÇÃO NA RELAÇÃO XAMÂNICA **33**

2.1 O Poder simbólico em Bourdieu 33

2.2 O Poder xamânico pode ser explicado pelo Poder Simbólico em Bourdieu 43

2.3 O Poder do benzimento do xamanismo feminino 46

2.4 O Poder da cura com plantas 48

SEÇÃO III - OS SABERES TRADICIONAIS E UMA ANÁLISE DO CAMPO **51**

3.1 A trajetória da Mulher: benzedeira, curandeira, rezadeira, parteira 57

3.2 O corpo da mulher xamã 79

3.3 Tipos de Saberes 81

3.4 Os tipos de poderes 84

3.5 Prática da cura 85

CONSIDERAÇÕES FINAIS **86**

REFERÊNCIAS **89**

APÊNDICES **91**

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 92

APÊNDICE B – Solicitação de autorização para pesquisa acadêmica-científica 96

APÊNDICE C – Termo de Autorização uso de imagem, voz e apresentação 98

APÊNDICE D – Carta resposta 99

APÊNDICE E – Declaração para o Comitê de Ética em Pesquisa 100

ANEXOS **102**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma investigação científica, dentre as quais destacam-se os principais problemas: xamanismo masculino e feminino, o poder de dominação na relação xamânica e os saberes tradicionais na concepção das mulheres investigadas.

Este estudo buscou compreender os fenômenos das diferentes expressões da prática tradicional xamânica feminina, no município de São Gabriel da Cachoeira-Am, mediante o estudo das diferentes formas de benzimento, do corpo da mulher xamã, e ser mulher no fenômeno Yawanawa e Baré, e os saberes tradicionais. O método utilizado neste estudo foi o fenomenológico, aqui caraterizado como a busca de compreensão da experiência humana, a vivência dos sujeitos pesquisador e pesquisados, os eventos em que são inseridos m suas práticas específicas de conhecimento e de cura. Neste sentido, busca compreender e interpretar os fenômenos da consciência de 04 mulheres indígenas que se tornaram benzedeiras (Pajé), curandeira, parteira que protegem o corpo com benzimento dos espíritos encantados que vivem na natureza e curam doenças desconhecidas com plantas medicinais nos bairros do município de São Gabriel da Cachoeira. As técnicas utilizadas na pesquisa foram a observação direta da realidade dessas mulheres e a entrevista semiestruturada, com apoio de registros obtidos com aplicação de questionário, referente aos três capítulos. Uma digressão metodológica que se inscreve no esforço teórico de ampliar a compreensão dos fenômenos estudados é o mergulho na obra de Pierre Bourdieu, para nos apropriarmos de categorias sobre o poder simbólico. Na seção 2 da dissertação, esse estudo nos permitiu identificar dimensões do poder cultural que as práticas de cura e os processos de transmissão do conhecimento ancestral podem representar. A coleta de dados no campo valorizou procedimentos de descrição e análise da experiência subjetiva das mulheres pesquisadas, a partir da interpretação da minha consciência dialogando com os teóricos estudados e as entrevistadas, possibilitando uma nova produção de conhecimentos do xamanismo feminino em meu ponto de vista. Vista no conjunto de procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica foi de importância estratégica para refinar percepções próprias e as que circulam coletivamente entre as etnias que habitam em São Gabriel. Para compreendermos e analisarmos o objeto em estudo, tivemos a contribuição das teorias interdisciplinares de vários autores, entre os quais Kumu Barreto (2021), Bruce Albert e Davi Kopenawa (2010), De Sousa (1999), Guimbelli (2018), Quintero (2018), Séens (2017), Pierre Bourdeu (1989) e Silva (2023) e outros com menos intensidade. Verificamos vários tipos

de xamanismo, devido à grande riqueza da multiculturalidade existente na região do Alto Rio Negro e as diferenças no ato da cura das mulheres benzedeiras da etnia Baré.

O xamanismo é uma prática milenar comum entre os homens, os que mais se destacam nessa prática são os pajés, esse papel social, é majoritariamente masculino, enquanto as mulheres permanecem no anonimato durante os processos de cura devido a dominância do patriarcado.

Por fim, este estudo, pretende valorizar e dar visibilidades às mulheres xamãs indígenas que detêm o conhecimento ancestral, que são herdados de suas mães, avós, avôs e espíritos ancestrais e cuidam da saúde dos seres humanos. Os saberes empíricos sobre ervas, plantas medicinais que tem poder de cura devem permanecer com segurança na sociedade indígena nas mãos das benzedeiras, curandeiras e parteiras. Porque são especialistas da saúde tradicional, tanto quanto os homens nos processos de cura e na recuperação da saúde dos povos originários.

Na primeira seção, foram elucidados conceitos primordiais acerca das categorias xamânicas do gênero masculino e feminino para compreender a origem, as formas de expressões da prática tradicional do gênero masculino e feminino e para compreensão do conceito xamânico. No decorrer do tempo, foram instrumentalizadas as categorias e subcategorias da dissertação dentre as quais foi possível destacar os conceitos de xamanismo, pajelança, benzedeira, curandeira, como vulgarmente é conhecido pelos povos indígenas Baré no Alto Rio Negro.

Este estudo possibilitou as discussões críticas dos conceitos analisados e a sua controvérsia. Mas nesse estudo, foi utilizado com mais frequência o termo xamanismo que foi emprestado da Sibéria para substituir o objeto investigado. Para tal finalidade, destacam-se o tratamento de diferentes tipos de doenças corporais e espirituais extraídas do campo da pesquisa. Por fim os Kumuã para Barreto (2021) os Pajés são chamados de especialistas que aplicam o chamado Bahsesé, (benzimento) e a medida protetiva contra os humanos invisíveis.

No segundo capítulo, pretende-se fazer uma abordagem sobre o Bahsessé (Benzimento) que seria um mecanismo do poder de dominação na relação xamânica com os seres Waimahsã (os espíritos da natureza), que detém todo o conhecimento sobre a humanidade e que estão presentes nas florestas e nas profundezas do rio. E interpretar se o poder simbólico desses especialistas pode ser explicado pelo poder simbólico em Bourdieu.

Quanto a esses seres, eles são acionados nesses rituais de benzimento que incluem a utilização de plantas de poder. Além disso, há o contato dos xamãs, benzedeiras, curandeira, parteiras, com os Waimahsã, entidades espirituais, para classificar as substâncias que utilizam

no relacionamento com os espíritos. Por fim, a forma de se comunicarem com os seres sobrenaturais para obter o poder da cura.

A última seção foi subdividida em seis subcategorias por meio das quais se articulam as temáticas trabalhadas nas duas seções anteriores, as teorias versus a empiria das 04 mulheres xamãs (benzedeiras). Na primeira subcategoria, apresenta-se uma breve biografia das mulheres xamãs pesquisados; na segunda subcategoria será evidenciado o tipo de mulher xamã, benzedeira, curandeira, rezadeira, parteira, pajé etc. Na terceira subcategoria são evidenciados os rituais e o cuidado do corpo. Na quarta subcategoria serão demonstrados os tipos de xamã, poder, e os tipos de elementos com que elas se relacionam para se comunicar com os espíritos, os saberes, o poderio feminino e finalmente a prática da cura.

Seção I - XAMANISMO MASCULINO E FEMININO

O termo xamã, segundo Elíade (1998) citado por Figueiredo (2018), surgiu na Sibéria, derivada da palavra do Tungue siberiano "samã", aparentado com o termo sânscrito "isramana". E mundialmente foi adotado, por pesquisadores de antropologia, as raízes do xamanismo são arcaicas e podem ter surgido por volta de 40.000 a 50, 000,00 anos atrás e até hoje os traços do xamanismo estão em todas as culturas humanas, em todas as eras, ou seja, é um legado humano, além das fronteiras dos países, credos, raças, filosofias.

Em diversas culturas, pode-se argumentar que o xamanismo se insere de acordo com a crença espiritual, religiosidade, local, e pode ser considerado um fenômeno religioso ou não. Pois, as religiões que adentraram entre os povos tradicionais, dispuseram um xamanismo adaptado e afetaram as tradições xamânicas postas como marginalizadas nas culturas que dominaram o território brasileiro. Por volta dos séculos XVI e XVIII segundo Botelho (2006, p.80), em todo território nacional especialmente no litoral, e na região Amazônica, havia a presença dos pajés, para a resolução de problemas diversos, não somente o processo de cura de doenças entre os indígenas.

Diante de tal situação, as Igrejas e o império investiram em desacreditar a figura do pajé e seus poderes. Estudos indicam que os índios foram perseguidos, que 33 índios e mameluco foram prisioneiros da inquisição em Lisboa entre os séculos XVI e XVIII. Não só as epidemias, a exploração do trabalho dos nativos, a escravização, as ordens religiosas reduziram os índios nas missões, além de todos esses desafios ainda estava por vir o Tribunal do Santo Ofício.

Podemos confirmar que só no século XVIII foram feitas mais de 273 denúncias contra os índios xamãs por diferentes procedências étnicas e outras razões. Podemos citar um caso, de uma índia chamada Narcisa e mais 157 índios acusados de feitiçaria e práticas mágicas que não escaparam dos agentes da Inquisição, outros tantos índios foram acusados de roubos, venda de hóstias consagradas para a produção de amuletos, as famosas bolsas de mandinga, ou cartas de tocar, que são os escritos usados como magia amorosa para sedução do amado.

Havia outros índios que, por possuir uma habilidade virtuosa, descobriam os malefícios com adivinhações, por meio de quimbanda, uma prática de adivinhação, recorrendo a peneiras ou tesouras. Podemos citar um caso célebre é o da índia Sabina, em Belém, que atendia o próprio governador do Grão – Pará, João de Abreu Castelo Branco.

Nesse caso o Tribunal foi mais rigoroso com aqueles que se consagraram em verdadeiros rituais gentílicos, muitos da nossa gente foram acusados de beber jurema e "descer demônio", enquanto o mestre especialista tocava o maracá entonando a dança pela cantoria indígena. Pode-se relatar que uma dessas descrições foi de D. Souza e Castro, índio liderança dos Tabajaras (etnia originária do Pará) que foi dar conta pessoalmente, à mesa do Santo Ofício, em Lisboa, em 1720. O intérprete foi o Padre Antônio Leal, que a índia Antônia Guiragasu "invocava demônios que lhe respondiam várias perguntas do outro mundo".

Isso acontecia porque tomava umas grandes fumaças de tabaco de cachimbo até ficar fora de si. Em análise, é perceptível um ritual da prática xamânica feminina de uma grande mestra que hoje é uma ancestral do povo Tabajara do Estado do Pará que fumava tabaco no cachimbo para se relacionar com os espíritos ancestrais, para dizer as turbulências que seu povo iria passar.

Outro caso de delações, foi a bigamia[1] . Dentre as 78 denúncias, 24 foram processadas, mas não houve sentença final em 17 casos. Outros seis foram tomados como "casos extraordinário de absolvição" pela "ignorância e rusticidade" dos índios (Resende, 2011), é importante explicitar os fatos históricos dolorosos que passaram os povos originários do Brasil, para deixar viva as memórias dos líderes ancestrais matrilinear e patrilinear.

Nesse estudo de caso, não devemos esquecer da sentença "benevolente" que não poupou Custódio da Silva, em 1741. Um jovem indígena de 28 anos, fez seu depoimento por meio de

um intérprete, foi julgado e qualificado como bígamo[2]. Condenado e abjurou de leve, por ser suspeito de ferir os preceitos da fé católica. Como de costume sob o olhar de uma multidão, foi açoitado pelas ruas de Lisboa até a Igreja São Domingos, onde, na presença do rei D. João V, do príncipe e dos infantes D. Pedro e D. Antônio, inquisidores, ministros e toda a nobreza, foi sentenciado ao degredo por cinco anos para trabalhar nas galés de sua majestade. Vê-se que essas extraordinárias narrativas, tem uma preocupação de mostrar o quanto ainda precisamos conhecer a história da ancestralidade do povo indígena do Brasil.

Podemos demostrar que as trajetórias de alguns personagens, nascidos no Brasil, e as experiencias coloniais evidenciaram que a rede do Santo Ofício atuava de forma global. Bem como, podemos mencionar alguns casos mais cruéis de personagens que foram vítimas da Inquisição como: Pero de Campo Tourinho, Capitão donatário do Porto Seguro, foi acusado em 1546 de Blasfêmia, contra a Igreja e a fé católica, era o primeiro morador da colônia processado pela Inquisição, em Porto Seguro.

A Felipa de Souza, em 1591 admitiu abertamente ao visitador Heitor Furtado de Mendonça que gostava de mulher, em Salvador. Já Pedro de Rates Henequim (1680-1774) morador de Minas Gerais, afirmava que Adão tinha sido criado no Brasil e que os índios eram seus descendentes. Foi queimado em auto fé de Lisboa, acusado de heresia. Ainda podemos citar o caso de Gabriel, Malagrida (689-1761), jesuíta, viveu no Maranhão e no Pará dizia que conversava com o Senhor, com os Anjos e os Santos, e que poderia curar doentes, com o simples toque de suas mãos, foi acusado de heresia.

Temos ainda outro problema de Rosa Egipcíaca (1719-1765) proveniente da costa da África, viveu no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Foi prostituta, beata tinha visões místicas, fazia sermões, distribuía joias e roupas aos pobres, acabou sendo levada para os cárceres da Inquisição de Lisboa. Podemos reafirmar que, em pleno século XXI, como a retomada da análise histórica de homens e mulheres que por expressar divinamente alteração do estado da consciência para cumprir sua função de atender as pessoas ainda são perseguidas pela cultura religiosa repressiva, semelhante a Inquisição, como se cometessem os piores crimes.

As Inquisição do Santo Ofício no Brasil tiveram três fases: A primeira na Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba (1591-1595) Seu principal objetivo combater as heresias e fiscalizar os cristãos novos que prosperavam com e economia açucareira. Sua missão era

---

[2] Bígamo que ou aquele que tem dois cônjuges simultaneamente. O termo bigamia tem origem helénica e significa "Bis" virilidade e, no entanto, no seu sentido etimológico é equivalente a duplo casamento de um homem com duas mulheres ou de uma mulher com dois homens e "Gamia" que significa casamento.

integrar o Brasil ao cristianismo, bem como estender sua atuação aos domínios ultramarinos.

A segunda fase de (1618 – 1621) na Bahia, essa visitação deveu-se um foco especial nos Cristãos Novos, havia suspeitas de suas ligações com os judeus de Amsterdã, que poderia ocorrer uma invasão, que de fato aconteceu em 1624, e com sucesso em 1630.

E a última fase de (1763-1769) no Grão-Pará foi realizada com o consulado pombalino (1750-1777) o objetivo dessa visita era conhecer melhor a região após a expulsão dos jesuítas, grande inimigo de marques de Pombal, chefiado pelo Geraldo José de Abranches e a Inquisição estava em suas mãos no período colonial. A Inquisição foi vista como uma Instituição religiosa repressiva, de extermínio, própria de um regime político totalitário no Brasil, que aprisionou, confiscou, torturou e causou mortes de mulheres xamãs indígenas, que passaram por uma ação de um tribunal considerado do terror, simplesmente por serem de uma cultura diferente, e expressar seus conhecimentos e atender aos chamados.

A inquisição prevaleceu até (1821) e foi responsável pela decadência de uma parcela de indivíduos que eram pessoas mais importantes de uma sociedade tradicional, que se destacam como: xamã, pajé, benzedeira, curandeira, profetas pajés e sacacas.

Portanto nesse processo histórico, o xamanismo se enquadrava entre os principais crimes da época, a Blasfêmia, Bigamia, Curandeirismo, Feitiçaria, Heresia, Solicitação e Sodomia[3]. É inegável que a máquina da fé, afetou a colonização do Brasil, mas os povos originários com seus saberes tradicionais resistiram, com a força divina da ancestralidade, para existir e conquistar espaço e contar sua história da memória de seu povo.

Enfim, foi essa máquina que viabilizou a inquisição no Brasil, resultando na seguinte amostragem: Foram no total 1.074 presos, destes 776 eram homens, e 298 mulheres; 77% delas eram cristão novos[4], acusados de judaizar[5] a maioria dos homens presos, morava na Bahia, em Pernambuco e Rio de Janeiro e as mulheres eram fluminenses; 14% eram da Bahia. Segundo Vainfas afirmou que:

> "O auge da ação inquisitorial ocorreu na primeira metade do século XVIII (51% dos presos). Vinte homens e duas mulheres da colônia foram queimados na capital Lisboa, todos por judaizar. Depois de muita leitura, escrita e racionalização foi elucidada uma das problematizações de investigação." (Vainfas, 2011, p.21).

---

[3] Sodomia é a prática de cópula anal entre pessoas do mesmo sexo ou entre heterossexuais.
[4] Cristão Novos, herança judaica de troca de sobrenomes, de judeus, ciganos, mouriscos e indígenas, convertidos ao cristianismo no século XV.
[5] Judaizar, judeus convertidos ao cristianismo suspeitos de professarem, sua fé original em segredo, alvo principal do Tribunal.

Nesse caso, evidenciamos que na região do Alto Rio Negro, esse papel social, é majoritariamente masculino, o que nos provoca à seguinte pergunta: por que as mulheres permanecem no anonimato durante os processos de cura?

Acreditamos que o temor pelo poderio do Tribunal d Inquisição no Brasil foi um dos fatores que contribuiu para essa restrição da práxis xamânica feminina, o medo de serem presas açoitadas, julgadas, queimadas; outro fator é a presença forte do patriarcado, presente na Região do Alto Rio Negro. Mesmo que o entendimento de patriarcalismo não se aplique como sistema na diversidade étnica dos povos do Rio Negro, reconhece-se a existência de experiências de dominação do homem sobre a mulher nas sociedades indígenas, e no caso em exame, no exercício de práticas xamânicas, como estamos denominando o benzimento feito por mulheres. Mesmo assim, as práticas xamânicas proibidas e punidas desde a Inquisição, permaneceram até os dias atuais, praticadas por mulheres, com uma nova roupagem.

1.1 Xamanismo Masculino

É comum hoje em dia, os conceitos de xamanismo, pajelança, benzedor, rezador e curandeiro, como vulgarmente é conhecido pelos seres humanos. Esse termo varia de região para região, no município de São Gabriel é mais conhecido como pajé, ou benzedor, e outros conceitos em línguas nativas, devido a existência da multiculturalidade, eles são mais conhecidos por suas práticas xamânicas no tratamento de doenças do corpo. O principal objetivo dessa ação xamânica, no entanto, é o tratamento de diferentes doenças corporais e espirituais que o indivíduo apresenta.

Na ciência antropológica, usa-se o termo xamanismo, enquanto um conceito e por ser uma prática universal, a palavra pajelança é mais utilizada e exercida pelos grupos indígenas do Alto Rio Negro. Ambos os termos são controversos em ambas as abordagens.

Já a palavra pajelança é pouco utilizada, pois vem do Tupi e é um termo impreciso, pois vem da palavra Pajé, que significa na língua Tupi-Guarani “Feitiço”, mas em contraposição a esse significado na análise (DE SOUSA, 1999), os Kumuã como são chamados os Pajés indígenas, os anciãos indígenas aplicam o chamado Bahsesé, (benzimento) um tipo de benzimento oriundo do Alto Rio Negro da etnia Tukano, Tuyuca e Dessana, que evoca a presença de seres da floresta que, segundo eles detêm todo o conhecimento sobre a humanidade. Mas para a cultura Baré esse termo é mais conhecido como Pajé e Benzedor que já possui uma interferência religiosa em alguns casos.

O Kumuã Manoel DUHPÓ Lima, é um ancião que atende, a qualquer pessoa que esteja interessado nos chamados tratamentos complementares de saúde. Estes anciões são os Kumuã no plural de kumu, alguns indígenas recebem esse conhecimento após passarem anos de formação na floresta, cujo aprendizado é por meio do conhecimento sobre práticas de cura e de proteção, transmitido de geração a geração.

Os especialistas do Alto Rio Negro são os Kumu passaram por uma rigorosa formação sistemática e por um treinamento, sob orientação de um especialista formador. Conectados aos domínios dos waimahsã, adquiriram, diretamente destes conhecimentos sobre Kihti ukũse, sobre bahsese e sobre bahsamori.

Note-se que o modo de benzer ocorre na língua materna, alguns especialistas utilizam tabaco, água, ou ervas medicinais para o Bahsessé (Benzimento). Segundo o dicionário. Benzer vem do Latim bene dicere, que significa bem dizer. Dizer bem de alguém e fazer o bem. Nos relatos antropológicos de Barreto ele faz uma observação dizendo:

> A literatura etnológica rionegrina muito já descreveu sobre os especialistas indígenas e seus papeis especializados, seja pela denominação de pajés, de curandeiros, de xamãs, de mediadores cósmicos, de manejadores do cosmo, de líder religioso ou de outras nomenclaturas. As produções pouco especializadas sobre o assunto entendem quase sempre a prática de tais especialidades sob a perspectiva religiosa, que acaba por produzir certo imaginário sobre os papéis especializados dos povos indígenas (Barreto, 2021, p.89).

Em suas narrativas Barreto (2021, p.89) contextualiza que na literatura do Rio Negro, muitas pessoas já descreveram sobre os conceitos de especialistas com diferentes denominações como Pajé, Xamã, Mediadores, manejadores cósmicos, de líderes religiosos ou de outras denominações. Segundo ele as produções são poucos especializadas sobre o tema. A maioria entende quase sempre a prática dessa especialidade como uma perspectiva religiosa, que acaba produzindo um certo imaginário sobre os papeis especializados dos povos originários.

O corpo nosso é microcósmico[6] e precisa ser equilibrado. Percebemos que em suas narrativas os especialistas do Alto Rio Negro são sujeitos que passaram por uma formação rigorosa e sistemática com a orientação de especialistas formadores de Kumu. Nesse processo de formação ficam conectados aos domínios dos waimahsã, absorvendo destes todo tipo de conhecimento sobre Kihti ukuse bahsamori.

---

[6] Microcósmico – Mundo pequeno (Filosofia) O homem, segundo alguns filósofos significa reflexo do universo.

> Bahsese são fórmulas "terapêuticas" que consiste na manipulação "metaquimica" das qualidades das coisas via oralidade para prevenir, proteger e curar as pessoas. São fórmulas mais preciosas de produção de cuidados adotados pelos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. A produção de cuidados pelo especialista é feita tanto individual quanto coletivamente. O bahsese coletivo se faz mais para prevenir, para proteger os ataques interpessoais e para proteger de "epidemias". A forma individual inclui tudo isso e mais a parte de cura (Barreto, 2021, p. 88).

O Sr. Manoel como é chamado, narra que desde criança foi criado por velhos Kumuã para se tornar ele próprio um Kumu. A preparação é longa, requer muitos cuidados, na alimentação, e muita transmissão de conhecimento, na própria floresta, ele contou que aos 15 anos passou por um ritual de iniciação, com uma dieta rígida, a base de beiju molhado com espuma de manicuera (um líquido da mandioca que se faz Tucupi). Na visão dos tucanos, Barreto explica que:

> O Bahsessé seria um mecanismo de comunicação com os seres Waimahsã, que detém todo o conhecimento sobre a humanidade e que estão presentes nas florestas. O contato dos Kumuã com os Waimahsã é acionado nesses rituais, que incluem a utilização de plantas como o Paricá (com o qual se produz um pó denominado rapé). (Barreto; Manoel Dühpó Lima, 09 março, 2020).

Nota-se que Barreto (2021, p.88), tem um grande domínio sobre o conceito de Bahsesé[7] define como fórmulas terapêuticas[8] que consiste na manipulação "metaquimica" das qualidades das coisas via oralidade para prevenir, proteger e curar as pessoas. São fórmulas mais preciosas de produção de cuidados adotados pelos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. A produção de cuidados pelo especialista é feita tanto individual quanto coletivamente. O bahsesé coletivo se faz mais para prevenir, para proteger os ataques interpessoais e para proteger de "epidemias". A forma individual inclui tudo isso e mais a parte de cura. Observamos que o autor pontua:

> Há situações de rituais como Bahsesé de Kumuã que só poderá ser realizado nas comunidades indígenas que ficam no meio da Floresta Amazônica, onde há os Waímahsã os espíritos da floresta, onde não tem mata eles não existem, por isso os povos indígenas não deixam desmatar, as árvores, senão vai haver uma extinção dos espíritos que se comunicam com os Kumu, podendo dessa forma haver um desequilíbrio ambiental. (Barreto, 2021, p. 88).

O autor demonstra nas narrativas que os Kumuã falam que sem os bahsesé a pessoa fica vulnerável, sem proteção e sem resistência, podendo ser atingida por diferentes doatisee, por duhtitise provocados por agentes externos como os ataques dos Waimahsã. Desse modo sem o

---

[7] Bahsesé - São fórmulas mais preciosas de produção de cuidados adotados pelos especialistas indígenas do Alto Rio Negro.

[8] Fórmulas terapêuticas - que consiste na manipulação com os seres Waimahsã das qualidades das coisas via oral para prevenir e proteger e curar as pessoas.

bahsessé de proteção as pessoas de um determinado lugar ficam vulneráveis aos ataques de Waimahsã e de doenças externas.

Propõe-se com este estudo, ampliar a visibilidade do Kumu (Pajé seja equivalente ao médico) porque a sabedoria do conhecimento ancestral antecede ao conhecimento ocidental, por isso deve ser valorizado pela ciência. E a cura para todo tipo de doença está nas plantas poderosas que se encontra no laboratório vivo da Floresta amazônica. E porque os elementos que constituem o corpo estão nos elementos da natureza e somente os sábios detém o conhecimento dos saberes e da medida exata dessas substâncias naturais.

Essa pesquisa tem a intenção de se desdobrar em um projeto, voltado para se incorporar nas políticas públicas municipal, para Implantar um Centro de Saúde Xamânico Tradicional-SGC, para atendimentos especializados e de todo tipo de doença do corpo da mulher, crianças, idosos e alinhamento psicológico para garantir o respeito e a visibilidade das práticas do xamanismo feminino.

Nesse sentido, Barreto (2022) descreve que os Kumuã falam que sem os bahsesé a pessoa fica vulnerável, sem proteção e sem resistência, logo, pode ser atingida por diferentes doatise[9] e por duhtitise[10] provocados por agentes externos como os ataques dos Waimahsã[11].

De igual modo, sem os bahsesé de proteção os habitantes de uma comunidade ficam vulneráveis aos ataques das epidemias e outros tipos de doenças desconhecidas. Por isso que é necessário o benzimento para a proteção do espaço, da comunidade e das pessoas para ter o corpo protegido contra as doenças e ataques dos Waimahsã.

Os especialistas do Alto Rio Negro são sujeitos que passaram por uma rigorosa formação sistemática e por um treinamento, sob orientação de um especialista formador que são os mais velhos, os sábios. Conectados aos domínios dos waimahsã, adquiriram, diretamente destes conhecimentos sobre Kihti ukũse, sobre bahsese.

No âmbito das culturas povos indígenas dos antigos Tupinambás, os bororos, os Tupirapé, os Guarani e muitos outros, usam apenas o tabaco, durante sessões xamanísticas, como forma de entrar em contato com os espíritos. Já os xamãs Yanomami usam plantas alucinógenas fortíssimas para entrar em contato com entidades sobrenaturais e efetuarem a cura do doente. É importante lembrar que segundo os yanomamis, as doenças contraídas pelo contato

---

[9] Doatise – é qualquer tipo de doença, especificado fraco e grave. (Donato Miguel Vargas-2025).
[10] Duhtitise – são tipos de doenças que surgem ao se acidentar. (Donato Miguel Vargas-2025).
[11] Waimahsã – a tradução significa gente peixe, sendo seres misteriosos que circulam no meio da gente e são perigosos para as pessoas que sonharam mal, a mulher que está menstruada. Eles podem gerar Doatisse e Duhtitise. (Donato Miguel Vargas-2025).

com os brancos, estão fora da jurisdição do xamã e devem ser curadas por "remédios de brancos". Nesse sentido Souza (1999, p.12) examina que,

> é interessante que com relação à natureza os xamãs devem conseguir manipular forças através de seus cantos e orações, tais como chamar chuva, em época de seca, ou então interrompê-lo quando é muito abundante. Enfim o Xamã que passou por uma iniciação e demonstra um comportamento pertinente, tem credibilidade ou aceitação como uma pessoa competente para agenciar a cura, mediante o poder que lhe advém do seu contato ou comunicação com espíritos auxiliares (Souza, 1999, p.12).

Enfim, foi impossível compreender que o conceito de Kumu é um conjunto de teoria indígenas e conhecimentos de narrativas míticas que fundamentam o pensamento da filosofia indígena do Alto Rio Negro. Essas teorias são um esforço subjetivo do autor, para explicar a existência e a relação dos humanos gentes e humanos invisíveis.

As filosofias indígenas são muito complexas segundo João Paulo Barreto, a natureza é habitada por gente, humanos em todos os lugares são habitados por seres gentes (espíritos, encantados, e não humanos (Waimahsã). Os Waimahsã também cuidam desses espaços da natureza, e a relação entre os humanos e humanos invisíveis não são harmônicas é sempre de conflitos, negociações e trocas. Portanto nós os povos originários não vivemos em harmonia com esses seres, temos que respeitar seus espaços para que possamos ser respeitados.

E existem os dispositivos naturais para acessar e se conectar com esses humanos que habitam o território que são o Cappi, o Ayahuasca e o Rapé. É através desses elementos que os Pajés (Kumuã) mediam e negociam com esses humanos. É nesse mundo do Waimahsã que os iniciados aprendem ser Yaí (Pajé).

O território é a casa dos waimahsã que cuida da floresta, do rio, das cachoeiras, é o nosso próprio corpo em uma visão cosmopolítica. Somos povos preventivos, utilizando a técnica do Bahsese (benzimento), quando as pessoas saem para caçaria, pescaria, roça e outros lugares onde têm cachoeira. E as mulheres são mais vulneráveis quando estão grávidas e menstruadas porque exalam um cheiro fortíssimo que chega ao alcance dos Waimahsã.

O ataque do corpo pelos Waimahsã, ocorre quando elas circulam em lugares sem permissão. E passam a sentir o desconforto do nosso corpo, dor no braço, dor de cabeça e dores na perna, ao sentir esses sintomas elas devem procurar imediatamente o Kumu para fazer bahsese (benzimento). A comida é muito ruim principalmente o assado, comidas gordurosas, o sereno, chuva com trovoadas, por isso é necessário o método protetivo que é o bahsese

As concepções dos conceitos se aproximam entre as teorias estudadas, no que diz respeito ao benzimento. Quem faz bahsessé é o Kumu ou especialistas do Alto Rio Negro que

conhece a constituição do corpo e sabe fazer a proteção com bahsesé para defesa dos ataques dos encantados.

Para Barreto (2021), conceito do corpo é um microcosmo, a síntese de todos os elementos da natureza a floresta, água, terra, fogo, o ar. E o mundo é um corpo e o corpo é a extensão do mundo que pode sofrer desiquilíbrio com o fogo, a temperatura por isso precisamos do bahsessé para garantir nossa proteção. A diferença nossa e dos animais é a dimensão do nome que é limitado. O nome é um poder coletivo dentro do grupo coletivo.

Os Kumu seguem as mudanças do ciclo de constelações, acompanham também o ritmo do doatise e duhtitise e entram em ação para aliviar os riscos. O controle desses ataques depende da capacidade de fazer bahsesé de proteção às comunidades com fumaça de breu ou tabaco, formando uma imensa barreira e parede para que os seres dos doatise ou duhtitise, vindos através dos ventos não cheguem às comunidades. Barreto (op.cit.) adverte que:

> A qualificação do corpo com elementos curativos, elementos protetivos e mantendo a equalização de seus elementos constitutivos pelo *bahsese* durante os períodos de maior vulnerabilidade da vida é a melhor maneira de produzir a qualidade de vida. (Barreto, p.126).

Enfim, o corpo que está sujeito aos doatise e duhtitise, é também um corpo sujeito às transformações pelo bahsesé. Pensar o corpo ultrapassando a noção como síntese de todos os elementos da natureza é imergir nas inúmeras possibilidades do corpo tomar diferentes formas e perspectivas futuras. “O mundo em mim” o ser é uma extensão do Cosmo, ou seja, o corpo é a natureza”. Verificamos que em diversas culturas, pode-se defender que o xamanismo se insere de acordo com a crença espiritual, religiosa, local, e pode ser considerado um fenômeno religioso ou não.

1.2 Xamanismo Feminino

O conhecimento da abordagem do xamanismo feminino a partir de estudos sobre o povo Yamakawa, é muito importante na busca de aproximações e compreensão do conceito xamanismo feminino do povo Baré em São Gabriel da Cachoeira -Am.

Esse povo, conhecido como Yamakawa são pertencentes ao tronco linguístico Pano, literalmente significa “o povo da queixada”. O nome Yawa = queixada e nawa = povo. Já foram estudados por diversos autores como: (Lagrou, 1991; Pérez, 1999; Carid Naveira, 1999; Calávia Sé, 2002; Sáenz Carrilo, 2017; p.1).

Esse povo habita a Terra Indígena do Rio Gregório, no município de Tarauacá no Estado do Acre na região Norte do Brasil. As famílias estão distribuídas nas margens do Rio em diversas aldeias e sua população é de aproximadamente 650 indivíduos.

Na visão cosmológica do povo Yawanawa, assim como nas sociedades ameríndias, a noção de pessoa, assim como o corpo, como local de perspectivas, ocupa um lugar central na cosmologia. De modo que, possamos compreender o que é uma "pessoa Yawanawa ", o que vem a "ser uma mulher Yawanawa" ou "ser um "pajé Yawanawa" ou "ter um corpo de pajé Yawanawa".

Para entendermos a realidade desse povo precisamos aproximarmo-nos da teoria de Eduardo Viveiros de Castro, (1996) que produziu o perspectivismo, e propõe que diferentemente da cosmovisão do evolucionismo ocidental - onde haveria uma origem animal comum e uma humanidade cultural diferencial, isto é, uma natureza comum e diversas culturas -, a cosmovisão ameríndia, em oposição, consideraria uma humanidade original e uma animalidade diferencial, ou seja uma humanidade comum e diversas naturezas, onde o corpo, (os diferentes corpos, seja humano, de onça, de macaco, de jiboia, seria o ponto a partir do qual o mundo se organiza de formas perspectivas diferentes). Assim, os corpos animais seriam uma espécie de roupas ou envelope que esconderia uma essência espiritual humana, num mundo altamente transformacional". (Viveiro de Castro, 1996; Saénz, 2017, p.2).

Nesta perspectiva, o xamã (pajé) é uma espécie de mediador e tradutor entre os diversos mundos existentes na natureza ou perspectivas como visa (Carneiro da Cunha, 1998); Viveiros de Castro, 1996; Saénz, 2017, p.2), pelas suas capacidades de assumir diversos pontos de vista e serem capazes de estabelecer relações com seres de outros mundos e não humanos. E para obtermos uma compreensão sobre o conceito do corpo a partir da concepção ameríndia, no qual para além de ser considerado um organismo biológico o corpo é dotado também de um princípio espiritual, pois contém uma substância portadora de Yuxim[12], como sede das capacidades de conhecimento do ser humano.

Sendo que toda matéria está permeada de Yuxim, corpo material e espírito estão longe de serem dois aspectos separados. Nesta versão de McCallum (1996, p.350; Saénz, 2017 p.2), "O corpo é considerado como "lócus of the construction of sociality" onde a trama das relações sociais inclui humanos e não humanos". Agora a análise compreensiva será voltada para o estudo do corpo da mulher no fenômeno Yawanawa e Baré.

---

[12] Yuxim – É uma força que anima os seres vivos, mas também aquilo que define suas características particulares, dessa forma é também usado para designar os diversos seres personalizados que habitam o universo.

1.3 O corpo da mulher no fenômeno Yawanawa e Baré

Para não perder a compreensão sobre a noção do corpo Yawanawa, é necessário entendermos os significados de Yuxin; esse termo é um "princípio vital que permeia toda a realidade, e do qual participam todos os seres, animados e inanimados (pedras, água) que povoam o universo" (Perez, 1999, p.53). Observamos que essa noção é muito interessante por isso não pode ser mal interpretada e sim compreendida, pois segundo Lagrou (1998), devemos entendê-la que a partir de uma visão que não considera o espiritual (Yuxin) como algo sobrenatural e sobre-humano, localizado fora da natureza e fora do humano". Mas um olhar em que existe "um universo de múltiplos níveis, onde a realidade visível supõe sempre outra invisível" (Langdon, 1996, p.26).

É possível dizer que o trânsito entre esses diversos níveis ou perspectivas é frequente nas narrativas míticas Yawanawa, geralmente com o uso de algum tipo de substância de origem vegetal ou animal. Nesse processo, percebemos que Yuxin é apenas a força que anima os seres vivos, mas também aquilo que define suas características particulares. Dessa forma Yuxin, é também usado para designar os diversos seres personificados que habitam o universo.

Além disso existem outros os Yuxin de conotação ambivalente, que podem provocar doenças por vingança, pela quebra de algum resguardo ou norma de conduta esperada dos humanos. Vejamos um outro aspecto, os componentes do corpo Yawanawa. Segundo a análise de Perez (1999), o corpo está composto por um corpo material (yura) e várias essências de caráter espiritual, sendo estas: o Huru yuxin[13], ou espíritos dos olhos, que se desprende temporariamente da pessoa durante o sono para perambular no mundo dos yuxim, desprendendo-se definitivamente no momento da morte; o nia vaka, ou sombra; e o isun yuxin, ou espírito da urina. Portanto as relações entre todos esses componentes do corpo são muito estreitas e o que acontece com eles afeta os outros.

Cabe observar, que nessa perspectiva de interação com os Yuxin, que se pode compreender com mais clareza os processos da tradição Yawanawa, e dos grupos Pano, ou seja pode-se compreender de modo geral a formação do corpo, tais como as dietas e os resguardos e evitar certos alimentos nos momentos mais específicos da vida cotidiana.

---

[13] Huru Yuxim – Espíritos dos olhos, que se desprende temporariamente da pessoa durante o sono para perambular no mudo dos Yuxim.

Podemos exemplificar esse período específico, como durante a gravidez, as mulheres evitam consumir alimentos, cujo Yuxin, possa ser incorporado pela mãe ou a criança. É relevante lembrar que a mãe evitará o consumo de carne de jabuti, carne de tatu, jacaré e porco da mata, por causarem um parto demorado e doloroso.

Esses animais têm algo em comum, ficam dentro do casco e quando são caçados sangram muito, para evitar que a criança se esconda, na hora de nascer e evita o risco de sangramento excessivo digo, hemorragia durante o parto. Elas devem evitar também, comer a carne de macaco para que a criança não adquira as características físicas da cabeça miúda dessa espécie de animal, e para a criança não nascer com pescoço longo, devem evitar comer a carne de veado. (Lagrou, 1998). Além disso:

Dona Helena, benzedeira, informa que desde o seu nascimento, seu corpo foi benzido pelo seu pai, um grande pajé da etnia Tukano, o benzimento era para fechar o corpo da recém-nascida para ela crescer forte e saudável. Seu espírito foi protegido com uma roupagem de tigre para seus inimigos o temerem, sua sabedoria está sendo repassada para sua neta Josiane 16 anos.

Para a xamã seus inimigos sãos maus espíritos da floresta como Curupira, e o tigre de três cabeças que segundo seu pai habita a serra de Cabarí; os encantos que habitam a profundeza dos rios, lagos e igarapés; e as rochas, tem mãe ou espírito; por este motivo, segundo essa senhora, devemos respeitar os 04 elementos da natureza porque a água, a terra, o fogo, o ar estão conectados e são habitados por espíritos. Uma vez que

O cariamã é o ritual da menina moça, a sua primeira menstruação ocorreu aos 14 anos de idade já na fase da adolescência; ela teve uma surpresa, achava que estava urinando sangue, então falou para sua mãe. E foi imediatamente recolhida e levada para um quarto bem fechado. E todos os homens foram convidados a sair de casa e passar a noite fora, enquanto as mulheres permaneceram dentro de casa com as portas trancadas. E do lado de fora ouvia-se barulho de todos os bichos que falavam, faziam barulho e arremedavam os bichos.

A noite era longa parecia que o tempo não passava, de dentro da casa ela podia conversar com os bichos e teve coragem e perguntou: Com quem vou me casar? O bicho respondeu: com alguém de fora, não é daqui o homem com quem te casarás, terás 04 filhos homens e a última será mulher, você irá viajar com ele e viverás um bom tempo; depois ele te deixará e seus filhos ficarão com você até o fim de seus dias.

Por volta das 5 horas da manhã ela foi autorizada pelo seu pai para tomar banho no rio, antes teve que mastigar por duas vezes dois punhados de pimenta pura, teve que suportar, não

podia chorar e nem gemer senão ia agourar sua família de morte. Ao sair das águas levou duas cipoadas nas pernas para ficar forte e não sentir fome quando estivesse trabalhando na roça e a noite inteira seu pai ficou benzendo e protegendo seu corpo contra o ataque dos espíritos e dos encantos.

Os alimentos que foram proibidos de comer, durante a primeira menstruação, peixe liso, como piraíba, surubim; peixe de escama piranha e jacundá piranga (vermelho) que faz a mulher sangrar muito e demora passar e descontrola a data da menstruação. Uma das regras, não pode ir à roça menstruada porque o corpo está saruã[14] (ela narrou um fato de um dia ter ficado menstruada na roça). Segundo a informante (Helena, 2023) disse:

> Eu e meus três filhos fomos à roça descascar mandioca no igarapé, no retorno senti vontade de urinar depois que terminei verifiquei que estava suja, na mesma hora o jacu, o macaco, outros bichos começaram a gritar, o vento e as árvores começaram assobiar, trovão temporal e chuva, meus filhos olharam e viram o curupira. (Entrevistada, 2023).

Já ouvi muitos relatos sobre curupira, mas queria ter certeza de que o relato de Dona Helena era verdadeiro então perguntei: Qual de seus filhos estava com a senhora? Ela respondeu todos eles e o Zé também estava lá. Então disse: Venha cá Sr. Zé me conte como é esse tal de curupira? Ele se aproximou contou-me o que havia visto de fato, dizendo:

> Eu e meus irmãos vimos um homem mais de ou menos dois metros de altura, cabelo comprido quase no meio das pernas e o cabelo cobria o rosto e vinha andando em nossa direção; então carreguei meu irmão mais novo e corremos, olhamos para trás e percebemos que mamãe não havia saído do lugar estava desequilibrada e sem forças nas pernas; voltamos e seguramos pelo braço e fomos correndo para chegar na beira do rio e embarcar na canoa. (Zé, 2023).

Mas seu pai o Grande pajé, sentiu o perigo, fumou cigarro, benzeu de longe já sabia do perigo que seus entes estavam passando no meio da floresta e foi socorrê-los. Dona Helena e seus filhos retornaram para casa e seus pais foram ver o curupira, mas não havia mais nada, somente a pegada de seus pés virados para trás com dois palmos de comprimento. Aprende-se que em ciências devemos ser neutros, objetivos, evitar julgamentos e muito menos permitir que nossas crenças contaminem a pesquisa. Sabe-se dessa impossibilidade e da necessidade de praticar o desvio, mas posso comparar o mito do curupira com outros relatos de pessoas que

---

[14] - Saruã significa – A mulher fica saruã quando está menstruada, o corpo exala um cheiro muito forte e os animais da terra, da água e da floresta conseguem sentir à distância o cheiro, por isso a mulher tem tendencia a atrair doenças dos animais e espíritos da natureza por esse motivo tem que resguardar. (ENTREVISTADA).

comeram comida fria, comida que a fervura do caldo transbordou da panela, isso sim é um grande desafio para enfrentar o espírito da selva.

Um ser misterioso que habita a floresta, valente, vive no topo das montanhas ou dentro das cavernas e quando sai da sua casa acorda todos os bichos, porco, queixada, pássaros e as árvores, parecem falar, uma ventania forte que retorce os galhos das árvores e o dia vira noite, relâmpago trovoadas como se o curupira fosse a mãe da natureza, o homem ou mulher que está saruã (que se alimentou antes de tomar banho), que comeu comida fria ou passada, tem que se valer do Grande Espírito, ou dos santos, ou do valente poder do cigarro, ou queima folhas verdes de Yebaru[15], chicantá (seiva petrificada) que afugenta o espírito da floresta.

Por fim, a narrativa não trata do mito curupira, mas trata-se das regras que a mulher menstruada não cumpriu durante o resguardo da menstruação. E do homem que comeu comida fria, ou fruta como é o caso da pupunha e cará cozido, do dia anterior, é mais perigoso porque atrai os espíritos da mata, água, terra, ar, fogo, mexe com os quatro elementos da natureza. Toda a fúria natural resulta da quebra de regras que foi determinado pelo Pajé, ou benzedeira, que não se deve descumprir as ordens hierárquicas da família da cultura de um povo ou de um líder sábio, que conhece o espaço dos outros seres invisíveis que habitam a cosmovisão[16].

Compreendemos que nessa perspectiva de relação xamânica, o papel de Dona Helena com Deus e os santos é transmitir os saberes tradicionais que possui para sua neta, com mais clareza, transmitir os processos das técnicas da prática da cura, todos os rituais, de modo geral, informar e ensinar sobre a formação do corpo da mulher, as fases da gravidez, os resguardos pós-parto evitando certos alimentos nos momentos mais específicos da vida de uma mulher, como é o caso da primeira menstruação, gravidez, primeiro parto, batizado, benzimento, a primeira relação com os espíritos, paciente, divino e a primeira cura. E ela tem uma fé e respeito com a natureza, os animais, plantas, pedras e principalmente com o rio, os espíritos são encantados e podem encantar os seres descrentes que duvidam do sagrado.

1.3.1 Ser Mulher Indígena no fenômeno Yawanawá

Em seus estudos junto aos Kaxinawa (Mccallun, 1999; Saénz, 2017, p. 4) retoma a hipótese de Gow Peter (1991), que desenvolveu seu trabalho no Baixo Urubenda, no Peru, de

---

[15] Yebaru - Árvore encontrada na terra firme na floresta amazônica que é útil para lenha e produção de carvão

[16] A cosmovisão dos povos indígenas se fundamenta no animismo: crença na alma individual ou anima de todas as coisas e manifestações naturais.

que a organização social está atrelada aos processos generalizados envolvidos na produção, na reprodução, na distribuição e na troca.

É interessante notar que as mulheres colhem e cozinham a mandioca, fazem a caiçuma (bebida feita a partir da mandioca mastigada pelas mulheres) e a distribuem, além disso são responsáveis pelo cozimento dos vegetais e carne cruas e sua transformação em alimentos cozidos, enquanto os homens trabalham a terra, caçam e pescam e são responsáveis em fornecer os alimentos crus que as mulheres transformarão em alimentos cozidos.

A relação homem-mulher é central no processo social, tendo como base as capacidades dos homens e das mulheres para produzirem e reproduzirem as vidas (agência). Para a autora essa relação está intimamente ligada entre si, junto aos processos de produção, distribuição e consumo. E o de sexo, procriação e reprodução, ambos baseados no corpo humano. É preciso, no entanto, compreender, que a construção do corpo, e a construção das pessoas adultas constituem o fundamento da organização social kaxinawá, onde construir o corpo envolve inscrever diferenças em forma de gêneros. (Mccallun, 1999-200: Saéns, 2017, p. 1)

> Aqui as agências masculina e feminina são entendidas como dois tipos de agência humana, onde os homens e mulheres constituem dois tipos diferentes de seres humanos. Um corpo de mulher, que é formado desde a infância e, principalmente, a partir da menarca, através de um tipo de socialidade específica para o gênero feminino, junto à sua avó materna, torna-se apto a manifestar sua agência feminina, isto é, desempenhar as atividades que as mulheres realizam. O processo de formação da agência feminina passa pelo aprendizado das atividades relacionadas à alimentação, transformação dos alimentos crus em cozidos, transformação do sangue cru (menstruação) em crianças ('cozidas' em seus úteros), produção de fios e posteriormente tecelagem com desenhos *kenes*[17] O processo de aprendizagem feminino se dá dentro da comunidade, em estado de atenção consciente.

Enfim, vimos que os homens aprendem a agência masculina, isto é, realizam as atividades como a caça, pesca e trabalho na roça, agem tanto no estado conscientes, mas também em estados de consciência alteradas com uso de substâncias amargas alucinógenas como o Nixe Pãe[18] (Ayahuasca, bebida alucinógena de uso tradicional dos povos Pano inclusive os Yamakawa, que a conhecem como uni. Outro é o Kapum[19] Resina extraída da Rã com o mesmo nome que tem um efeito vomitivo purgante e tem mais o Tabaco, através de viagens pela floresta ou viagens proporcionadas pelo uso dessas substâncias.

---

[17] Kenes -são considerados pelas mulheres Kaxinawa como a escrita verdadeira (McCallum, 1999)

[18] Nixe Pãe são substâncias amargas e/ou alucinógenas como o *nixi pãe kapum*, tabaco e através de viagens pela floresta ou viagens proporcionadas pelo uso de tais substâncias.

[19] Kapum - Resina extraída da rã com o mesmo nome, que tem um efeito vomitivo purgante.

Portanto os xamãs ambos masculino e feminino que passam por uma iniciação, e demonstram um comportamento pertinente, para agenciar a cura, mediante o poder que lhe advém do seu contato, ou comunicação com os espíritos auxiliares, isso depende também da ancestralidade da família tradicional que tem o cuidado de repassar essa sabedoria aos escolhidos.

1.3.2 Ser Mulher Indígena Baré

Os momentos mais específicos da vida de um xamã, também chamados de benzedeiras, parteiras, curandeiras, que deliberadamente modificam seu padrão fenomenológico de atenção, percepção, cognição e alteração da consciência, para obter informações não disponíveis aos membros de um grupo social que lhes concederam status, privilégios no ato das suas práticas curativas faz conexão com entidades espirituais e a divindade, para obter respostas para o tratamento de doenças desconhecidas dos pacientes.

O primeiro benzimento, no caso o da benzedeira Helena, ela começou a benzer na adolescência desde os 13 anos de idade. É parteira de título desde 1994, já partejou 03 crianças e tem a prática de fazer descer a placenta da criança passando sal no cordão umbilical. Tem conhecimento prático, quando consulta uma mulher que está grávida, sabe sentir o tipo de sexo da criança na barriga, ao fazer isso muitas mães foram surpreendidas com a notícia.

As informações obtidas no campo, segundo dona Helena são atribuídas às forças ancestrais, guias e campos energéticos percebido por ela, e principalmente, pelo ente infinito, eterno, sobrenatural, existente por si só, mediado pelas orações e vela e na queima do objeto no qual são expressadas as doenças e as curas. Essas fontes foram constatadas, através de sonhos lúcidos, visões e uso de plantas poderosas como folha de pião roxo e vassourinha e o elemento que ela usa para se relacionar com (Deus) e/ou os santos é a oração que seu pai lhe transmitiu. Esse estudo foi importante porque demonstrou que o tipo ideal de xamã, na autoavaliação da entrevistada, é aquele que atende aos chamados espirituais para atender as necessidades sociais e espirituais de uma família, de um povo, de uma comunidade. Obtendo assim um *status* privilegiado na hierarquia social de um povo. E esse privilégio dá poder de dominação na sociedade tradicional, no ambiente de convívio, porque ela é procurada pela família de evangélicos para benzer seus filhos.

Os tipos de saberes tradicionais da prática do benzimento de Dona Helena é ajeitar barriga de uma grávida quando o neném está preso na barriga. Outro saber, é rezar para sarar

as feridas de homens, mulheres e crianças enfermas e tem uma duração de três dias para sarar as feridas. Ela detém conhecimento de oração para engasgo, pessoas que se engasgam com espinha de peixe, sempre procuram sua pessoa em busca da cura. Esses saberes ancestrais devem ser respeitados, visibilizados e contínuos.

A oração que ela não pode relatar faz efeito de imediato. Outra doença do corpo que é de seu domínio de cura é o cobreiro que são uma irritação em qualquer parte da pele, pequenas bolhas dolorosas que segundo à xamã é piolho de insetos que encosta na roupa, calça, camisa, vestido, toalha, ocorre quando a pessoa deixa roupas no varal para secar e anoitece fora de casa. Depois a pessoa veste a roupa e contrai o vírus que começa a irritar e doer no corpo e a cura é o benzimento com oração do cobreiro. Se o paciente não procurar o benzimento imediatamente as bolhas avançam para outras partes do corpo comprometendo a saúde do paciente, e a doença se cruzar o corpo da pessoa vai à óbito.

O poder do benzimento ocorre quando a benzedeira (Dona Helena) portadora de poder especial, recebe ao chamado dos ancestrais e entidades divinas, ela é capaz de controlar as forças desencadeadoras do desequilíbrio do corpo, da mente e espiritual de um ente seja homem, mulher, jovem e criança. Por intermédio do benzimento ela usa orações e plantas poderosas para garantir a cura e o funcionamento da normalidade de uma pessoa, devolvendo o equilíbrio e a saúde do ser. Em atividade de campo, observei Dona Helena benzendo uma criança recém-nascida, que ficou vermelha como camarão, e chorava sem parar; e a mãe da criança também chorava silenciosamente segurando o bebê do sexo masculino nos braços, sem poder caminhar porque tinha feito cirurgia.

Eu e Dona Helena fomos caminhando um quarteirão até chegar na casa da mulher; eu pude observar da sala a benzedeira benzendo o neném no quarto, que ainda estava muito vermelho seu rostinho parecia um cubiu. Ela terminou de benzer sem nada nas mãos, somente a oração e a conexão com Divino, o bebê parou de chorar e dormiu. Nada mais do que uma simples oração e a fé da Dona Helena e da mãe da criança aliviou a dor do inocente. Dona Helena disse que ela é muito procurada pelas pessoas, quase todos os dias têm gente batendo à sua porta.

Compreendemos que o poder simbólico dessa benzedeira na teoria de Bourdieu está na oração e na fé, de quem procura e de quem pratica o benzimento, no ato de abençoar, e desejo de melhorar; há sem dúvida uma equivalência de fé. E para que haja a cura de fato, deve haver três elementos essenciais a benzedeira, o elemento mediador da relação espiritual (Oração= vela= planta) e o doente. Reza também para pessoas não serem condenadas ou presas. Por esse

motivo ela é bem-conceituada e procurada para benzer os filhos de mulheres que são intimados pela justiça para não serem presos.

Enfim, os dados da pesquisa demonstram, que existe uma forte presença de mulheres benzedeiras que praticam o benzimento nos bairros do município de São Gabriel da Cachoeira. Reafirma que a benzedeira é uma importante liderança espiritual e especialista na área da saúde e cura de doenças do corpo e da mente. Ela protege o corpo do paciente com benzimento, contra doenças e ataques dos espíritos da natureza invisível equiparada aos Waimahsã[11].

A xamã faz a intermediação entre os seres e os espíritos dos elementos naturais e/ou com o grande espírito, invoca os santos (as) para buscar explicação da cura de doenças desconhecidas durante o sonho. Compreendemos que há benzedeiras vivendo nos bairros da cidade, que antes residiam nos sítios e comunidades indígenas na área rural.

Seu papel é benzer e proteger as pessoas e o lugar onde vivem, fechar o corpo e curar as pessoas que são desenganadas pelo médico. E confirma dizendo: "Temos que valorizar nossa cultura e os remédios caseiros para que o conhecimento dos nossos ancestrais permaneça". Nesse sentido, reafirmamos que nossa hipótese mais ampla sobre práticas xamânicas tem veracidade, de que os enfermos procuram primeiro os benzedores (as), e só depois buscam a medicina ocidental, caso não tenha se curado.

Reafirmo a fala de dona Helena que diz muitos pacientes tem vergonha de mostrar o corpo para os médicos e preferem se consultar com os benzedores(as). Dentre os pacientes, destacam-se homens, mulheres, jovens, crianças e recém-nascidos. A senhora Helena usa imagens de santos, vela, orações para se relacionar com os espíritos. Ela cura todos os tipos de enfermidades que são expressas pelos pacientes que a procuram. Para limpar e expulsar os maus espíritos do corpo doente e do lugar onde habita, usa plantas poderosas, folha de pião roxo, vassourinha, chicantá [20] branco (resina petrificada com cheiro aromático extraído de árvore).

Recomendamos ao poder público a valorização figuracional da cultura xamânica da mulher, benzedeira, curandeira, parteira, para dar visibilidade social com remuneração funcional, direito à participação de cursos de formação continuada, para exercerem suas práticas tradicionais junto à medicina ocidental. Solicitamos, a inclusão de Benzedeiras, Parteiras, Curandeiras, Rezadeiras nos protocolos de atendimento público de saúde em hospitais e UBS, para garantir a segurança, permanência e a continuidade das práticas de cura no Alto Rio Negro

---

[20] Chicantá – tipo de resina branca extraído de uma árvore da floresta amazônica que serve para defumar pessoas, casa, ambientes com presença de espíritos malignos com um aroma de ótima qualidade encontrado na mata de terra firme.

e pronto atendimento às mulheres indígenas e não indígenas. No capítulo seguinte, abordaremos o poder de dominação na relação xamânica.

SEÇÃO II - O PODER DE DOMINAÇÃO NA RELAÇÃO XAMÂNICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar algumas concepções acerca do poder simbólico presentes nas ideias centrais do pensamento do teórico clássico Pierre Bourdieu (1989), referente ao capítulo I. de sua obra "Poder Simbólico"- "Memória e Sociedade" na tradução de Fernando Tomáz, foi analisado os principais fundamentos das noções do poder simbólico, desenvolvidos em seus estudos para comprovar parcialmente o poder de dominação na relação xamânica, na tentativa de aproximar as diferentes formas do poder do benzimento feminino de mulheres indígenas Baré ao poder simbólico em Bourdieu, onde os indivíduos, doentes são condicionados, submetidos às práticas tradicionais de cura com plantas medicinais de poder, por relações de forças exteriores e ocultas, que muitas vezes são conscientemente percebidos pelos pacientes, ao tratamento das práticas do benzimento de mulheres com poder de cura com auxílio dos seres ou forças divinas sobrenaturais.

2.1 O Poder Simbólico em Bourdieu

Neste segundo capítulo, o trabalho está voltado para análise da obra do Sociólogo francês Pierre Bourdieu que produziu a obra chamada "O Poder Simbólico e nesta teoria, (Bourdieu, 1989, p. 1) tem-se afirmado nos últimos anos, como uma das mais inovadoras no campo das ciências sociais, influenciando diversas pesquisas sociológicas, antropológicas e históricas, logo é um estudo que pode ser utilizado em diferentes campos científicos.

Compreende-se que nada impede de praticarmos o exercício de aprendizagem da abordagem do poder simbólico em Bourdieu, ao lado de minha pesquisa sobre o exercício masculino e feminino do benzimento, que sempre existiu nos domínios das práticas tradicionais de mulheres, mesmo que tenha se apresentado predominante entre os homens. A produção bourdieusiana é importante para realizar aproximações de relações poder de dominação na relação xamânica nas sociedades tribais, nos sistemas de ensino ou transmissão de conhecimentos, nos processos de reprodução, nos critérios de classificação e até em lógicas de distinção entre os sujeitos.

Na abordagem de Bourdieu, os sujeitos de sua pesquisa foram os Cabilas do Norte da África, ou seja, uma sociedade tribal que vivia às margens da sociedade moderna, cujos fenômenos de contato cultural foram caracterizados a partir da organização familiar, da percepção do tempo, do espaço e da visão de mundo. Diante disso, sua atenção encontrava-se situado no centro dos mecanismos de reprodução, Bourdieu (1989, p. 2) fez um cruzamento da problemática da educação com a origem social dos estudantes Cabilas do Norte da África.

O sociólogo percebeu que o sistema de ensino, era um mecanismo de reprodução de práticas e de representações sociais que estavam relacionadas com a aparente igualdade de oportunidades e questionava em função das diferenças de capital econômico, social e cultural entre os estudantes, as quais eram decisivas nas escolhas de níveis superiores de formação (Os herdeiros, Estudantes e cultura, Paris, Minuit, 1964, Reprodução. Elementos para uma teoria da violência simbólica, Paris, Minliit, 1970, ambas escritas com C. Passeron). Estes estudos, para ele, foram decisivos para evidenciar que o problema de educação está na origem social.

a) Problema da Educação e a Origem Social

Bourdieu referiu-se à ideia de que o sistema educacional, ao invés de ser um simples instrumento de igualdade de oportunidades, de fato, funcionava como um mecanismo que gera desigualdades sociais nas instituições de ensino. Ele argumenta que o sistema educacional não é neutro (que não se posiciona nem a favor nem contra) ou imparcial, (não privilegia ninguém e nenhuma parte), mas refere-se a uma ferramenta que reproduz e mantem as desigualdades já existentes na sociedade.

Na teoria de Bourdieu, a educação perde o papel que lhe foi atribuída de instituição transformadora e democratizadora e passa a ser mantedora e legitimadora de privilégios das classes sociais. No caso ele faz uma crítica inversiva, dizendo que a escola é espaço reprodutor de desigualdades sociais.

Uma explicação mais detalhada da teoria de Bourdieu sobre a relação entre educação e origem social salienta que a origem social dos estudantes (isto é, a classe social, o capital econômico, social e cultural) influência de forma direta o desempenho do aluno no sistema ensino. Ele sublinha que a educação, em vez de corrigir desigualdades, muitas vezes acaba sendo uma forma de reproduzir as desigualdades, as práticas e as representações sociais de classes sociais dominantes. Bourdieu frisava que o Capital Econômico, Capital Social e Cultural interferem na produção de desigualdades educacionais e contribuem na problemática

da educação de um país e no modo como a educação articula diferenças e oportunidades educativas com modos desiguais de pertencimento social.

b) Capital Econômico, Social e Cultural

Para Bourdieu capital econômico, refere-se aos recursos "financeiros e materiais" de um núcleo familiar que determinam o acesso a uma educação de qualidade. A posse desses recursos, tem grande influência na determinação do jovem ter acesso à educação de qualidade. Ele observou que em uma sociedade desigual, as famílias que possuíam mais recursos financeiros conseguiam oferecer melhores oportunidades educacionais aos seus filhos como acesso a melhores escolas, materiais didáticos e além dos muros da escola. Bourdieu consegue desvelar, que a educação não é apenas uma questão de mérito individual e nem um esforço mental ou físico, mas a soma de condições sociais e econômicas.

Enfim, o capital econômico familiar afeta diretamente as oportunidades educacionais que os membros têm acesso, e acaba reforçando as desigualdades sociais. Vimos que ao longo dos seus estudos, o autor faz uma discussão de diferentes formas de capital econômico, cultural e social) como eles se interrelacionam e impactam a posição dos indivíduos na sociedade. Verificamos que o capital econômico dá o poder de acesso e a possibilidade de mobilização social principalmente no contexto da educação. E o terceiro elemento analisado por Bourdieu foi o capital social.

C) Capital Social

Capital social são as redes de ralações sociais e conectividade entre indivíduos, que facilita o acesso a oportunidades profissionais e educacionais. Para Bourdieu, o conceito de Capital social, está relacionado às redes de relacionamento social que a pessoa possui. Melhor dizendo, são as pessoas com quem o indivíduo se relaciona e as redes nas quais está inserido que podem providenciar o acesso a oportunidades em diversas áreas do conhecimento, incluindo o sistema de ensino e o mercado de serviços. Esse relacionamento se dá entre amigos, familiares, colegas de trabalho, orientador, ainda mais qualquer outro tipo de conexão que facilita o acesso as informações ou recursos financeiros.

Podemos exemplificar num contexto educacional, um indivíduo que tem um bom capital social por meio de suas conexões ser indicada para uma vaga em uma escola conceituada. Essa pessoa passa a ter acesso a materiais didáticos e na maioria das vezes até mesmo a informações

privilegiadas sobre oportunidades educacionais. O ingresso desse indivíduo pode ser determinante para o sucesso acadêmico e profissional.

O capital social é uma forma de "recursos sociais" que pode ser mobilizada de maneira estratégica para conseguir vantagens em vários aspectos da vida, incluindo a educação. Termo oposto do capital econômico, que estava relacionado diretamente ao dinheiro e bens materiais, o capital social está relacionado a uma rede de contatos que é construída ao longo da vida e pode ser decisiva para a mobilidade social das pessoas envolvidas nesse sistema.

Portanto, Bourdieu destaca como as redes sociais de interações podem funcionar como um meio para a reprodução das desigualdades sociais dos indivíduos. Aquelas pessoas que fazem parte das redes sociais mais "privilegiadas" têm mais acesso as oportunidades na vida, enquanto aqueles que estão fora dessas redes podem enfrentar mais dificuldades.

d) Capital Cultural

O capital cultural envolve saber, o conhecimento, as experiencias, os comportamentos e as habilidades que uma pessoa adquiriu ao longo da vida, como, por exemplo, a cultura familiar, a língua falada em casa, são aprendizagens, esse capital cultural é crucial para o sucesso no sistema educacional e são fundamentais para as escolhas das áreas educacionais, dos cursos que pretende fazer e facilita o acesso aos níveis mais altos de formação e sucesso na carreira profissional.

Pierre Bourdieu desenvolveu o conceito de Capital Cultural para se referir ao conjunto de comportamentos, habilidades, atitudes, práticas, saberes que os indivíduos adquiriram ao longo de suas vidas e esses procedimentos são transmitidos nos ambientes institucionais como a escola, família e sociedade. Compreendemos que no contexto do poder simbólico o capital cultural se manifesta de diversas formas: como a língua falada em casa, os valores, os conhecimentos culturais e sociais. Essas diferentes formas de conhecimento, não são reconhecidas de forma evidente, como o capital pela população, mas seu papel ocorre com mais frequência na mobilidade social e nas possibilidades educacionais.

Compreendemos que na conjuntura teórica do poder simbólico bourdieusiana, que o capital cultural, tem fundamental importância pois está diretamente relacionado com a capacidade de oportunidade para a pessoa acessar ou se inserir na rede de ensino com maior capacitação e prestígio social. O autor enxerga a educação como um órgão de reprodução das

desigualdades sociais, visto que o capital cultural de um determinado aluno possui, poderá influenciar diretamente no sucesso de sua carreira acadêmica.

O autor destaca o “capital cultural e o sucesso do indivíduo no sistema educacional”. Nesse trecho, o conceito em destaque sugere que os alunos com maior capital cultural (aqueles jovens cujas famílias possuem mais acesso a recursos educativos, cultura escolar ou maior valor na carreira acadêmica) tem maior probabilidade de navegar no sistema educacional em consequência obtém melhores êxitos. Já aqueles com menos capital cultural, muitas vezes proveniente de contextos familiares e sociais marginalizados, enfrentam maiores dificuldades para compreender as normas, os valores e práticas que a educação formal exige.

O capital cultural também influencia nas escolhas educacionais e área de formação de cada discente. Os indivíduos que foram expressas a um maior repertório cultural, intelectual e social, eles escolhem áreas de formação que demandam maior capital cultural. Podemos exemplificar com alguém que cresceu em um ambiente institucional que valoriza a arte, música, a ciência poderá ter maior facilidade e interesse em seguir a mesma área ou carreira profissional.

Finalmente, o capital cultural contribui para facilitar o acesso aos níveis mais elevados de formação, superior. As pessoas com mais capital cultural têm mais facilidade em se adaptar entender e se ajustar ao sistema educacional, podem conectar redes sociais que favorecem o ingresso em universidades de prestígio, e têm maior "habilidade" para utilizar o discurso acadêmico e os códigos sociais requeridos nesse ambiente.

Enfim, compreendemos que o conceito de poder simbólico, explorado por Bourdieu, está relacionado aos diferentes tipos de capital econômico, social, cultural, foram reconhecidos, valorizados e legitimados dentro de uma sociedade. O poder simbólico é a capacidade de impor significados e de definir o que é "legítimo" e "valioso" dentro de um determinado contexto social. Sob a ótica da análise bourdieusiana o capital cultural, foi reconhecido como legítimo, especificamente no ambiente do sistema educacional, onde os saberes e as práticas culturais valorizadas pelos sistemas de ensino e são vistas como “norma" que define o sucesso da pessoa.

Consideramos que aqueles que têm acesso e domínio desses significados simbólicos possuem mais poder em consequência mais oportunidades. Portanto o capital cultural é a chave para entender as desigualdades sociais e educacionais e está ligado diretamente a ideia do poder simbólico, onde as práticas são valorizadas sobre outros, (certas formas de agir, comportar-se e expressar) vão perpetuando assim uma dinâmica de exclusão e privilégio no campo educacional e em outras esferas da vida social os mecanismos de reprodução de desigualdades.

e) Mecanismos de reprodução de desigualdade:

Quando Bourdieu fala sobre o sistema educacional como um "mecanismo de reprodução", ele está afirmando que as diferenças de capital entre os estudantes não são apenas reconhecidas pela sociedade, pelas famílias, contudo são reforçadas pela própria estrutura do sistema educacional. Compreendemos que o pensamento em relação a educação de Pierre Bourdieu é exemplar para qualquer sociedade humana, seja ocidental ou indígena (Bourdieu,1989, p. 02) porque até hoje, em pleno século XXI, as desigualdades sociais preexistentes são perpetuadas por meio do sistema educacional nas escolas públicas. Este fato é perceptível na Educação Escolar Indígena, nas Escolas Estaduais, nas escolas Infantis e escolas das Comunidades Indígenas. E isso não é uma coincidência, mas um resultado de um sistema que favorece quem já tem mais recursos e as instituições favorecem sempre os que tem capital econômico, social e cultural. Essa contribuição de Bourdieu gerou o questionamento da igualdade de oportunidade na educação de jovens de classe mais favorecida e menos favorecida e faz questionamento sobre termo da igualdade de oportunidade.

f) Questionamento da "igualdade de oportunidades"

Bourdieu questionou a ideia de que a educação oferece "igualdade de oportunidades" a todos, porque ele verificou que as oportunidades realmente oferecidas a todos dependem das condições pré-existentes de cada aluno. Ele observou os estudantes de famílias mais favorecidas, com maior capital cultural, econômico, social e desvelou que esses alunos têm mais chances de ingressar, prosperar no sistema educacional, enquanto aqueles estudantes de classes sociais baixas enfrentam dificuldades, muitas vezes devido à falta de apoio, de recursos e pertencem às famílias pobres, tem dificuldade de passar no vestibular, e difícil acesso aos cursos mais privilegiados, como direito, medicina etc.

Enfim, compreendemos que Bourdieu, desafiou a ideia de que a escola é um espaço onde todos têm as mesmas chances de sucesso. Mas o autor, verificou que o sistema de ensino contribuía para a manutenção da organização social existente, e ele desvendou que a diferença de capital entre os estudantes serviu para dar explicação das desigualdades na área educacional e social. O sociólogo, introduziu o conceito violência simbólica, que se refere às normas, valores, e práticas sociais que foram e são impostas de maneira quase invisível, mas que moldam as percepções das pessoas sobre a realidade que é vista como natural e legítima, mas que, na verdade, beneficia certos grupos, causando prejuízos a outros.

Para melhor entendimento vamos exemplificar com certas expectativas de gênero, classe social, etnia, que são internalizadas de tal maneira que as pessoas veem como normal, natural e não interrogam suas origens, suas práticas, modos de comportamentos. Isto é que as relações de poder (como a dominação de um grupo sobre outro) se tornam invisíveis e aceitáveis pela maioria das pessoas, que acaba dificultando a luta contra essas desigualdades sociais. A "violência simbólica" torna-se poderosa porque muitas vezes as pessoas não têm consciência de que estão sendo condicionadas por essas normas, tornando-se uma dinâmica de submissão.

Na formulação de noções operatórias Bourdieu destacou os principais conceitos em seus estudos: a) habitus, b) reprodução, c) poder simbólico, d) capital simbólico, e) distinção, f) campo social.

a) Habitus - é fundamental porque é um objeto de estudo criado para ajudar a explicar como os indivíduos reproduzem as coisas muitas vezes sem questionar, as estruturas de poder e as normas sociais dominantes. Segue-se com a reflexão do conceito de habitus que o autor se referiu ao conjunto de disposições duráveis, transferíveis, que são as maneiras de sentir, pensar, agir e perceber algo que os indivíduos desenvolveram ao longo da vida que sustenta a dominância simbólica sendo internalizado pelas experiencias e influências pelos sujeitos de maneira inconsciente e moldam os pensamentos, percepções e ações das pessoas desde a infância, caracterizando-se por três aspectos: a) Disposições duráveis: o habitus é relativamente estável difícil de sofrer mudanças. b) Estruturas estruturadas e estruturantes: O "*habitus"* é constituído e sofre influências externas da classe social, da educação, da família, da cultura em que os indivíduos estão inseridos, ao mesmo tempo, vai organizando e moldando nosso comportamento e pensamento e funciona como uma "estrutura" subjetiva que nos guia e orienta.

Então como o habitus molda os indivíduos? O habitus molda nosso comportamento, nossas ações, percepções de maneira tão profunda, de modo que nem percebemos essas mudanças. Ele nos faz agir, pensar e sentir de determinada maneira que nem se tem consciência plena desses comportamentos. Dessa forma os indivíduos internalizam as normas, valores do grupo social sem fazer questionamentos, porque os hábitos se tornam invisível. d)A dominância simbólica: Para o autor era um dos aspectos mais importantes da teoria social era o habitus.

A dominância simbólica referia-se ao poder das classes sociais dominantes e a maneira de impor suas normas, valores e formas de ver o mundo. E a ferramenta para internalizar essas normas era o habitus que mesmo sem percepção acabavam reproduzindo as desigualdades entre as classes sociais seja no campo educacional, social, cultural.

O que importa é entendermos que essa imposição de poder não é algo aparente, ela acontece de forma natural, porque os indivíduos internalizam esses valores e normas do grupo dominante como se fosse normal e lógico, isso tendem a manutenção da desigualdade e estrutura social já existente.

Portanto, o habitus é um conjunto de (disposições) que moldam as ações, os pensamentos dos seres humanos de forma inconscientes, ajudando na perpetuação da visão e interesse das classes dominantes e através do hábitus que é possível entender as dinâmicas das desigualdades entre os grupos e classes sociais.

b) Reprodução - Em Pierre Bourdieu, a reprodução social refere-se à forma como as desigualdades sociais são transmitidas de geração em geração através do sistema educativo e de outras instituições sociais. A teoria da reprodução de Bourdieu, especialmente explorada em "A Reprodução" com Jean-Claude Passeron, destaca como a escola, apesar de ser um espaço aparentemente neutro, perpetua a desigualdade ao privilegiar e legitimar a cultura dominante, o que leva a alunos de classes dominantes a ter mais sucesso. No papel da escola estão presentes elementos de reprodução dos sistemas sociais desiguais, portanto a instituição escolar não oferece oportunidades iguais aos que acessam os processos educativos e as políticas educacionais.

c) Seu texto aponta que a invisibilidade da mulher xamã é resultado da sobreposição de fatores históricos (Inquisição), culturais (patriarcado) e sociais (dominação religiosa e colonial). A retomada dessas histórias é um ato de resistência e de revalorização da sabedoria ancestral feminina, que continua viva mesmo sob outras denominações e formas. A estrutura central da obra de Bourdieu foi o Poder Simbólico, pois esse poder invisível, permeava todas as discussões e interações sociais descritas por ele. E a questão crucial foi o conceito de poder simbólico em si, que envolvia a capacidade de impor significados e de ser reconhecido como legítimo em um campo social.

E o poder estava intrinsecamente ligado ao conceito de dominação e legitimação das relações de poder. Esse tipo de poder não depende da força física ou do controle direto sobre recursos materiais, mas sim na capacidade de certas pessoas ou grupos de definir o que é legítimo, o que é "normal" ou "natural", e, consequentemente, serve para moldar as percepções e comportamentos das pessoas. Em essência, o poder simbólico é aquele que opera pela imposição de uma visão de mundo, muitas vezes de forma tão sutil que as pessoas não percebem que estão sendo influenciadas por ele.

Para Bourdieu, o poder simbólico é essencial para manter e reproduzir as estruturas de desigualdade social, pois ele atua sobre as crenças e práticas que sustentam as divisões sociais e culturais. O indivíduo internaliza esse poder através do que ele chama de "habitus", o conjunto de disposições adquiridas ao longo da vida que orientam a ação social dos indivíduos. Para Bourdieu, o poder simbólico é essencial para manter e reproduzir as estruturas de desigualdade social, pois ele atua sobre as crenças e práticas que sustentam as divisões sociais e culturais. Em síntese, o poder simbólico de Bourdieu é um tipo de poder invisível, mas profundamente presente nas sociedades que exerce influência ao moldar e legitimar normas e valores, consolidando as relações de dominação e desigualdade nas sociedades tribais.

d) Capital Simbólico - O conceito de capital simbólico está profundamente ligado ao poder simbólico, assim sendo, o capital simbólico é uma das maneiras pelas quais esse poder simbólico se realiza, são os agentes que utilizam para impor suas maneiras de ver o mundo. Seu principal objetivo refere-se ao prestígio, à honra como também ao reconhecimento que o indivíduo pode acumular dentro do campo social, tornando-se um instrumento poderoso de manutenção ou subversão de poder (revolta contra a ordem social). A prevalência da violência simbólica. O autor afirma que:

> Esta mensagem de texto não permitirá que você tente apresentá-la equilíbrio de um conjunto de peixes sobre ou número de simbolismo situação escolar de tipo particular, no número da conferência universidade estrangeira (Chicago/abril de 1973), não deve ser lido como uma história, minha escola, as teorias do simbolismo, nem sobretudo como uma forma de reconstrução pseudo-hegeliana do caminho que teria duração, por superações sucessores, da “teoria final” (Bourdieu, 1989, p.7).

Em síntese, para Bourdieu, o capital simbólico é o reconhecimento social e a honra, um tipo de poder derivado da acumulação e reconhecimento de outros tipos de capital (econômico, cultural, social). É a capacidade de legitimar e impor o reconhecimento da própria posição e dos seus bens, mesmo que não sejam materiais. O capital simbólico, no pensamento de Bourdieu, é um conceito complexo que vai além da mera acumulação de bens ou recursos. Ele representa a capacidade de um indivíduo ou grupo de ser reconhecido e respeitado por outros, e de usar esse reconhecimento para moldar a realidade social.

f) O Campo Social - O campo social se refere uma das bases para a compreensão e manifestação do poder simbólico e no seu ambiente estruturado ocorre as relações sociais e lutas pelo poder simbólico e disputas para o reconhecimento e a legitimação de diferentes formas de capital simbólico. O sociólogo descreve como diferentes grupos lutam pelo controle

simbólico e pela imposição de suas próprias definições da realidade social. Pierre Bourdieu revela em sua teoria o campo social como um espaço onde as relações sociais e disputas ocorrem não apenas bens, recursos materiais, mas acima de tudo pelo poder simbólico que constitui o controle de significados, símbolos e valores da sociedade.

Entendemos que dentro desse campo, Bourdieu apontou diferentes indivíduos, grupos que competem entre si para manter e conquistar as formas de poder e capital simbólico, que podia se manifestar em prestígios, reconhecimentos e autoridades. Havendo disputas que envolviam a luta por legitimação, visões de mundo, significados e práticas sociais. Portanto, o campo social, é um conceito criado para definir, um espaço de confronto, interações onde os indivíduos disputam os valores e significados essenciais para organização social e manifestação do poder simbólico que é uma das categorias de análises desta pesquisa.

Em resumo, Bourdieu demonstrou que o poder simbólico não é somente uma questão de controle de ideias, mas manifestou como essas ideias moldam e são moldadas pela dinâmica dos campos sociais, intelectuais e culturais em que circulam. Portanto, a produção do conhecimento está imersa nas lógicas sociais complexas e disputadas, aonde essas ideias e os significados têm um papel fundamental na construção e reconfiguração da sociedade. E a ideia central do texto é que as ideias não são independentes; elas estão ligadas a contextos sociais e culturais específicos, e o poder simbólico de quem define esses contextos influencia como as ideias são entendidas e propagada.

Consideramos que o trabalho de entender o percurso científico de Bourdieu é muito complexo, ainda mais quando se trata da tradução e interpretação do discurso acadêmico ocidental com contexto cultural do xamanismo masculino e feminino. No entanto, como veremos em item posterior o acesso às abordagens deste autor permitiu ajustar a compreensão sobre os fenômenos do xamanismo como forma de poder e conhecimento que são estruturados também sobre as diferenças de gênero.

Na obra “Poder Simbólico”, encontramos várias novidades de investigação, os principais conceitos analisados pelo autor, na qual podemos destacar a classificação dos objetos analisados: a) Sociedades tribais, sistemas de ensino, processos de reprodução, critérios de classificação e lógicas de distinção). b) Na reorientação do olhar (atento aos fenômenos de percepção social, da produção simbólica e das relações informais de poder). c) Na formulação de noções operatórias (1. habitus, 2. reprodução, 3. poder simbólico, 4. capital simbólico, 5 campos social.

2.2 O Poder xamânico pode ser explicado pelo Poder Simbólico em Bourdieu

O xamanismo feminino, enquanto prática espiritual, cultural, social, oferece uma perspectiva rica e complexa sobre a manifestação e a experiência do poder simbólico. Vimos que em muitas culturas indígenas, as mulheres xamãs, benzedeiras, curandeiras, parteiras desempenham papéis cruciais como mediadoras entre o mundo espiritual e a comunidade indígena e seu poder é frequentemente simbolizado através de rituais de benzimento, conhecimentos tradicionais e práticas de cura com orações, plantas, velas, cigarro e charuto.

Para entender a natureza desse poder feminino, a teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu oferece uma lente analítica poderosa para compreensão dos problemas que envolvem o conceito de poder simbólico para descrever como a influência e a autoridade são exercidas não apenas através de força ou coerção, mas através da imposição e aceitação de significados e interpretações das práticas e fenômenos sociais.

Compreendemos que o conceito de poder simbólico**,** desenvolvido por Bourdieu**,** referiu-se à capacidade de impor sentidos e significados que com o tempo vão se tornando legítimos e naturalizados pelas estruturas sociais, sem a necessidade do uso da força física ou coerção explícita. O poder simbólico, portanto, é manifestado no ritual do benzimento, pela linguagem, das práticas culturais, das instituições familiares e símbolos que vem moldando a percepção das pessoas sobre o mundo xamânico. Ele afirma que é um poder invisível, mas muito eficaz, que atua sobre os indivíduos com seu consentimento implícito.

No contexto das benzedeiras**,** este poder simbólico se expressa por meio da construção de sentidos e significados culturais vinculados às práticas religiosas, culturais e de cura dos enfermos. Os benzimentos, os rituais de reza e uso de ervas vão sendo legitimados por uma tradição indígena enraizada na fé, na crença, no habitus do benzer e no saber ancestral que vai moldando o pensamento a prática de cura com plantas medicinais.

Essa legitimação simbólica não é imposta, mas os indivíduos reconhecem e é aceita pela comunidade indígena conferindo a mulher benzedeira, curandeira, parteira uma autoridade espiritual e social. Deste modo, o poder simbólico que elas exercem se insere nas dinâmicas das práticas culturais e sociais como uma forma de resistência cultural, cuidado da manutenção de saberes tradicionais que, embora à margem da medicina ocidental, possuem profunda eficácia simbólica e social no município de São Gabriel da Cachoeira. Esse poder não é imposto, mas aceito pela comunidade, porque se fundamenta em uma tradição enraizada na fé, na confiança e no saber tradicional.

Enfim, tanto para Bourdieu quanto para as benzedeiras, o poder simbólico não se impõe pela força, mas pela aceitação e internalização dos significados culturais e simbólicos. No caso das benzedeiras, esse poder se manifesta na forma de cura de doenças desconhecidas, proteção do corpo contra os encantados, espíritos e acolhimento dos indivíduos validado pela fé e pela tradição dos povos originários. Compreendemos que no contexto do xamanismo feminino indígena da etnia Baré, o poder simbólico se manifesta na forma como as práticas de cura e as crenças no benzimento são integradas e valorizadas dentro das comunidades indígenas e nos bairros da cidade de acordo com o depoimento das mulheres entrevistadas.

E como as mulheres xamãs (benzedeiras, curandeiras, parteiras e rezadeiras) detêm um capital simbólico significativo, que é constituído pela sua capacidade de interagir com o mundo espiritual e de influenciar a vida cotidiana por meio de rituais de benzimento, nascimento de criança, ritual da menina moça, período da gravidez e práticas de cura de vários tipos de doenças desconhecidas, com banhos, plantas de poder, plantas de espíritos e plantas alucinógenas que são ingeridas por algumas mulheres xamãs que nesse estudo não será aprofundado.

Esse capital simbólico não só reflete a posição social e a autoridade das mulheres xamãs dentro de suas comunidades, mas também molda a percepção coletiva do poder de cura e da influência espiritual com o mundo real. E a teoria do poder simbólico de Bourdieu permite analisar como o status dessas mulheres xamãs são construídos e mantidos através de práticas simbólicas do benzimento da cura de doenças com as plantas medicinais e o poder simbólico influenciando as estruturas sociais e as dinâmicas de gênero.

Somente através da investigação das formas como o conhecimento xamânico é transmitido, valorizado e legitimado, podemos entender melhor como o poder simbólico é exercido e negociado no contexto do benzimento feminino das mulheres Baré. Este olhar “bourdieusiana” revela como o poder simbólico feminino pode desafiar, sustentar ou transformar relações de poder xamânico existentes, oferecendo insights sobre a intersecção entre gênero, espiritualidade e autoridade.

Espero que este texto ajude o leitor a contextualizar a relação entre o xamanismo feminino e a teoria do poder simbólico de Bourdieu. Para Bourdieu, o poder simbólico é essencial para manter e reproduzir as estruturas de desigualdade social, pois ele atua sobre as crenças e práticas das sociedades tradicionais que sustentam as divisões sociais e culturais.

O indivíduo internaliza esse poder através do que ele chama de "habitus", o conjunto de disposições adquiridas ao longo da vida que orientam a ação social, as práticas culturais Em síntese, o poder simbólico em Bourdieu é um tipo de poder invisível, mas profundamente

presente nas sociedades tradicionais que exerce influência ao moldar e legitimar normas e valores, consolidando as relações de dominação e desigualdade entre os indivíduos benzedor e benzido.

Posta por Bourdieu (2021, p.12) como meio pelo qual há uma legitimação da dominação masculina no modo como se vivencia e se impõe – se submissão feminina – no modo em que se aceita e acata o imposto, a linguagem simbólica se apresenta como "violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou em última instância, do sentimento" dentro do quadro da lógica dominante quanto pelo dominado, essa lógica da dominação se exerce por um princípio simbólico encontrado em uma língua (ou maneira de falar), em um estilo de vida, (ou maneira de pensar ou agir), e ainda, em uma cor de pele.

Em dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica, são analisadas em Bourdieu (2021); Mayara (2023 p. 52), a partir das relações dos camponeses da montanha de Cabília, investiga as estruturas objetivas e cognitivas que levam à dominação masculina, não somente de mulheres, mas de todo o tecido social desta comunidade. Partindo da visão androcêntrica[21], com a qual toda a Europa compartilha tradições, a sociedade Cabila se alicerça nos esquemas de percepção inconscientes, que guiam a diferenciação entre homens e mulheres através de sistemas, termos e metáforas de oposições homólogas (dentro/fora, úmido/seco, quente/frio) que ganha valor (superior/inferior/masculino/feminino) através da cultura objetiva desse povo e subjetiva dos indivíduos, para instituir uma ordem social.

Nesse contexto, as representações simbólicas reproduzidas nesse meio são incorporadas como normais, naturais e, até mesmo inevitáveis. Estando presente nas coisas, nas relações do mundo social, "e em estado incorporado, nos corpos e nos *hábitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação" (Bourdieu, 2021, p. 22). Essa incorporação dos esquemas de percepções evidencia a ordem masculina ao ponto de não necessitar de justificação, pois sua visão (superioridade masculina) é naturalizada e a ordem social a reforça em todos os seus nichos[22]. Assim o autor demonstra que:

---

[21] Androcêntrica - Foco em homens, homens e/ ou masculinidade. Origem de "androcêntrico": andro- é grego e significa "homem", "vigoroso", "forte" ou "vital".

[22] Nicho- Para Bourdieu, o conceito de "nicho" é fundamentalmente representado pelo conceito de campo. Este é um espaço estruturado onde se desenvolvem lutas e relações de poder, com regras próprias e específicas para cada nicho.

> A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservadas às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2021, p. 24; Mayara, p. 54).

Nesse trecho Bourdieu (2021) compreende que a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, onde a sociedade estava organizada de uma maneira que simbolicamente tende reafirmar a desigualdade entre os gêneros. Que as normas, as tradições, linguagens, os papeis sociais, reforçam sem a gente perceber, que o masculino é o padrão dominante. E na divisão sexual do trabalho, ele destaca que os homens e mulheres são colocados nas funções distintas como se fosse determinado por uma lei natural. Os homens exercem atividades públicas, de prestígio ocupam os espaços de liderança nas assembleias, nos mercados são visibilizados enquanto as mulheres exercem tarefas privadas, domésticas, cuidam dos afazeres domésticos, estábulos, vegetais, água. Até os espaços físicos são divididos e simbólicos da desigualdade. A estrutura do tempo também carrega esse viés dos momentos de ação e ruptura masculino, são lembrados e valorizados como heróis (ex. guerras, políticas). Já as mulheres são lembradas dos longos períodos e silenciosos como gestação, cultivo e cuidado. Apesar de serem essenciais para salvar vidas e cuidar da saúde de muitas pessoas.

Verificamos que o sociólogo Bourdieu estava mostrando que a dominação masculina não é apenas uma questão de força ou autoridade direta, mas algo muito mais sutil e profundo: ela é reproduzida e mantida por símbolos, costumes e estruturas invisíveis que estão em todos os cantos da sociedade no espaço, no tempo, no trabalho, na linguagem, até mesmo dentro da casa. Ele quer nos fazer enxergar que essas divisões não são naturais, mas construídas historicamente para manter certos poderes. Este fenômeno de dominação de poder também ocorre no ritual do xamanismo feminino.

2.3 O Poder do benzimento do xamanismo feminino

Essa categoria refere-se aos resultados do trabalho de investigação do campo sobre 04 mulheres benzedeiras, curandeiras, rezadeira e parteiras da etnia Baré que vivem na cidade de São Gabriel. O objetivo desse estudo foi analisar o poder do benzimento, baseado na técnica da entrevista semiestruturada para compreender o papel da benzedeira no contexto do poder

simbólico do benzimento, do xamanismo feminino de 04 participantes da pesquisa, o corpo da benzedeira, e o ser mulher benzedeira.

Foram desvelados os saberes tradicionais sobre ervas, plantas curativas, plantas de espírito que tem poder de cura, essa prática tradicional tem grande importante para recuperação da saúde dos povos originários aqui no município de São Gabriel. Esses conhecimentos ancestrais do poder do benzimento feminino devem ser resguardados, permanecer nas mãos das mulheres benzedeiras e serem repassados aos jovens que são dotados de dons especiais ou aqueles escolhidos pela benzedeira que serão os guardiães desse conhecimento. E essa prática tradicional deve ser respeitada, visibilizada, valorizada pelo poder público. Vimos que do conhecimento empírico que nasce o conhecimento científico e as práticas tradicionais de cura contribuem para a saúde dos povos originários.

Portanto, as informações dos relatos coletados no campo são verdadeiras, baseadas nos problemas de investigação, nos valores, normas e princípios fundamentais das experiências, memórias vivenciadas das mulheres benzedeiras, parteiras e curandeiras que tem poder do benzimento. As respostas desses problemas serão classificadas de acordo com a idade da benzedeira no sentido decrescente.

Qual é o tipo de poder da pajelança? (benzimento) Foi desvelado que o poder do benzimento vem de Deus, (Tupana), na concepção de Dona Uzenir França, durante a conexão dela com a espiritualidade e na hora que está sendo praticado o ritual do benzimento, o poder vem do pensamento e da fala na hora de bem dizer as orações, ela deseja que a pessoa fique curada e o poder acontece em poucos minutos a cura acontece, essa energia positiva ocorre da relação da benzedeira com o com a divindade. Assim que ela termina de benzer as dores e o sofrimento desaparece instantaneamente como se fosse um passo de mágica. A melhora é repentina como se fosse uma mágica.

Na concepção de Dona Arminda, o poder do benzimento da comunicação (oração) vem dos Santos de Nossa Senhora do Bom Parto, para orientar na hora de partejar, o poder é tão grande que nenhum parto é complicado, ela coloca a criança na posição de nascer. E para ela tem um grande significado de ajudar a salvar vidas e ajudar a dar à luz, ver a mãe com o neném no colo são e salvos. Ela se sente realizada, satisfeita, aliviada e poderosa.

Quanto ao poder do benzimento de Dona Helena, compreendemos que o poder simbólico está na oração e na fé, no ato de abençoar, e desejo de melhorar; há sem dúvida uma equivalência de fé. Tanto da benzedeira quanto do benzido e para que haja a cura de fato, deve haver três elementos essenciais a benzedeira, o elemento mediador da relação espiritual (Oração

+ vela+ planta = doente), Reza também para pessoas não serem condenadas ou presas. Dona Neném, diferente das demais benzedeiras, respondeu que o poder vem do pensamento da oração, da relação da curandeira com a espiritualidade (entidades). Ela pegou o charuto nas mãos e ficou admirando o objeto uns cinco minutos, como se estivesse admirando algo divino, depois pegou um isqueiro e acendeu o charuto e fumou, fumou e soltou a fumaça do charuto, na chama do charuto ela consegue identificar o mal, o tipo de doença que o paciente tem, enquanto o charuto queima, a imagem da doença aparece na brasa, a imagem do mal que foi aplicado na pessoa como por exemplo uma caveira, ou outra figura.

2.4 O Poder da cura com plantas

O que é o poder xamânico? A arte do xamanismo é, portanto, um chamado para desvencilhar os enigmas da cultura indígena e não indígena. Souza (2018), sublinha que são várias as formas de se trabalhar e desenvolver o xamanismo, entre os povos indígenas, para antigos povos Tupinambás, os atuais Bororó, os Tapirapé, os Guaranis, utilizam apenas o tabaco durante os rituais para entrar em contato com os espíritos.

Os xamãs Yanomamis usam plantas alucinógenas fortíssimas para se conectar com o sobrenatural e assim realizar as práticas de cura dos enfermos. Depois de ingerir a bebida dotadas de saberes sobrenaturais, os pajés das etnias amazônicas, manipulam a natureza, em prol do bem-estar comunitário, que de maneira singular ocorrem através de seus cantos e orações, tais como chamar chuva em época de seca, ou então interrompê-la quando é muito forte ou excesso.

O xamanismo no país, tem se tornado visível no cenário político indígena, principalmente através das multiplicidades de relações que os xamãs indígenas desenvolveram com diversos setores e instituições, porque além de serem líderes espirituais, têm também um papel central comunitário nas lideranças indígenas. Além do que têm o mais importante, o poder de cura com o poder do benzimento, e a conexão com os espíritos da natureza que vivem nas águas, no ar e na floresta.

No povo Kaingang, os kujàs, ou Kujás, como são chamados os xamãs/pajés, dominam o fenômeno do xamanismo, sendo que uma das principais preocupações dos kujà é a continuidade de suas práticas xamânicas. São amplamente estudados na literatura de Maréchal (2019), cujo título é ´´A práxis xamânica Kaingang na modernidade/colonialidade: uma política da floresta”, pesquisa essencial que disponibiliza informações sobre o fenômeno do xamanismo

neste povo. Nessa literatura, é exposto que a continuidade é ligada a três eixos interdependentes: a transmissão de poder é a primeira, que se dá entre o kujà atual e um futuro potencial, geralmente um membro da família. A continuidade dos conhecimentos, foi a segunda preocupação dos xamãs, ligados às práticas xamânicas, porém, compartilhados por todos os membros de uma comunidade, ou de uma unidade familiar.

E o terceiro, do qual dependem intimamente os dois primeiros: a continuidade da vida da floresta e dos seres que a habitam. Os kujà eram os responsáveis por manter um equilíbrio social que dependia desses três eixos e do seu entrelaçamento.

Além dessa temática, cabe ressaltar o papel que o xamanismo tem tido nessas últimas décadas, na pessoa do xamã Davi Kopenawa que alicerça o xamanismo ao fortalecimento da luta dos povos indígenas. A reconhecida liderança deste xamã da etnia Yanomami, tem chamado a atenção do mundo sobre os problemas e a vulnerabilidades que os povos tradicionais têm enfrentado diante da política brasileira em relação a seus direitos (Kopenawa; Albert, 2010).

Por intermédio do benzimento Dona Helena usa orações e plantas poderosas para garantir a cura e o funcionamento da normalidade de uma pessoa, devolvendo o equilíbrio e a saúde dos pacientes com uma duração de três dias consecutivos de acordo com a enfermidade, que muitas vezes adquiriram na festa de Santo. “As festas, ocasiões em que a música kuximawara[23] assume papel especial, fornece um momento para intensas trocas socioculturais entre os grupos indígenas que pertencem ao contexto pluriétnico local.

Essa prática da música popular atualiza o entendimento indígena sobre música e conecta vários povos que habitam a região há mais de 5000 anos (Descola, 1992 apud Vasconcelos Neto, 2020, p.52), entre eles o povo Baré, Tukano, Baniwa e outros. Nesses espaços de socialização que são os centros comunitários, onde dançam, pagam promessas e compartilham comidas, bebidas, compartilham conhecimentos e contraem doenças as vezes desconhecidas. Depois de terem contraídas as doenças, procuram primeiro o benzedor, ou benzedeira para tratamento das doenças desconhecidas.

Enfim, os dados da pesquisa demonstraram, que existe, de fato mulheres benzedeiras, que praticam benzimento nos bairros do município de São Gabriel da Cachoeira. Podemos reafirmar que a benzedeira é uma importante liderança para proteção do corpo, do espírito. Vários são os tipos de doenças do corpo e ataques dos espíritos da natureza como da água, mata,

---

[23] Kuximawara é uma palavra em nheengatu que significa “de antigamente”.

fogo e terra, contra as pessoas que desobedecem às regras sociais. Ela que faz a intermediação entre os seres e os espíritos e/ou com o grande espírito, os santos, santas e Tupã[24] (Criador do Universo e de todas as coisas) para buscar explicação da cura de doenças desconhecidas.

Verificou-se que há benzedeiras vivendo nos bairros da cidade que antes residiam nos sítios e comunidades indígenas na área rural. Seu papel é benzer e proteger o espírito, fechar o corpo e curar as pessoas que são desenganadas pelo médico. Como afirma dona Maristela (entrevistada, 2020), sua filha que sofria de depressão, havia tentado suicídio duas vezes, e a mãe recorreu aos costumes indígenas e a medicina ocidental, levou a jovem de 22 anos a benzedores e aos médicos de São Gabriel e ela melhorou. Ela afirmou com convicção: "em caso de doença, sempre recorro primeiro ao benzimento e aos remédios caseiros". E confirma dizendo: "Temos que valorizar nossa cultura".

Nesse sentido, reafirmamos que nossa hipótese mais ampla sobre práticas xamânicas tem consistência de que os enfermos procuram primeiro os benzedores (as), e só depois buscam a medicina ocidental, caso não tenha se curado e reafirmo a fala de dona Helena: "Diz que muitos pacientes têm vergonha de mostrar o corpo para os médicos e preferem se consultar com os benzedores(as). Dentre os pacientes, destacam-se homens, mulheres, jovens, crianças.

A senhora Helena para se relacionar com o grande espírito, com imagens de santos usa vela e orações para curar todos os tipos de enfermidades que são expressas pelos pacientes. Para limpar e expulsar os maus espíritos do corpo doente e do lugar onde habita, usa plantas poderosas, folha de pião roxo, vassourinha, chicantá [25] branco (resina petrificada com cheiro aromático extraído de árvore). Recomendamos ao poder público a valorização da cultura xamânica, dar visibilidade das práticas de cura, com remuneração funcional, participação dos cursos de formação, com produção de conhecimento tradicional junto a medicina ocidental.

Sugerimos, ainda, a inclusão de Benzedeiras, parteiras, curandeiras, rezadeiras nos protocolos de atendimento público de saúde no hospital e Unidade Básica de Saúde nos bairros que é de extrema necessidade a presença de benzedeira para a prática da cura do corpo humano e proteção contra o ataque dos maus espíritos e/ou encantados.[26]

---

[24] Tupã - Criador do Universo e de toda as coisas.

[25] Chicantar – tipo de resina branca extraído de uma árvore da floresta amazônica que serve para defumar pessoas, casa, ambientes com presença de espíritos malignos com um aroma de ótima qualidade encontrado na mata de terra firme.

[26] Encantados – são homens e mulheres que no território de maneira invisível, sua morada como é chamada por muitos é nos rios, igarapés, lagos, açudes, olho d'água e mata google, dicionário online de português acesso em 18/09/2023

A benzedeira é uma senhora portadora de poderes especiais, que recebe poder dos ancestrais, dos espíritos e das entidades divinas, ela controla as forças desencadeadoras do desequilíbrio do corpo, da mente e espiritual de um ente seja homem, mulher, jovem e criança. Por intermédio do benzimento ela usa orações e plantas poderosas para garantir a cura e o funcionamento da normalidade de uma pessoa, devolvendo o equilíbrio e a saúde do ser.

SEÇÃO III - OS SABERES TRADICIONAIS E UMA ANÁLISE DO CAMPO

Este terceiro e último capítulo do trabalho resulta de uma análise da pesquisa de campo que é o espaço de estranhamento, dúvidas, aproximação e conquistas dos pesquisadores rumo ao desconhecido, a parte mais complexa da produção científica, que se torna possível com a aplicabilidade do método e das técnicas da pesquisa.

O campo é o *locus* no qual o sujeito pesquisador tem contato direto com os sujeitos epistêmicos pesquisados e o objeto de investigação científica, neste lócus também realiza a coleta de informações baseadas nos problemas e questões de sua pesquisa. E esse contato do investigador com o investigado é inevitável, porque faz parte de uma norma científica, porque sem aplicabilidade do método, o discurso não se torna ciência. E antes do primeiro contato direto com os investigadas, fizemos o reconhecimento do campo social que se refere uma das bases para a compreensão e manifestação do poder simbólico. E nesse ambiente estruturado ocorrem as relações sociais e lutas pelo poder simbólico e disputas para o reconhecimento e a legitimação de diferentes formas de capital simbólico.

Este último capítulo, refere-se a análise das informações obtidas no campo, os saberes da prática tradicional do benzimento que herdaram de seus ancestrais, o corpo da mulher xamã, tipos de saberes, o protagonismo feminino, os tipos de poderes e a prática da cura de 04 mulheres indígenas da etnia Baré, que se autodenominam de benzedeiras, curandeira, rezadeira e parteiras e são reconhecidas pelos comunitários dos bairros do Centro, da Praia, do Dabaru e Miguel Quirino de benzedeiras e parteiras. E elas possuem um dom natural de curar pessoas enfermas com plantas medicinais, plantas de poder e plantas de espíritos.

Elas nasceram nos sítios e residem no município a há mais de 40 anos na sede do município e prestam serviço como agente de saúde da medicina tradicional em suas residências, curam os pacientes que apresentam doenças desconhecida com seus dons espirituais, e muitas vezes foram desenganados pela medicina ocidental. O método fenomenológico foi fundamental para extrair os conhecimentos subjetivos que as 04 mulheres benzedeiras, parteiras e

curandeiras expressassem suas histórias de vida, suas vivencias, as diferentes formas de benzimento, os saberes tradicionais, cura de doenças com plantas medicinais. E a técnica do questionário semiestruturado possibilitou a organização das respostas das questões referentes aos capítulos de forma sistematizada. Esse conhecimento é um tesouro ancestral que hoje está sendo conhecível graças à participação dessas senhoras que se disponibilizaram contribuir com a investigação proposta no projeto de pesquisa.

A pesquisa é de suma importância, porque a diversidade de mulheres benzedeiras se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa se enriquece e transmite o patrimônio cultural da humanidade, mas através de reza, benzimento, banho com plantas de poder, modos de criação, produção e difusão dos seus saberes, que permanecerão no seio de sua cultura tradicional xamânica (benzedeiras) que é uma representatividade divina da ancestralidade natural e existente em São Gabriel. E os resultados correspondem aos problemas e objetivos geral e específicos da pesquisa, que apontam a resistência do sentido e significado da ação individual de mulheres xamãs, em praticar o benzimento, para melhor compreensão, os resultados dos problemas estão organizados em ordem decrescente, conforme consta no projeto de mestrado.

O objetivo geral do referido projeto foi compreender as diferentes expressões da prática tradicional xamânica, apresentando as formas de poder do xamanismo feminino em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. No Alto Rio Negro, quem detém os conhecimentos são os mais velhos, que são conhecidos como sábios, anciões, sacacas, pajés, rezadores, benzedores (as) e curandeiros, Kumu, hipãh que podemos traduzir como saberes, conhecimentos ou mesmo saber-fazer, sendo que cada clã detém conhecimentos específicos, que podem ou não ser compartilhados e seus detentores mantêm a discrição de transmitir aos seus descendentes e tem conhecimentos que não podem ser compartilhados porque é um conhecimento particular de uma família.

A transmissão de saberes envolve sempre familiares, pais e filhos, avós e netos e a pessoa que vai receber o conhecimento é escolhido entre os irmãos e esses saberes são sempre associados a um determinado clã (Pozzobon, 2002). Como é de costume para os povos originários do Rio Negro os etnoconhecimentos são transmitidos principalmente através da linguagem oral. Muitos Hupda repassam os conhecimentos durante as festas, como o ipadu e o caxiri. Notamos que a transmissão dos conhecimentos tradicionais entre os povos huppd'äh ocorre através da oralidade de duas estruturas: a primeira oral com demonstração e a segunda

oral com Kapi[27] uma bebida enteógena utilizada nos rituais. Vejamos então, que a aquisição do conhecimento se dá também pela "observação", "escuta" e "prática das atividades do dia a dia. Todas elas, envolve os mais velhos, os sábios, avô, avós, tal prática foi também, descrita por Durvalino Chagas (2001, p.41). Para o antropólogo Renato Athia

> Nessas ocasiões, os lugares, e os espaços que são usados para proferir as narrativas, se tornam necessárias onde as festas, os rituais de iniciação são os momentos centrais para falar dos saberes tradicionais, no entanto todos os momentos podem ser aproveitados para a transmissão, nos banhos matinais, caçadas, pescaria na selva e nos locais de trabalho. (Athias, 2010, p.6).

De fato, o desenvolvimento de meios para facilitar a transmissão dos conhecimentos de cura é a experiencia coletiva de vida; compreendemos que o processo de transmissão entre os povos originários desta região de grande diversidade cultural, pressupõe sempre a presença de especialistas que são os Kumuã[28] que assumem a tarefa de transmitir o conhecimento tradicional para seu grupo social a um novo membro que ainda não os conhece. E a memória é o eixo central no processo narrativo e o sucesso do método de aprendizado dependerá dessas pessoas especialistas (Sabana,1997; Fontoura, 2006 p.14) principalmente os pais e os avôs.

Os saberes tradicionais são mantidos na memória dos mais velhos ou das mais velhas que repassam aos parentes mais próximos, para manter uma estrutura organizacional de seu clã. Já nos processos de aprendizado, uma das formas de transmissão de saberes aos novos membros são: a aquisição do etnoconhecimento, se dá pela observação, escuta e prática das atividades cotidianas.

Para Sabana (1997), as ocasiões, os lugares e espaços apropriados para proferirem os mitos se tornam necessários e importantes, os momentos são aproveitados para dar mais informações sobre as noções do saber fazer tradicional. No que se refere a divisão social do trabalho as tarefas são divididas de acordo com sexo e idade. Nas comunidades indígenas o pai é responsável pelo sustento da casa e proteção familiar. A figura masculina se responsabiliza em transmitir os saberes da cultura, como conhecer um terreno na terra firme para roça, próprio para plantio de banana, maniva para produção da farinha, os meninos aprendem a roçar, derrubar e queimar o roçado, os pais ensinam os lugares bons para pescar pequenos e grandes

---

[27] Bebida enteógena nos rituais de Dabucuri no Alto Rio Negro

[28] Kumuã – São os anciãos indígenas aplicam o chamado bahsessé, um tipo de benzimento oriundo do Alto Rio Negro que evoca a presença de seres da floresta que, segundo eles detêm todo o conhecimento sobre a humanidade. (Acesso dia google em 16/04/2025).

peixes e procurar isca para o pescado em lugares difíceis, aprendem a conhecer as madeiras de lei, as plantas medicinais, as plantas venenosas, plantas para todo tipo de enfermidade.

Aprendem lugares para caçar, animais de grande porte e de pequeno porte e a caçar com cachorro e ainda insetos como caba caçadeira, misturado com pimenta (juquitaia) para dar aos cachorros para ficarem marupiara[29]. Seguem as normas, regras para não serem atacados pelos espíritos da floresta e da água, respeitar os lugares sagrados da natureza pedras, praias, poços e igarapés (lagos).

Adquirem habilidades para produzir apetrechos de pesca, caniço, zagaia, puçá, arpão, arco e flecha, zarabatana, conhecem canto de pássaros e aprendem a confeccionar adornos, cocar com penas de pássaros como Jacú[30], mutum, garça, tukano, gavião e papagaio. Os meninos desde criança aprendem a enfrentar os perigos da natureza e se tornam homens destemidos caçam e pescam a noite respeitando os lugares sagrados pelos ancestrais.

O pai se responsabiliza por transmitir os conhecimentos da cultura e outras atividades aos filhos, como a escolha do terreno para abertura dos roçados, as técnicas de armadilhas de caça e pesca, lugares de caçar, como deverá dirigir a um lugar sua unidade doméstica de produção e consumo (Athias, 1995). A noite é o momento mais esperado pelos filhos, o dono da música ou mestre do canto e danças, por sua vez ensinam os meninos os cantos e danças. Durante as festas, culturais, as casas comunais (centro comunitário), funcionam como principais trocas de saberes específicos. Fontoura nos lembra que:

> Durante as noites, quando todos se encontram acomodados, sem que qualquer barulho os incomode, a mente está descansada para a memorização dos extensos conteúdos relativos à trajetória percorrida por seus ancestrais (Fontoura, 2007, p. 217).

Enfim, pode-se compreender que os saberes são mantidos nas memórias dos mais velhos e são transmitidos aos mais novos através da língua materna, de forma oral, todo tipo de atividade da vida social do saber fazer, o menino vai crescendo e vai se tornando um homem, responsável, guerreiro, caçador, pescador, construtor pai de família para garantir a continuidade da espécie humana e a permanência da cultura.

---

[29] Marupiara – adjetivo e substantivo de dois gêneros no Amazonas – diz -se a pessoa que tem sorte na caça e na pesca. Diz-se de pessoa que se sente feliz, que foi favorecida pela sorte. (acesso em 20/01/2024).

[30] Jacú – Penelope é um gênero de aves craciformes, que contém quinze espécies, o grupo é encontrado na América Cenral e do Sul onde habita zonas de florestas.

Eles detêm o conhecimento da natureza, através das narrativas míticas no contexto vivido por eles, fazem questão de transmitir essas histórias aos filhos e esses ritos norteiam suas atividades, dentro de um esquema próprio do lugar, onde os mitos são referência geográfica, história e cosmologia. Consideramos que a linha hierárquica sinalizou que os detentores dos saberes têm responsabilidade na educação informal de seus filhos, os homens, pai, avô, tio paternos comtemplam os saberes específicos do clã.

E esses etnoconhecimentos são literalmente trocados em festas de Dabucuri com os sons de Jurupari. É preciso entender, como ocorre a transmissão de saberes entre as mulheres? As mães e Avós relatam para as filhas, etnoconhecimentos sobre as regras de ser mulher, de parentesco, da primeira menstruação, casamento, a primeira gravidez e cuidados com o corpo delas, o que devem comer durante a gravidez e pós-parto, o resguardo.

As mães assumem as tarefas de ensinar as filhas todas as atividades que uma mulher deve realizar durante sua vida, como cuidar do seu corpo durante a menstruação, o que deve e não deve comer, ensinam as suas filhas como cuidar do corpo durante a gravidez e após a gravidez, amamentação, aprendem a culinária amazônica específico da etnia, a ticar, cozinhar peixes e como preparar caças e fazer todo tipo de comida regional.

As sábias, ensinam as filhas lavarem, roupas, cuidar de casa e dos irmãos mais novos, aprendem a fazer as técnicas de plantio da maniva, limpar o terreno (capinar) fazer o puxirum (chamamos de Ajuri quando uma família precisa terminar de plantar, capinar as roças e até mesmo fazer farinha), convida os vizinhos para terminar os serviços.

As idosas ensinam para suas filhas e netas a técnica do plantio da roça, os dias apropriados para plantar, as fases da Lua que favorece o crescimento das plantas e a produção da mandioca, das frutas e raízes silvestres. Elas ensinam as meninas desde cedo as técnicas da produção da farinha, as meninas fazem beiju, curadá, maçoca, tapioca, tucupi, sabem onde encontrar saúva para botar no tucupi, elas buscam na floresta raízes que servem para remédio caseiro. Elas aprendem os afazeres domésticos, lavar roupas, cozinhar carne de animais de pássaros limpar e arrumar a casa. Aprendem com sua avó a tecer cesto desde cedo, fazer aturá, tubo e cestos com tucum, arumã e cipó.

As mulheres originárias, ensinam as suas filhas serem mulheres guerreiras, líderes de sua família e mães de família responsáveis pelo sustento da casa na ausência de homens. Elas são pescadoras, fazem armadilha de pesca, buscam isca para não deixar faltar o necessário para seus filhos ensinam seus filhos a serem homens corajosos e valentes guerreiros.

Desde muito tempo, o homem recorre a mãe natureza em busca plantas para o alívio de suas dores do corpo e da alma. Grande parte desse conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas curativas foi construído de forma empírica por parte dos povos tradicionais. Tanto o homem quanto a mulher herdaram de seus ancestrais a prática da observação, comportamento humano, dos animais e o domínio pratico de plantas enteógenos (que estabelecem comunicações com divindades espirituais), utilizadas principalmente pelos líderes religiosos ou xamã de uma comunidade, também são importantes nesse processo de acumulação do conhecimento.

Esses saberes tradicionais são repassados pela oralidade através das gerações salvo em publicações de cunho etnográfico e/ou etnobiológico que visam registrá-los (Di Stasi, 1996). Nós pesquisadores, como também os cientistas estamos preocupados com as elevadas taxas de extinção de espécies de plantas e animais que servem para cura de certas doenças do corpo que estão sendo derrubados, queimados e pirateados pelos turistas. Somos um país de destaque em saberes tradicionais herança da ancestralidade que também é um dos elementos da biodiversidade que devem ser conservados.

Dentro de diversas comunidades indígenas no Alto Rio Negro, os mais jovens já não se interessam pelos mistérios e/ou segredos da natureza, como faziam nossos antepassados, e muitos deles são seduzidos pela nova tecnologia dos centros urbanos (Begossi et al., 2006). Atualmente, há um grande interesse dos etnobotânicos no estudo e publicação dos saberes tradicionais, entre eles o uso das plantas medicinais (Oliveira et al., 2009). Desse modo, criou-se a expectativa de um diálogo entre os saberes tradicionais e os saberes científicos, onde dúvidas da ciência são respondidas pelo etnoconhecimento e vice-versa.

Portanto, ambos saberes podem e devem caminhar juntos nessa Região do Alto Rio Negro numa perspectiva de processos experimentais e troca de conhecimentos que determinadas comunidades indígenas possuem utilizam, cultivam, coletam e preparam as plantas medicinais que podem ser esclarecedoras para o campo científico, para saúde e crença dos seres humanos do mesmo modo que o conhecimento científico adquirido pelos cientistas, a detectação de substâncias tóxicas, ou até mesmo a validação do uso de certas plantas medicinais, advindo do desenvolvimento tecnológico, é um importante retorno para a prática cotidiana das populações tradicionais.

Enfim, o município de São Gabriel da Cachoeira é um lugar sagrado de acordo com o pensamento social dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro e das mulheres indígenas benzedeiras participantes do trabalho. O processo de transmissão do conhecimento, dos povos

originários desta região, sempre pressupõe de existência de especialistas que são os indígenas mais velhos da comunidade que assumem o papel de transmitir de forma oral os saberes para garantir a permanência dos conhecimentos ancestrais para futuras gerações. Os conhecimentos são compartilhados nas rodas de conversas comunitárias a noite, nos campeonatos de jogos e comemorações festivas e durante os trabalhos comunitários chamados de ajuri trabalho de mutirão.

E Dona Uzenir França Cardoso 80 anos narra que o espírito da floresta (Curupira) é quem revela a propriedade das plantas curativas e espirituais. Os saberes tradicionais são mantidos na memória dos mais velhos ou das mais velhas que repassam aos parentes mais próximos, para manter uma estrutura organizacional de seu clã. Para Sabana (1997), as ocasiões, os lugares e espaços apropriados para proferirem os mitos se tornam necessários e importantes, os momentos são aproveitados para dar mais informações sobre as noções do saber fazer tradicional.

Por fim, na concepção de (Silva, 2023, p.150) a política colonial religiosa, laica, civil e militar desenvolvidas durante os séculos XVIII e XIX, "contribuiu para redução da diversidade das nações indígenas, fragmentou a identidade originária, apagou parte da memória ancestral com a proibição da língua materna, elemento essencial para transmissão dos conhecimentos originários". Nos séculos XX e XXI esses processos se aceleraram, mas não destruíram a capacidade de o poder simbólico tradicional se reconstituir, e mesmo se reproduzir, como é o caso dos saberes dos pajés.

Parafraseando a autora pode-se dizer que os indígenas vencidos politicamente pela colonização e pela nacionalização brasileira, subordinados como grupos inferiores estão em franco processo de reconstituição de suas identidades e dispositivos culturais, os súditos da colônia transformados em cidadãos subalternos hoje estão fazendo sua história, revitalizando sua memória ancestral para mostrar o verdadeiro pensamento social amazônico aos brasileiros e ao velho mundo. Alguns elementos desses processos podem ser compreendidos na trajetória das mulheres benzedeiras que participaram dessa produção.

3.1 A trajetória da Mulher: benzedeira, curandeira, rezadeira, parteira

Figura 1- Mulher Indígena Benzedeira / Parteira

Fonte: Ilzanilde França, 2024.

A Parteira, benzedeira, artesã Dona Uzenir França Cardoso 80 anos nasceu no Sítio Iria, em 1939, hoje Terra Indígena do Médio Rio Negro II. Viúva mãe de 11 filhos, dez mulheres e um homem. É uma agente de saúde tradicional que partejou 100 mulheres e ajudou-as "dar à luz" 100 crianças. Sua religião é Católica Apostólica Romana, estudou o ensino primário na Missão Salesiana e pertence ao Povo Baré. Possui 02 Títulos de Parteira fez curso de capacitação para Parteiras Indígenas, em março de 2007 em Manaus. E participou do curso no encontro Estadual, Parteiras Tradicionais, Inclusão e Melhoria da qualidade Domiciliar no SUS em 2009 em Manaus, na Área Técnica de Saúde da Mulher – SUSAM/AM. Sua primeira experiência foi na Comunidade de Curicuriari, localizado na Terra Indígena no médio Rio Negro I.

Ela foi convidada pela sua irmã Mônica de Oliveira França para assistir um parto muito complicado. Sua irmã foi uma das primeiras parteiras da Santa Casa no Município de São Gabriel da Cachoeira, que teve a honra de repassar esse conhecimento a ela, dizendo que possuía um dom divino no ato de partejar ou ajudar a dar a Luz e a Salvar vidas de mulheres e crianças. Eu levei uns três meses frequentado a casa da Dona Uzenir para de fato ter excelentes resultados dos problemas de investigação.

Figura 2- Mulher Indígena Parteira/ Rezadeira

Fonte: Ilzanilde França, 2024.

A última participante da pesquisa foi essa mulher maravilhosa chamada Dona Arminda Santos da Cruz, 79 anos de Idade, nascida em Bawari, acima da Ilha das Flores, no Rio Caiari. Mora no Centro da cidade no Bairro Carlos Teixeira desde pequena. Uma senhora de estatura alta, pela clara da etnia Baré. Casada, mãe de 06 filhos 03 meninos e 03 meninas. Possui título de parteira fez cursos técnicos. Participou do curso no encontro Estadual, Parteiras Tradicionais, Inclusão e Melhoria da qualidade Domiciliar no SUS em 2009 em Manaus, na Área Técnica de Saúde da Mulher – SUSAM/AM. É colega de curso da Dona Uzenir França Cardoso. Recebeu proposta para trabalhar e fazer partos no hospital de guarnição por um tempo, mais disse que sempre gostou de atender as mulheres na sua casa ela se sente mais segura e confortável. Sua especialidade é partejar e ajeitar barriga de mulheres. Colocar útero no lugar e benzer criança com mal olhado. Aos 30 anos de idades começou a sua carreira de parteira tradicional, partejando mulheres de militares, mulheres indígenas, moças novas que tinham vergonha de ir ao hospital, mulheres com problemas de útero baixo, com bebê mal posicionado na barriga, ela possui uma habilidade técnica excepcional no ato de tirar dor e colocar útero no lugar. Essa senhora, demonstrou uma paixão, segurança e habilidade na prática de ajudar as mulheres a darem à luz. Com quase 80 anos ela continua exercendo sua função de agente de saúde indígena com a técnica tradicional.

Figura 3- Mulher Indígena Benzedeira / Parteira

Fonte: Ilzanilde França, 2024.

A Dona Helena Fidelis da Silva, benzedeira e parteira, 68 anos – da etnia Baré – nascida na serra do Cabarí em 1955, na Ilha de Trovão, em frente a comunidade São Miguel, no Alto Rio Negro. Foi casada, hoje viúva, mãe de 07 filhos, 04 homens e 03 mulheres. No seu nascimento foi benzida e desde criança, ela acompanhava as práticas de benzimento de seu pai, que era benzedor forte (sacaca[31]), desde pequena, Dona Helena começou a ter sonhos que eram concretizados, e era vista pelos comunitários como uma "vidente", porque tinha visões durante o sonho.

A partir disso, Dona Helena conquistou o respeito e confiança tanto das crianças da comunidade, como de seus próprios irmãos, e assim, ficou conhecida por toda região e iniciou suas práticas de benzimento ainda na adolescência, com 13 anos. Os rituais de benzimento, forças espirituais e energias positivas foram transferidas de seu pai para ela.

[31]- Denomina-se sacaca à pessoa que advinha e prediz tudo o que vai acontecer ou já aconteceu com paciente sem mesmo conhecer.

Figura 4- Mulher Indígena Curandeira

Fonte: Ilzanilde França, 2024.

Dona Neném nasceu na ilha das Flores, se denomina de curandeira, tem 71 anos, pertence ao povo Baré. Atualmente mora no Bairro do Miguel Quirino. Ela tem sete filhos, dois homens e uma mulher. Casou-se foi morar no Rio de Janeiro depois separou e migrou para a Venezuela, e devido à crise econômica e o problema do Governo Nícolas Maduro Moros, presidente da República da Venezuela que estava maltratando a população, proibindo as famílias comprar as coisas, voltou ao Brasil, para o município de São Gabriel. Como ela pontua, "só podíamos comprar uma coisa de cada produto", "Ai ficamos chateados e viemos embora para o Brasil, chegamos aqui sem nada, porque viemos fugidos ra (em nheengatu bem) Procuramos nossos parentes para nos acomodar depois fui falar com prefeito aí ele deu esse pedaço de Terra para gente morar; meu filho que fez uma casinha para mim". Dona Neném, também chamada de benzedeiras pelos comunitários, se autodenomina de curandeira, ela altera sua consciência, atenção e percepção quando fuma charuto para obter informações sobre o paciente no mundo espiritual, ela fica disponível durante o ritual da cura aos membros de um grupo social que lhes concedeu status e privilégio. Desde os 13 anos começou a praticar a cura. Ela nasceu com os dons divinos, desde criança que ela tem uma amiga espiritual. Que ensinou ela conhecer as plantas medicinais, quando foi para Colômbia e já com 27 anos; começou a praticar o curandeirismo, o uso do Charuto, que ela disse que tem vários sabores. Eu fui várias vezes na casa da Dona Neném e conversávamos sobre plantas medicinais e essa foi a primeira

pergunta dirigida a ela: A ação da prática xamânica (benzimento) é um dom ou um aprendizado adquirido? Como foi sua inserção? As respostas aos problemas foram iguais para todas as quatro senhoras.

O primeiro dado demonstrou que a ação da prática xamânica, segundo a concepção da participante, os Waimahsã também cuidam desses espaços da natureza, e a relação entre os humanos e humanos invisíveis não são harmônicas é sempre de conflitos, negociações e trocas. Portanto nós os povos originários não vivemos em harmonia com esses seres, temos que respeitar seus espaços e ao mesmo tempo é um aprendizado ancestral e cultural, ela foi ganhando experiências na vida de acordo com os tipos de partos e as complicações que cada mulher apresentava, como exemplo o parto seco "xiri sagica"[32] geralmente são os partos mais difíceis de fazer, que necessita de um conhecimento técnico.

Ela como profissional da Saúde, usava, sempre álcool para esterilizar os materiais para mediar o parto. Tesoura, fio de tucum para amarrar o cordão umbilical, uma bacia, um coeiro, algodão, sabonete, água morna para dá banho morno no bebê e na mulher parida. De acordo com os resultados da pesquisa a resposta foi unânime todas falaram que a prática do benzimento é um dom e um aprendizado. A Dona Arminda Santos da Cruz, iniciou a trajetória com 30 anos de idade, começou a trabalhar na Pastoral com as crianças, sempre que alguém necessitava, ela fazia remédios caseiros. Ela se considera parteira, mas sempre faz benzimento para crianças que estão com quebranto, ou mal olhado. Ela sempre amou partejar, trabalhou na Santa Casa ou enfermaria primeiro hospital dos Padres, localizado no Centro da cidade.

Ela não hesitou em responder que o ato de partejar é um Dom Divino e por isso tem que cumprir esse propósito e continuar partejando e cuidando das mulheres que mais precisam, mesmo aposentada ainda continua recebendo mulheres grávidas e doentes com mãe do corpo e com sua sabedoria tradicional consegue curar todas elas, por isso é respeitada pela maioria das mulheres de São Gabriel.

E a Dona Neném iniciou o curandeirismo com 22 anos no Rio de Janeiro. Mas aperfeiçoou suas práticas de cura na Colômbia e aqui no Brasil tem muitas pessoas que lhe procuram, mas a comunidade do seu Bairro a chama de Benzedeira e foi aperfeiçoando e aprendendo cada vez mais na imersão do charuto. Ela só consegue benzer quando fuma charuto e se conecta com a divindade que ela evoca é nesse momento que ela vê a doença e fala o motivo da doença. Na concepção de Dona Helena Fidelis, ela nasceu com esse Dom e outra

---

[32] - Xiri sagica – Na língua Nheengatu sainha tikanga, que não tem líquido na bolsa impedindo o nascimento de criança.

parte do conhecimento foi repassado pelo seu pai e aprendeu benzendo, a cada benzimento seu poder aumenta. Ela se declara “católica”.

Ela sempre que era convidada para realizar um parto, primeiro se conectava com uma santa Nossa Senhora do Bom Parto. Porque ela diz ser católica apostólica Romana, e aprendeu a rezar sozinha pois sua mãe era venezuelana, casou-se muito jovem e perdeu muito cedo sua mãe que não ensinou a Dona Uzenir orar. Ela afirmou ter conhecido um padre chamado Carlos que ao olhar sua pessoa disse-lhe “Você tem um Dom dado por Deus!” O padre confirmou dizendo outra vez: Cabrita, você é uma doutora da praia! Ainda vai salvar muitas vidas!

E a quarta participante a Dona Arminda Santos da Cruz, informou que é católica, batizada, crismada e casada; falou que Deus deixou esse dom de partejar e ela tem que cumprir essa função, é o destino dela cuidar das mulheres e de crianças que necessitam do seu benzimento. Já a Dona Neném respondeu que é católica apostólica romana e acredita em Deus, nos anjos celestiais, santos e nas 12 entidades que ela denomina de santos em espanhol.

E Dona Helena, que também é católica apostólica romana, foi batizada, crismada e casada. Enfim o estudo demostrou que todas as 04 mulheres que benzem são católicas. Ainda referente às entrevistas perguntei se durante o tempo de atuação como xamã (Benzedeira), foi registrado algum tipo de pressão ou discriminação por parte da comunidade?

Em relação à esta questão a parteira Dona Uzenir disse que durante a sua atuação profissional foi discriminada por uma agente de saúde, chamada Maria Fonte. A benzedeira e parteira sentiu-se humilhada e constrangida porque a agente disse que ela não podia fazer parto porque não tinha título de parteira e caso a mulher e a criança morressem ela seria presa. Mas ela sempre confiou na sua prática tradicional. E Dona Arminda respondeu: desde que começou a trabalhar, nunca sofreu discriminação no trabalho, porque sempre fez as coisas certas até hoje continua dando atenção à todas as mulheres que procuram, sua fama vai longe, até pessoas desconhecidas, mulheres de militares, de médicos já buscaram seu serviço. Em oposição a esse problema Dona Helena respondeu, que ela ouve falar que “chamam a gente (benzedeiras) de peiueira, macumbeira, feiticeira, mas são aquelas pessoas ignorantes que não conhecem a gente o nosso trabalho. Mas aquelas pessoas que são curadas pelo benzimento vem agradecer a gente, com dinheiro, fogão, coisas mais caras”. Enquanto Dona Neném, respondeu que as pessoas que não conhecem o nosso serviço chamam agente de macumbeiras, rezadeiras e benzedeiras. “Mas eu sou curandeira” porque eu curo com cigarro, eu benzo com charuto, e conheço plantas de espírito para dá banho. Perguntei a ela: A senhora recebe algo em troca da cura no ofício do Xamanismo /benzimento?

Ao praticar o benzimento Dona Uzenir afirma de maneira consciente que nunca pediu, pediu nada em troca, mas as pessoas que a procuram sempre oferecem algo para gratificar. Ela sempre aceitou tudo o que eles doam como: banana, farinha, beiju, tucumã, moqueado, peixinho do igarapé, peixe espada vermelho.

Ela disse que nunca pediu nada de ninguém, mas como sempre acompanhou as mulheres até o hospital e acabava fazendo o parto das mulheres na ausência das enfermeiras. Essas mulheres sempre gratificaram Dona Arminda com dinheiro mesmo, pagando os serviços particulares. Muitas vezes eles chegam em casa e outas vezes me levam de carro para casa deles para partejar aí pagam o serviço. As pessoas que recorrem ao xamanismo (benzimento) são sempre curadas do mal que lhe afligem?

A essa questão, Dona Uzenir França, respondeu com convicção que as pessoas que procuram para serem benzidos saem sempre curadas, e com as dores do corpo aliviadas, dizem que obtiveram melhoras das doenças. Ela afirmou ter curado muita gente, e porque essas pessoas têm fé e o poder vem da oração, da fala por isso ela não pode mal dizer, por que as coisas que ela bem diz e mal diz acontecem com as pessoas.

Dona Arminda conhecida por todos de Neném afirmou: que todas as mulheres que doentes, grávidas, que sofrem com a mãe do corpo, todas que procuram para fazer tratamento com ela ficam curadas. Ela disse que uma mulher que vinha sofrendo a um ano com mãe do corpo, já havia ido muitas vezes no hospital e não encontrava a cura, procurou fazer tratamento com ela e ficou curada e agradeceu ela com um valor alto antes de ir embora. A dona Neném é distinta ela disse que todas as pessoas que lhe procuram voltam curadas, inclusive tem poder de tirar o mal do corpo quando alguém está possuída. Ela recebeu uma paciente que estava 3 meses doente com encosto do espírito do mal e chegou magra, pálida fazia meses que não dormia direito, durante a noite o bicho puxava suas pernas e ela gritava, chorava pedia socorro e nunca minguem conseguiu libertar e tirar o mal, mas a Dona Neném a curou em um só dia.

A outra questão foi esta: O que faz as pessoas em meio a tantos avanços da medicina e recursos tecnológicos buscarem as mulheres pajés ou xamãs? Na visão de Dona Uzenir as pessoas procuram os hospitais e nunca obtém melhoras, porque essas doenças as vezes são doenças lançadas pelos insetos, por plantas que tem espíritos e por encantados, os pacientes quando não se sentem curados por remédios e receitas médicas, procuram pajé, benzedor(a), curandeiro, porque eles acreditam no benzedor e no poder da cura de uma benzedeira, ou um pajé. As vezes eles procuram primeiro um (a) benzedor (a) porque eles têm vergonha de ir ao

hospital não querem mostrar o corpo principalmente os mais velhos “preferem um benzedor a um médico”, faz parte da nossa cultura”.

Dona Arminda respondeu com toda segurança, “eles confiam na pratica da cura da parteira, da benzedeira, confiam nas informações que os outros falam, até as enfermeiras encaminham as mulheres do hospital com problemas de saúde, problemas de doença como mãe do corpo que é muito comum na região, para a gente ajeitar a barriga, faço massagem com óleo corporal, esfrego até esquentar, porque hoje em dia as mulheres novinhas não fazem resguardo direito dois três dias já estão andando na rua, pegando chuvisco com criança recém-nascido e nem mandam benzer a criança. A resposta da Dona Neném foi que em meio a tantos avanços da medicina o que faz as pessoas procurarem benzedeira é a crença no benzimento, e tem fé que vão ficar curado, principalmente os mais velhos que tem medo de ir para o hospital, e ser encaminhado para Manaus tem medo de ser entubado.

A Dona Helena Fidelis disse que as pessoas mais idosas procuram as benzedeiras porque tem vergonha de mostrar o corpo para os médicos, as vezes eles vão e não sentem melhora e buscam o ritual da pajelança, isso acontece porque as vezes essas doenças são desconhecidas lançadas pelos encantados, espíritos e insetos devido à quebra das regras, desobediência, não fazem resguardo quando dão à luz, não benzem as comidas e nem mandam benzer o corpo da mulher e nem o bebê. É por isso que as crianças são doentias. E continuei indagando para desvendar acerca do poder de dominação e as práticas tradicionais das benzedeiras: Qual a sua história e trajetória da mulher xamã?

A benzedeira, Dona Uzenir respondeu que iniciou sua carreira profissional de parteira em 1967 quando realizou o parto e ajudou a dar à luz ao seu sobrinho Pedro Aguiar França. Encontrou sua cunhada desmaiada e com as pernas muito inchadas, pois já estava com três dias sofrendo com dor de parto. Foi nesse dia que ela se sentiu inspirada pois precisava salvar duas vidas da cunhada e do sobrinho. Então entrou no estado de imersão com a sua Santa Nossa Senhora do Bom Parto, higienizou as mãos com álcool, passou um óleo nas mãos, sentiu a posição da criança e puxou pela boca do bebê. Amornou água, passou nas pernas da cunhada e de imediato a placenta desceu. Então pegou um fio de tucum fiado e amarrou a placenta e cortou o cordão umbilical.

A Parteira Dona Arminda, respondeu que a ação da prática de partejar é um Dom Divino porque ela não é filha de parteira, e ela gosta de partejar, de cuidar das mulheres que estão sofrendo, ela nunca deixou de atender nenhuma paciente. Ela já perdeu a contagem de quantos partos fez, mas disse que foi mais de 100. Ela começou a sua carreira de Parteira com as freiras

na Santa Casa a primeiro hospital localizado no centro da cidade. Na época já sabia fazer remédios caseiros para as mulheres doentes. E atualmente com 79 anos ela continua partejando e atendendo mulheres doentes, e vai continuar fazendo esse serviço até terminar suas forças "até onde Deus quiser vou cumprir com minhas obrigações".

Para Dona Neném essa prática de curar ela domina muito bem porque estudou essa prática desde muito tempo na Colômbia onde existe aqueles curandeiros videntes e o conhecimento pelas plantas foi dado por um espírito de criança que era sua amiga de infância, ela não disse o nome eu também não me atentei. Mas ela disse que era branca, magra de cabelos pretos. Há quanto tempo a senhora trabalha no processo de benzimento, foi a pergunta subsequente.

Dona Uzenir respondeu que desde 1967 vem realizando o processo de cura, com a prática do benzimento e utiliza plantas de poder e práticas ritualísticas com os elementos da natureza sagrada, com a natureza espiritual, utilizando as práticas ancestrais com os dons divinos. As crenças no poder da cura é uma relação mediática entre a benzedeira e o paciente, uma relação equivalente de ambos, no ato da pratica há uma mediação entre os dois mundos o físico (natural) e o espiritual uma relação de conexão com o poder divino. Ela faz atendimento a todo tipo de pessoas homens, mulheres e crianças.

Dona Arminda, respondeu que desde os 30 anos ela presta serviço na área de saúde tradicional e convencional, partejando e dando à luz à muitas vidas de crianças e salvando mulheres com partos complicados, com útero baixo, ela sabe colocar no lugar, ela sabe segurar criança para a mãe não abortar, ajeita barriga de grávidas com bebê torto, que deixa a gestante incomodada na hora de dormir e ao se sentar sentes muitas dores. Atende mulheres e benze somente bebês com quebranto e mau-olhado.

Já Benzedeira Dona Helena Fidelis, respondeu que iniciou sua carreira de benzimento aos 16 anos de idade ainda jovem, faz atendimento a todos os tipos de pessoas homens, rapazes, idosos, mulheres, moças e crianças. Ela possui um ritual de benzimento para todo tipo de doença, esse poder herdou de seus ancestrais e entidades divinas, ela é capaz de curar as doenças do corpo avançado com uma duração de no máximo três dias. Ainda na tentativa de obter respostar reais com maior veracidade e continuei: Como a senhora se considera benzedeira, curandeira, rezadeira, parteira ou sacaca?

Todos me conhecem como benzedeira afirmou Dona Uzenir, mas ela se considera parteira, porque já partejou 100 (cem) mulheres ajudou a dá à luz à 100 crianças então bateu um recorde no ato de partejar com sua técnica tradicional. Ela afirmou que nenhuma criança ou

mulher em dores de parto morreu em suas mãos. Ela merece um título de agente de saúde tradicional.

A senhora Dona Arminda se considera parteira, porque tem curso de parteira fez na mesma época que Dona Uzenir são colegas de curso. Mas quase toda a população conhece como parteira e outros como benzedeira porque ela benze crianças com mau-olhado e cura as mulheres com problemas de gestação com a técnica tradicional. A participante diferenciada das demais respondeu: “Todos me chamam de Benzedeira, mas não sou, fumo charuto e curo as pessoas doentes, tem gente que não tem cura porque eles deixaram a doença agravar. Eu também não faço o mal, quando se lança o mal nas pessoas, nos nossos inimigos, somo castigados o mal retorna para nós mais forte ainda”.

E quando os pajés sabem que tem gente que benze bem eles começam a perseguir com sopro, por isso que a gente não gosta que os outros sabem que somos pajé. Essa questão comprova porque as mulheres permanecem no anonimato no processo de cura é o medo de ser descoberto pelos homens, porque segundo as pesquisas do ISA e FOIRN em (2020) são aproximadamente 720 pajés existente no alto Rio Negro. A benzedeira Dona Helena Fidelis é uma senhora portadora de poder especial, que recebeu poder dos ancestrais e entidades divinas, ela é capaz de controlar as forças desencadeadoras do desequilíbrio do corpo, da mente e do espírito de um ente seja homem, mulher, jovem e criança. Dando continuidade do processo de investigação perguntei: Quem passou esse conhecimento seu pai, mãe, ou nasceu com ele?

A senhora Dona Uzenir, sempre sorridente relatou que o conhecimento é um dom que nasceu com ela, e foi ganhando experiencias observando sua irmã Mônica França umas das primeiras parteiras de São Gabriel, participando de cada parto, das cunhadas, de mulheres das comunidades indígenas e de mulheres jovens do município de São Gabriel da Cachoeira que tem vergonha de ir ao hospital e assim foi conquistando seu campo social. A parteira, Dona Arminda respondeu que é um dom, nasceu com ela, porque nenhum antecedente da família era parteiro ou benzedeira. Ela reza nas crianças somente com oração, não usa plantas até porque não tem mais vassourinha (planta-benzimento).

A Dona Neném disse, que desde se entende ela sonhava com as coisas e desde muito pequena tinha um espírito de menina que acompanhava meus passos, ela me guiava, mostrava as plantas que curam, depois eu cresci e ela continuava do mesmo tamanho eu fui me embora e ela ficou chorando. Ela disse que não podia, mas ficar perto dela porque ela havia crescido e as duas se abraçaram e choraram e se despediram. “Da minha família eu nasci com esse dom e fui escolhida para curar as pessoas e fazer o bem” Dona Neném (2025).

Dona Helena falou que ela foi iniciada aos 16 anos, foi seu pai que passou todo seu conhecimento para ela, ele era Sacaca, um pajé forte, foi benzida desde o nascimento pelo seu genitor. Ela recebeu esse conhecimento, passou por provações de todas as fazes de benzimento: Foi benzida quando nasceu, quando ficou menstruada e aos 16 anos o pai passou por todos os rituais exigidos pela pajelança fez até jejum no período da iniciação do Ritual da menina moça. E ela recebeu de seu pai todas as orações que ele usava para benzer, mas ela não quis falar das orações é algo privativo e familiar ela já está repassando os ensinamentos para sua neta Josiane de 16 anos. Porém ela disse que o benzimento é um dom, ela e seu irmão foram escolhidos pelos espíritos para cumprir essa tarefa. Então perguntei: Quais são as diferentes formas de benzer?

Verificamos que cada benzedeira tem suas próprias formas de benzer, a Dona Uzenir tem o costume de benzer com um crucifixo de Jesus Cristo e a relação com a divindade se dá através de orações divinas que recebeu um livro de seu falecido irmão Silvio de Oliveira França, que foi um grande Pajé da etnia Baré. Os tipos de Benzimento: benze para cobreiro, espinhela caída, dor de cabeça, dor de corpo, febre, diarreia, benze para encontrar objetos perdidos, benze para quem está estragado e vive doente, dor de corpo, febre etc.

Geralmente Dona Arminda dos Santos, quando é caso de parto ela faz primeiro uma oração a Nossa Senhora do Bom Parto para depois agir. A senhora narrou que as mulheres levam de 1 a 3 horas no máximo com dor de parto, dá dor começa e passa, a tendencia das dores é aumentar cada vez mais para poder nascer. Quando demora a parteira dá o toque e o bebê nasce rapidinho. Em relação ao benzimento, ela faz a oração do benzimento sem uso de plantas somente a oração de mau-olhado, ela afirmou que as plantas já desapareceram, já morreram, ninguém, mas planta, ela costuma curar os bebês que as vezes estão fazendo cocô verde e a moleira baixa, ou moleira aberta da criança.

Há diferentes formas de benzer. Dona Neném Benze e cura fumando charuto e na fumaça do cigarro é revelado o motivo e a causa da doença adquirida pela paciente, é desvendado a grau da gravidade da doença, se tem ou não tem mais cura. Quando a pessoa adquiriu a doença a muito tempo é mais difícil de se curar, necessita de muito benzimento, resguardo, tem que obedecer às normas e regras receitadas pela pessoa que benze. Se o paciente não obedecer às determinações da benzedeira a doença volta e fica mais forte. Então o doente fica sob os domínios do benzedor obedece e cumpre as ordens. Nesse trecho verificou-se a relação de dominação do benzedor e do benzido porque o doente obedece às ordens do

dominante sem questionar, simplesmente cumpre sem questionar de forma natural. E qual é o tipo de poder do benzimento?

Foi desvelado que o poder do benzimento vem de Deus, (Tupana), na concepção de Dona Uzenir França durante a conexão dela com a espiritualidade e na hora que está sendo praticado o ritual do benzimento, o poder vem do pensamento e da fala na hora de bem dizer as orações, ela deseja que a pessoa fique curado e o poder acontece em poucos minutos acontece a clara e direta relação da benzedeira com o com a divindade. Assim que ela termina de benzer as dores e o sofrimento desaparece como se fosse um passo de mágica. A melhora é repentina.

Na concepção de Dona Arminda o poder do benzimento da comunicação (oração) vem dos Santos de Nossa Senhora do Bom Parto, para orientar na hora de partejar, o poder é tão grande que nenhum parto é complicado, ela coloca a criança na posição de nascer. Para ela tem um grande significado de ajudar a salvar vidas e ajudar a dar à luz, ver a mãe com o neném no colo sãos e salvos. Ela se sente realizada, satisfeita, aliviada e poderosa.

A Dona Neném respondeu que o poder do benzimento vem da fé tanto do benzedor quando do benzido, ele acredita que vai ser curado, com o ritual do benzimento, da relação da curandeira com as entidades com o banho com as folhas, e casca de plantas de espíritos. Em meio a entrevista perguntei: Com que entidade espiritual a senhora se relaciona?

Comprovou-se pelos depoimentos, as maneiras de Dona Uzenir França se relacionar com o espiritual, outro dado importante verificado foi que ela se relaciona somente com Tupã, quanto trata-se da cura de enfermidades. Para fazer aparecer coisas furtadas ela benze para os Santos das causas impossíveis o Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Livramento, Nossa senhora de Fátima. E defesa do corpo e do espírito ela se conecta com o Glorioso São Jorge.

E quando se trata de engasgo ela se relaciona com São Braz Santo dos Cachorros, tem uma simpatia que quando alguém se engasga “a pessoa pega um fio amarra no pescoço do cachorro depois tira e amarra no pescoço da pessoa engasgada ela nem sente quando a espinha desce” A senhora Dona Arminda, disse que se relaciona com o Divino, com nossa Senhora do bom parto quando se trata do ato de partejar e quando necessita de alguma planta para banho se relaciona com a natureza e para massagear o corpo da mulher ela usa produtos industrializados.

Dona Neném disse que se relaciona com a espiritualidade que são 12 entidades que ela chamou de Santos. Em sua prática de cura ela se relaciona com os espíritos com ajuda de um elemento especial que é o charuto que tem diferentes sabores (cheiros de ervas). Conforme o

relato da Dona Helena Fidelis, ela se relaciona com os Santos, e Nossa Senhora Aparecida e os Arcanjos, São Gregório e Santa Rita de Cássia. E continuei a perguntar: Qual é o sentido e o significado da ação xamânica (benzimento)?

Dona Uzenir França respondeu com sabedoria, disse que ao ver uma pessoa doente, fragilizada, triste com dores, sente que o dever dela como agente de saúde espiritual é atender porque a pessoa está necessitando. E quando benze se sente realizada, feliz ao ver a pessoa que acabou de ser curada, feliz sem dor e satisfeito com o benzimento.

Dona Arminda respondeu: Quando "eu vou partejar" ela se conecta com Deus, dá banho, entrega o limpinho cheiroso, sente-se feliz em ver a felicidade da mãe da criança, o sentido de ajudar a dar luz e a vida a uma criança salva, isso acontece quando ela se envolve em contato com a espiritualidade (Tupana, Anjos e Nossa Senhora do Bom Parto);

Já a Dona Neném define como a crença como algo subjetivo, "É algo divino, a gente parece que fica no outro mundo" e daí se traz as respostas para cura de cada doença são as entidades que mostram as plantas que serve para cada tipo de doença. E significa muito para gente ver a pessoa chegar doente e voltar curada. A gente se sente importante, realizada, feliz ao fazer o bem. Significa que as pessoas têm respeito pela gente, uns são ingratos "Uma mulher que pediu para eu tirar o espírito mal dela, me prometeu uma lata de farinha e até hoje ela não trouxe", tem pessoas que reconhece o nosso trabalho e gratificam eu não cobro nada porque faço o bem.

Dona Helena Fidelis que a cura com benzimento tem um significado muito grande, porque esse conhecimento antigo pertence a nossa cultura, é memória dos nossos pais, que eles repassam para nós e temos que guardar e repassar para nossos netos. E a gente se sente feliz, quando curamos uma pessoa que está morrendo, ou muito doente, nós realizamos nosso compromisso curando essas pessoas que tem fé e acredita no Tupana. E como a senhora se sente quando benze?

A dona Uzenir França se sente engrandecida, se sente bem, feliz, empoderada e poderosa, com a graça divina alcançada e o conhecimento herdado da ancestralidade divina. Jamais negará um atendimento a qualquer pessoa, sempre que alguém lhe procura, ela faz o atendimento imediato, seja criança, mulheres e idosos. Ela disse: "Me sinto feliz quando vejo uma criança doente ficar curada com o benzimento, ela começa mamar e comer sei que ela já está fora de perigo".

Dona Arminda reza em bebê para mau-olhado, quebranto, logo ela dorme quando acorda já está melhor e benze para vermelhão somente. E disse que ela se sente bem porque ajuda a

restaurar a saúde das pessoas principalmente das mulheres, como ela é mulher conhece cada doença e as dores que uma mãe sente. Significa muito para ela já quase finalizando as entrevistas continuei investigando com estas questões. Identificar as práticas culturais e o poder simbólico do xamanismo feminino para valorização e empoderamento. Com quem a senhora se relaciona quando benze, reza, fuma charuto?

Dona Uzenir respondeu, se relaciona com o Divino Espírito Santo, com os três Arcanjos Gabriel, Rafael e Miguel. E as vezes se conecta com nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil. Dona Arminda respondeu que ela se conecta com Deus e Nossa Senhora Aparecida, também. As plantas são casais: "Essa planta é jurupari" – ela come – tem que dar comida para planta não fazer o mal. E as plantas quando são casais eles têm mais poder de cura, e causam efeito mais rápido, porque a propriedade dela se complementam e ficam mais fortes.

Dona Neném se relaciona com a Natureza espiritual ela disse que eles são os donos do Igarapé, do Rio, dos lagos, das pedras. E quando ele pega uma planta tem que pedir licença, porque as coisas são deles, os lugares pertencem a eles. Caso isso não aconteça eles ficam com raiva e mandam as doenças através dos animais, plantas e insetos. "Esses animais e insetos são xerimbabos (animais de estimação), as vezes quando queimamos, derrubamos e quebramos as pedras e aterramos igarapés, estamos destruindo a casa deles, aí ficam revoltados com os humanos porque são humanos invisíveis, igual a gente mesmo. Aí mandam doenças que pegam nas pessoas que não têm benzimento. Por isso temos que respeitar a natureza. A resposta da dona Helena foi a mesma da dona Uzenir, ela se relaciona com as divindades, arcanjos, santos e o Divino Espírito Santo. E outra pergunta foi: Quais são os tipos de rituais xamânicos?

Um dos rituais que a participante Dona Uzenir França domina é o Ritual do Benzimento para quebranto, doença que afeta as crianças e idosos, benzimento para encontrar algo perdido, ritual de defesa contra inimigos que são os encantados Majuba[33], que estragam as pessoas para ficarem doente. Mas domina a arte de partejar.

Dona Arminda quando vai partejar reza, faz massagem e ajeita barriga da mulher, antes usava plantas, hoje deixou de cultivar as plantas medicinais, porque as galinhas comem tudo.

Já a Dona Neném precisa de um elemento poderoso o Charuto um cigarro com diferentes tipos de composto aromático e um sabor especial que cada tabaco tem, cheiro de madeira, couro, café, o tem o prazer de fumar só quando vai praticar o ritual do benzimento. Ela não é viciada em fumo. E esses charutos ela compra na Colômbia e custa 40,00 reais a caixa. O charuto é o

---

[33] - Majuba - São seres encantados que vivem em lugares sagrados, restritos ou proibidos de pessoas circularem.

meio para se conectar com as entidades. E a fumaça é um veículo de comunicação com as entidades levando todos os desejos e intenções que a Curandeira pede. Dona Neném inala a fumaça do cigarro e depois solta e fica olhando e meditando por alguns segundos enquanto a fumaça se desfaz no ar. Em nenhum momento do ritual ela toca no paciente ela se conecta através do olhar profundo como se estivesse lendo a sua vida passada. E depois diz as características das pessoas que te fizeram o mal. Incrível como ela acerta sem ter conhecido a pessoa e sem truques porque o espaço que ela faz o ritual é fora de casa ao ar livre sentada numa cadeira e o paciente na outra cadeira. Isso observei quando fui fazer o trabalho de campo, pedi autorização para assistir. Acredito que esse ritual é mágico. Depois seguimos com outra questão: Quais são os saberes e as práticas de cura?

Um dos saberes mais importantes de seus conhecimentos tradicionais citado por Dona Uzenir, foi estancar sangramento, com uso de "água ardente" (cachaça com pimenta do reino socado) Receita: Pegue uma xícara1/2 de água ardente com uma colher em pó de pimenta do reino e dê para a mulher que está com hemorragia. É tomar e ver o efeito na hora. Conhece e acredita que a folha de Pião Roxo é uma planta de espírito que serve para benzer criança e dá banho em pessoas adultas que sentem sono durante o dia, sente dor de cabeça, dores no caroço dos olhos e não sente vontade de trabalhar. Um benzimento com esta folha deixa a pessoa boazinha. Ela sabe curar pessoas quebradas, ou acidentadas, com o osso de macaco guariba e de macaco prego. Receita torra o osso de macaco, soca no pilão, pega o pó mistura com gel e passa na região machucada ou quebrada.

Conhece plantas que curam mordidas de cobra jararaca: A buia-caá (folha de cobra); uma planta de família que foi passado de geração a geração para a 5ª geração da família França essa planta doméstica cultivada na roça e em casa sempre tem que plantar mais de um pé; tira a batata, lava em água fria, rala, misture com meio copo de água e dá para a pessoa doente tomar meia xícara de 6 em 6 horas.

Dona Arminda respondeu que reza em crianças, parteja mulheres, sem fazer corte na vagina, como fazem os médicos, e enfermeiras. Ela tem uma habilidade técnica de tocar na vagina da mulher com os dedos indicadores na cabeça da criança e na mesma hora ela nasce, as vezes a criança nasce de frente, de costas ela usa fio próprio para amarrar o umbigo da criança. Nas suas falas, percebeu-se que ela tem o poder do toque onde suas mãos tocam a dor desaparece de forma instantânea.

Dona Neném disse, que conhece muitas plantas curativas, que o espírito encantado da menina mostrou e ensinou ela para que serve cada planta. Mas disse que aqui na cidade não

tem, só muito longe onde tem floresta. Aqui já destruíram tudo por isso que os encantados estão bravos mandando doença porque as pessoas estão destruindo a casa deles. Quando procuram ela para benzer a diarreia de sangue, ela conhece Caá-Pitiú (Planta de Peixe), faz chá e toma banho que a doença desaparece e ainda essa folha é tão poderosa que cura as dores do corpo quando é estrago (assopro).

A resposta da Dona Helena Fidelis mais sobre o benzimento porque apesar de ser parteira não prática fez apenas 03 partos. Ela domina o Ritual do benzimento para quebranto, e mau-olhado, benze para cobreiro, cura feridas que nunca saram, benze para as pessoas não irem presas, e para todo tipo de doença desconhecida. Qual é o tipo de relação que a senhora tem com a natureza?

A Dona Uzenir com toda certeza fala que a natureza é viva e tem espírito, tem plantas de espíritos como Tajá Onça, Tajá Tigre, Tajá Preto Velho, são plantas domésticas cultivadas em casa e o dono dessas plantas devem conversar com elas quando viajar para algum lugar, deve pedir para vigiarem a casa e na sua ausência elas fazem barulho aos ouvidos do ladrão, eles escutam pessoas conversando, mas é somente os espíritos das plantas que causam medo nas pessoas. Plantas de espírito: Velho Preto: É uma planta do mal serve para afastar pessoas mal-intencionadas, Ela deve ficar na frente de casa porque vigia durante a noite ele se transforma em gente. Ela narrou um fato que a filha Rosa Maria é evangélica e quando voltou da Igreja viu um homem sentado em frente à casa da mãe, tomou um susto achava que era um demônio e começou a orar até meia noite e o homem desapareceu, quando foi de manhã Dona Uzenir ficou sabendo do fato e foi verificar sua planta que estava plantada na frente de sua residência e viu simplesmente ela morta cavou tirou a batata e plantou no quintal.

A benzedeira narra que essas plantas falam, conversam, sentem fome, a pessoa que tem deve colocar sempre resto de comida no toco dessas plantas. Ela narrou uma historinha contado pelo seu irmão Silvio de Oliveira França. Que abaixo do município de Santa Izabel do Rio Negro tem um sítio abandonado e lá tem muitas plantas de espírito chamada Velho Preto. E os dois homens estavam pescando em silêncio e de repente ouviram pessoas conversando. E um dos velhos disse tem gente morando aqui nesse sítio? E o outro respondeu, não! já está abandonado há muitos anos! E quem está falando, reclamando estou ouvindo? Há você não sabe? São as plantas que falam! Isso é sério? Estou falando a verdade diz o outo homem. Você quer ver? Quero, disse o homem duvidoso. Vamos dar peixes para eles comerem que vão já parar de falar. Então pegaram uns peixes e levaram para as plantas, chegando lá o homem disse veja trouxemos peixes para vocês podem comer a vontade e façam a gente pegar mais peixes

para trazermos para vocês. E foram embora pescar mais peixes e foram afortunados voltaram com as canoas cheias de peixes e as vozes das plantas se calaram.

Eu fiquei arrepiada ao ouvir isso, mas saiu da boca de uma benzedeira, e ainda me contou que quando era moça de uns treze anos disse que as seringueiras e os cupinzeiros também tem espíritos, um deles até brigou com ela, porque ela ficou com medo de se aproximar de um cupim que na sua visão era um homem, para tirar um pedacinho de casa de cupim que servia para fazer chá para dor de dente; ela estava com medo de se aproximar da casa de cupim e a noite o espirito do Cupim veio brigar com ela em sonho, dizendo que não era para ela ter medo que ele não ia fazer nada com ela, ele só queria ajudar. Ao narrar esses fatos percebi que ela é diferente de muitos, tem um dom especial que a torna especial diferente e única que tem a capacidade de enxergar com um terceiro olhar, o olhar de xamã como se ela enxergasse com os olhos piscados

Dona Arminda respondeu que as mulheres não devem ir ao rio quando estão menstruadas, de resguardo, porque a menstruação varia de mulher para mulher, algumas menstruam durante um mês até 40 dias. As mulheres de hoje não fazem mais resguardo passa três dias elas já estão andando nas ruas menstruadas mesmo e com bebê recém-nascido por isso que as crianças pegam quebranto, mal olhado, o umbigo do neném nem caiu ainda.

A dona Neném, com seus dons espirituais, respondeu essa questão com toda firmeza dizendo, que desde pequena ela era uma menina que dormia e sonhava com uma menina pequena mais ou menos de 7 anos e elas brincavam no sonho, porém a menina não falava e sempre trazia nas mãos um galho de plantas e entregava para ela. Ao amanhecer ela contava seu sonho a sua mãe, mas sempre ignorava: dizendo para de falar besteira menina, nunca acreditou na filha. Quando ela cresceu com 9 anos, ela continuava sonhando e aquele sonho ia se intensificando a menina começou a falar com ela e dizer o nome e para que serviam as plantas medicinais. Então ele conheceu aprendeu a conhecer as propriedades das plantas que curam pela pequena espírita “uma menina pequena branquinha dos cabelos preto e liso” “Eu crescia e ela não”. E a espírita menina, disse a ela que as plantas têm espíritos, os lagos, igarapés e as pedras têm espírito. “Essa natureza tem dono são gente igual nós mesmos”. Eles andam e as vezes nós cortamos, queimamos os lugares “casa deles”. “Ai eles ficam bravos e nos atacam, surra, bate na gente, por isso quando caminhamos na mata, e pisamos nas coisas deles voltamos com dores no corpo”. “Por isso a minha relação é de respeito porque são gente como nós” somente as benzedeiras e curandeiras conseguem enxergar, as pessoas que têm dons especiais. Quando pegamos, algo no mato, no rio, na terra temos que pedir, se não pedirmos eles ficam

enfurecidos. Minha relação com a natureza disse Dona Helena é de dependência, e também de cuidado, porque é perigoso a natureza é vingativa com os seres humanos. Depois seguimos com as entrevistas. Conte-me como foi sua trajetória do Ritual do benzimento da menina moça, ritual do parto e Ritual de transformação?

A senhora apesar dos 80 anos de idade, ela lembra muito bem da sua infância porque está lúcida, ainda trabalha na roça de vez em quando, vai a santa missa e ainda atende com frequência as pessoas que a procuram para o ritual do benzimento, ela continua atendendo com maior carinho do mundo. Ela afirmou que não fui benzida quando criança, menstruou e não contou para a mãe dela e desde então começou a ser perseguida pelos encantados. Mas foi benzida já com 16 anos porque ela estava sendo perseguida pelos botos, ela não podia sair, remar de canoa que os botos começavam a boiar e tentavam afundar a sua canoa. O problema se agravava quando ela saia para pescaria, para casa dos irmãos, quando se dirigia à roça, então sua mãe buscou um pajé que benzeu seu corpo e nunca mais foi perseguida por botos.

Em relação à esta questão Dona Arminda respondeu que foi benzida quando criança pelo Pajé Sr. Jacinto pai da Professora Olinda. Aos 11 anos ficou menstruada no Colégio São Gabriel e não foi benzida porque não havia Pajé naquela instituição. Em todos os seus partos ela foi benzida para comer, beber, para os filhos não pegarem doenças por isso eles cresceram fortes e saudáveis, nunca pegaram mau-olhado, e nunca ficaram doentes.

Verificamos nas narrativas de Dona Neném que ela não participou do ritual da menina moça e nem foi benzida quando nasceu e nem quando menstruou.

A questão seguinte pretende evidenciar a relação de poder entre as praticantes de xamanismo, os tipos de rituais e prática de cura, ou seja: Quais os tipos de poderes e saberes tradicionais? A dona Arminda respondeu que o poder vem da oração, quando ela se conecta com Nossa Senhora do Bom Parto antes de fazer o parto; Além dos partos que ela domina, sabe curar dor de cabeça. Um dos saberes tradicionais que ela sabe, é comer pupunha anoitecido, de um dia para o outro atrai encantado, insetos venenosos, cobra e espírito da floresta.

No ritual xamânico de Dona Helena o tipo de poder evidenciado foi a oração e a fé que a benzedeira tem ao se conectar com a divindades, a folha de pião roxo e vassourinha, que são plantas que possuem poder da cura. E para desvendar qualquer tipo de doença no paciente, ela utiliza alguns objetos como a vela para se relacionar com os Santos, e obtém resultados nos sonhos que são revelados ao paciente e o tipo de doença. Ela faz a consulta no dia e repassados ao paciente no dia seguinte. Ela sonha com o uma santidade Nossa Senhora Aparecida e Santa Rita de Cassia. Seu ritual de benzimento incrementa vela, fita, e imagens de Santa e plantas de poder. Logo devo chamá-

la de Neobenzedeira. Em que condições as vivencias transformaram-se em experiencias práticas?

Dona Uzenir disse que com o tempo ela percebeu que ela realmente era uma mestra no ato de partejar, porque, elas começam a procurar a gente, levam a pessoa para partejar as mulheres nas comunidades e nos bairros da cidade. Dizem que preferem as parteiras que aos médicos porque que as vezes deixam a mãe da criança por muitos dias sofrendo, dizem que ainda não está na hora e mandam de volta para casa em alguns casos os bebês perdem a vida. Uma parteira sabe sentir com um toque se o bebê está pronto ou não para nascer. A cada parto nós vamos ficando mais famosas, conhecidas e respeitadas por elas.

Dona Arminda respondeu dizendo que as vivencias transformaram-se em experiencias de acordo com as necessidades cotidianas, quando alguém lhe procurava com dores, para ajeitar a barriga, para aliviar a dor de madre, ela sentia e ainda sente que é seu dever cuidar, ajudar e curar essas mulheres, como ela é mulher ela sabe como é difícil parir e como é desconfortável está com dores. Ela falou que deixou de atender as pessoas por 3 meses, mas ela adoeceu, pegou derrame parcial, ela percebeu que ela tem que cumprir esse dom de partejar, então voltou as atividades da prática de partejar e logo suas mãos que haviam ficado endurecidos voltou a normalidade com a graça divina.

A Dona Neném respondeu, que quando era criança já sonhava com uma menina da mesma idade dela que não falava, mas trazia sempre uma folha, uma plantinha e dava para ela, porém sua mãe ignorava e ralhava sempre que ela contava os sonhos, quando se casou foi embora para a região sudeste e foi aprendendo algumas coisas, depois que separou retornou a São Gabriel e foi para Colômbia lá aprendeu muitas coisas porque descobriram a sua essência espiritual. Desde então começou a praticar até hoje. Somente fui escolhida da minha família.

A dona Helena Fidelis desde criança era diferenciada de seus irmãos, sonhava e seu sonho se concretizava, era uma espécie vidente, o que ela previa acontecia de fato. Por isso ganhava respeito, confiança, poder de dominação sobre seus irmãos e as crianças da comunidade. Desde cedo, aos 5 anos de idade ficava sempre observando seu pai benzer as pessoas doente, quando o pai pedia um copo com água, uma vela, ela estava sempre pronta para atender seus pedidos. Como era a filha mais velha era admirada pelo seu pai que as vezes pedia que ela colocasse suas mãozinhas em cima da cabeça da criança que ele estava benzendo e assim foi pegando gosto pelo benzimento e confiança e merecimento do ritual de benzimento. Quais são as plantas de poder?

A Dona Uzenir conhece uma planta chamada Caá-Pitiú[34], que serve para tirar as dores do corpo de pessoas que vivem sofrendo com dores a anos e tira mau-olhado. Ela é uma planta que cura diarreia de sangue, toma o chá e toma banho com as folhas nas águas correntes do Rio ou no igarapé. Ela conhece também uma planta chamada Buiá-Caá[35], essa planta chamada cobra folha serve para curar pessoas que foram picadas por cobra venenosa como a jararaca. Eu também conheço essa planta é de família ela é cultivada e repassada de pai para filho. A Dona Uzenir conhece muitas plantas de espíritos ela citou a Caá-Iauaretê (Folha-Onça) a raiz dessa planta é igual a pata de onça é cultivada em frente à casa para espantar pessoas mal-intencionadas. Ela tem as folhas toda pintada de branco e verde e tem outra planta que tem a folha roxa com figuras de todos os animais em cor branca, ela disse que essa planta tem espírito e tem poder de espantar pessoas ela conhece como Caá-Iauareté-Pituna (em nheengatu folha de onça preta). Ela detém conhecimento de muitas plantas de poder. Essa planta causa medo e espanta pessoas que tem a pretensão de praticar a maldade.

Dona Arminda respondeu que uma planta que tem poder de cura – Buiá-Caá, - que cura mordida de cobra. Há também o Pitiú-Caá, e o Poraquê-Caá (Folha de Poraquê), que tem o poder de soltar a pessoa, ou seja, não prendem a pessoa que está sendo levada a delegacia. Essa folha dá choque.

Dona Helena Fidelis informou que as plantas que curam são vassourinha, pinhão roxo que serve para banho e mastruz.

Dona Neném conhece e cultiva em sua casa a planta de espírito eles são como a gente tem família o homem, a mulher e os filhos. Um dia antes de ir ao campo, sonhei com três crianças órfão uma menina de 7 anos, uma de 5 e uma de 3 todas lindas e estavam brincando dentro de um buraco; elas eram lindas de olhos azuis, a do meio tinha um umbigo saliente e no sonho pensei em adotá-los, mas não queria a criança do meio. Então ela me olhava com os olhos tão triste, e eu pensava é bonita, mas tem um umbigão, então não quero. Peguei nas mãos das duas crianças perfeitas e a outra disse tia eu também quero ir! Quando voltei os olhares para ela e me acordei. Chegando a casa da Dona Neném a primeira coisa que vejo as três plantas e a do meio tinha uma flor parecia um umbigo, perguntei que planta é essa Dona Neném ela respondeu essa planta tem espírito é encantado nasce muito aqui, já capinei joguei muito delas, mas nasce de novo. Acabei contando meu sonho para ela! Ela disse que sonhou com um homem todo

---

[34] Caá- Pitiú - Folha com cheiro forte de peixe que serve para banho para tirar mau-olhado, estrago e controla para diarreia de sangue (Entrevistada Dona Uzenir França Cardoso).
[35] Buiá-Caá – Cobra folha, uma planta que cura o veneno da cobra (entrevistada Dona Uzenir França Cardoso).

vestido de branco antes da minha visita. Perguntei a Ela quem é? A xamã respondeu é seu anjo aquele que te acompanha. Por isso que quando ando na floresta não tenho medo algum como se eu estivesse protegida. Quais são os sentidos e significados da ação social xamânica?

Dona Arminda disse que quando benze alguém, ela se sente muito realizada, feliz e para ela, é um dever cumprido. Porque ela sente que tem que ajudar as pessoas doentes. O sentido é de ajudar a dar à luz e salvar vidas de crianças e ver a felicidade da mãe. Sente-se realizada ao entregar o bebê limpinho e cheiroso. Para Dona Helena Fidelis "Ser benzedeira é estar disponível o tempo todo para atender crianças, jovens, mulheres e homens idosos, desacreditados pelos médicos". Reforça sua afirmação dizendo: às vezes chega gente batendo na minha porta alta hora da noite pedindo ajuda desesperado, criança desmaiando de tanto chorar, com quebranto, mal olhado, com diarreia crónica e eu tenho que atender, é meu papel fazer isso é um dom divino que recebi do céu por isso tenho que cumprir.

Como é percebido o tipo de poder e o relacionamento da mulher xamã em seu processo de espiritualização com a natureza?

Dona Uzenir França revela que a natureza tem poder de encantar as pessoas, porque existe plantas de espírito, lugares sagrados proibidos de andarem naqueles espaços ainda mais quando estão saruã (menstruada, parida) quando comem comida fria e quando cozinham o caldo da comida transborda se pessoa não deve comer pois vai ficar saruã e atrai muitos espíritos das águas, da floresta, da terra.

A Dona Arminda respondeu que nunca viu nada, nunca ouviu nada porque dizem que o Curupira vive próximo da serra. Como Dona Arminda vive desde criança na sede do município por isso, nunca trabalhou na roça como seus pais e nunca viu nada, mas sempre ouve as pessoas falarem dos encantados e curupiras. Enquanto a Dona Neném viu tudo desde pequena nos sonhos e sua relação com a natureza é de respeito porque sabe que as plantas têm espíritos,

Para a Dona Helena Fidélis seus inimigos sãos maus espíritos da floresta como Curupira, e o tigre de três cabeças que segundo seu pai habita a serra de Cabarí; os encantos que habitam a profundeza dos rios, lagos e igarapés; e as rochas, tem mãe ou espírito; por este motivo, segundo essa senhora, devemos respeitar os 04 elementos da natureza porque a água, a terra, o fogo, o ar estão conectados e são habitados por entidades. De onde vem o poder da cura?

A Dona Uzenir, respondeu que o poder vem da palavra e fé tanto do benzedor quanto do benzido, quando ela benze, fala e pede a cura da divindade, dos arcanjos dos Santos ela obtém a curas dos enfermos.

Para Dona Arminda, o poder vem da fé das pessoas e da benzedeira, quando a pessoa faz coisas boas, ela recebe coisas boas. Ela relatou que trabalhou com Padre Pedro depois que foi pra São Gabriel. De acordo com a versão de Dona Helena Fidelis, entende-se que a cura para tal doença está dentro de cada ser, ou seja, a benzedeira é responsável pela manifestação de poderes sobrenaturais e a relação com a mãe natureza, para buscar evidências da doença. Ela sente-se inspirada durante os rituais e encontra soluções para os problemas que as pessoas sentem ou sofrem.

Do ponto de vista da Dona Neném, o poder da cura vem da força do pensamento e fé da curandeira nos espíritos, entidades com quem ela se relaciona durante o processo do ritual da cura com as orações e as plantas de espírito que ela detém o conhecimento. A cura se dá quando ela fuma charuto e se conecta com as entidades do mundo espiritual. Quais são os elementos naturais que usa para a prática da cura?

Dona Uzenir disse que usa orações, plantas medicinais, os Santos e principalmente Tupana o criador de todas as coisas que existem no mundo e Dona Arminda respondeu que usa o poder da oração; óleo massageador e creme de pele, água morna para tirar dores. Dona Neném disse que ela usa o fumo o charuto e as orações e as plantas de espíritos, plantas curativas, para afastar o mal das pessoas. Os estudos indicam que os elementos que são utilizados por Dona Helena são oração, benzimento e conhecimento com plantas que curam.

3.2 O corpo da mulher xamã

O corpo do xamã recém-nascida, desde o nascimento de Dona Helena seu corpo foi benzido pelo seu pai, o Grande pajé da etnia Tukano, o ritual do benzimento serviu para fechar o corpo da recém-nascida para ela crescer forte e saudável. O benzimento protegeu seu corpo com uma roupagem de tigre para seus inimigos o temerem, ela nasceu com um dom divino e a sabedoria recebeu de seu pai o grande Pajé da etnia Tukano. Para a Benzedeira respondeu que seus inimigos sãos maus espíritos da floresta como Curupira, e o tigre de três cabeças que habita a serra de Cabarí, localizado na margem direita do Rio Negro. Os encantados que habitam as profundezas dos rios, lagos, igarapés as rochas, tem mãe, tem dono que são os espíritos. Os elementos da natureza, a água, a terra, o fogo, o ar estão conectados e são habitados por espíritos.

Quando menstruou passou pelo ritual do cariamã, o famoso ritual da menina moça, ficou menstruada aos 14 anos de idade já na fase da adolescência. Ela teve uma surpresa, achava que

estava urinando sangue, então falou para sua mãe. E foi imediatamente recolhida e levada para um quarto bem fechado. E todos os homens foram convidados a sair de casa e passaram a noite fora, enquanto as mulheres permaneceram dentro de casa com as portas trancadas. E do lado de fora ouvia-se barulho de todos os bichos que falavam, faziam barulho. A noite parecia uma eternidade.

Quando deu 5 horas da manhã ela foi autorizada pelo seu pai para banhar no rio, antes teve que mastigar por duas vezes dois punhados de pimenta pura, teve que suportar, não podia chorar e nem gemer, senão ia agourar sua família de morte. Ao sair das águas levou duas cipoadas nas pernas para seu corpo ficar forte e não sentir fome quando estivesse trabalhando na roça e a noite inteira seu pai ficou benzendo e protegendo seu corpo contra o ataque dos espíritos e dos encantos.

Os alimentos que foram proibidos de comer, durante a primeira menstruação, peixe liso, como piraíba, surubim; peixe de escama piranha e jacundá piranga, que faz a mulher sangrar muito e demora passar e descontrola a data da menstruação. Uma das regras para mulheres menstruadas não pode ir à roça menstruada porque o corpo está saruã3.

Aprende-se que em ciências devemos ser neutros, objetivos, evitar julgamentos e muito menos permitir que nossas crenças contaminem a pesquisa. Mas posso comparar o mito do curupira com outros relatos de pessoas que comeram comida fria, comida que a fervura do caldo transbordou da panela, isso sim é um grande desafio para enfrentar o espírito da selva e os encantos das águas.

Um ser misterioso que habita a floresta, valente, vive no topo das montanhas ou dentro de cavernas e quando sai da sua casa acorda todos os bichos, porco, queixada, pássaros e as árvores, parecem falar, uma ventania forte que retorce os galhos das árvores e o dia vira noite, relâmpago trovoadas como se o curupira fosse a mãe da natureza, o homem ou mulher que está saruã (que se alimentou antes de tomar banho), que comeu comida fria ou passada, tem que se valer do Grande Espírito, ou dos santos, ou do valente poder do cigarro, ou queima folhas verdes de Yebaru[36],chicantá (seiva petrificada) que afugenta o espírito da floresta.

Por fim, a narrativa não trata do mito curupira, mas trata-se das regras que a mulher menstruada não cumpriu durante o resguardo da menstruação. E do homem que comeu comida fria, ou fruta como é o caso da pupunha e cará cozido, do dia anterior, é mais perigoso porque atrai os espíritos da mata, água, terra, ar, fogo, mexe com os quatro elementos da natureza. Toda a fúria natural resulta da quebra de regras tradicionais que foi determinado pelo Pajé, ou benzedeira, que não se deve descumprir as ordens hierárquicas da família, da cultura de um

---

[36] Yebaru - Árvore encontrado na terra firme na floresta amazônica que é útil para lenha e produção de carvão

povo ou de um líder sábio que conhece o espaço dos outros seres invisíveis que habitam a cosmovisão.

3.3 Tipos de Saberes

A pesquisa desvela, os conceitos e estereótipos que fundaram o pensamento social sobre os povos indígenas do Rio Negro e que hoje a ciência originária está desconstruindo aos poucos os estereótipos dos saberes tradicionais das mulheres benzedeiras, os tipos de terapias com plantas curativas, alucinógenas, regenerativas que a muito tempo foram tidos como práticas demoníacas. E hoje temos a liberdade e o direito de descrever o mito da origem das plantas do mato que curam, narrado pela participante especialista dona Uzenir França (Entrevistada,2025) uma benzedeira, parteira da etnia Baré.

a) Tupã: O curupira e a origem plantas curativas

Dona Uzenir narra que há muitos anos, havia uma comunidade grande com muitas pessoas da etnia Baré no médio Rio Negro. Apareceu um curupira grande que rondava a comunidade querendo se comunicar com os moradores, eles tinham muito medo. O medo era tão grande que o curupira acabou comendo dois dos homens daquela comunidade. Depois dessa grande perda eles se reuniram e decidiram envenenar o curupira com manicuera[37]. Os homens começaram a vigiar de tarde, para ver onde o curupira passava a noite dormindo então descobriram que ela dormia numa caverna, só que ela era tão grande que seus pés ficavam para o lado de fora.

Depois da descoberta a comunidade se reuniu e tomaram algumas decisões: Eles arrancaram muita mandioca, rasparam, ralaram, espremeram a massa e saiu a manicuera que é caldo da mandioca venenosa. Em seguida levaram manicuera nas cuias virgens e deixavam ao lado dos seus pés do Curupira para ele tomar. Quando viu, pegou, tomou um pouco e jogou o resto da manicuera dizendo “eu sei o que vocês querem! Querem me matar!”.

Depois de tomar todas as 5 cuias ele dormiu profundamente e os homens foram se certificar, e falaram: “Ele morreu, depois pensaram vamos tirar os dentes para fazer nosso machado,” os dentes eram tão grandes que parecia machado de pedra, pegaram martelo e bateram com toda força entre os dentes, então o curupira se mexeu, todos ficaram assustados, mas continuaram a bater, ele se sentou e eles deram a terceira batida e ele se levantou. Todos

---

[37] Manicuera – líquido venenoso extraído da mandioca que é o caldo da mani, que depois de cozido por muitas horas torna-se o delicioso tucupi.

correram com medo, mas o Curupira disse: “Não tenham medo não vou lhes fazer mal algum, foi Tupã (O Grande espírito) que me enviou para eu mostrar plantas para vocês, todas as plantas que curam porque vai chegar gente branco trazendo muitas doenças e muitos de vocês vão morrer!” E começou a mostrar todo tipo de ervas, raízes e plantas que curam e dizia para que doença serviam cada uma delas.

Enfim, foi assim que surgiu o mito das plantas das curativas como: o tento serve para tirar pedras nos rins, saracura serve para inflamação, carapanauba serve para malária, ucuki serve para mordida de cobra venenosa, gapuí serve para dor nos olhos e cipó pó para sarar as feridas e foi assim que surgiu as plantas que curam transmitidas pelo espírito da floresta, o curupira, aos povos da etnia Baré, esses são alguns dos saberes originários das mulheres benzedeiras.

As benzedeiras que se aproximam de outras vertentes históricas, tais como as bruxas desocupadas, mestras, sacerdotisas, mulheres selvagens, *babayagas* e tantos outros tipos, codinomes ou adjetivos, aqui foram vistas, na medida do possível, como são, ou seja, agentes culturais, religiosas e medicinais de atribuição de sentido, da cura, do sagrado, da benção, por que não, enunciar, da salvação, do encontro, do desengano e de muitos outros pontos de vista que permitirão ao leitor desvelar um pouco mais dos mistérios dessa figura social (Azevedo, 2017, p.20).

A figura da mulher indígena, em qualquer lugar, numa comunidade, sociedade, ou melhor dizendo nunca é só fêmea, até mesmo quando cumpre sua função biológica de tornar-se mãe, é antes de tudo um ser social ou como afirmam algumas culturas, a mulher benzedeira é uma intermediária de uma ação divina que através dela cria um corpo para uma nova alma.

A mulher benzedeira, também é parteira, ajuda a fazer o parto e dá à luz a muitas vidas de homens e mulheres. Ela é educada desde criança para cumprir diferentes funções, que asseguram o bom relacionamento social, não só dela mesma mais de seus familiares, de seu grupo e comunidade indígena. Enquanto a caça e a pesca exigiam a força física, eram atividades de domínio masculino e como a mulher permanecia mais tempo em casa, ao longo de milhares de anos observando o que aconteciam com as sementes jogadas em volta das barracas junto com os alimentos, então elas foram responsáveis pelo início da domesticação de plantas, da agricultura e até hoje esse vínculo permanece desde 150.000 – 10.000 A.C.

Desde então foi a mulher originária que ao longo de milhares de anos deu início a agricultura familiar. E hoje em São Gabriel esse processo permanece, continua e está vivo nas

culturas dos povos indígenas do Rio Negro no município de São Gabriel, a cidade onde resiste, existe, persiste a multiculturalidade e a forte presença do patriarcado originário.

A mulher indígena Baré é quem trabalha mais que o homem, ela carrega waturá[38](Nheengatu é um cesto) nas costas com mais de 30 quilos de mandioca, de frutas, como banana, abacaxi, batata, cará, cubio. Quando chega em casa, ainda trata o peixe, as vezes a caça, faz o fogo, o almoço e serve sua família porque o dever do Marido é somente caçar, pescar e fazer roça e proteger a família, enquanto a mulher Baré sempre foi guerreira, acorda cedo para fazer café, mingau de goma misturado com açaí, com vinho de bacaba, de patuá e vinho de Ukuki[39]. Ela lava roupas, os pratos, as cuias, cuiupis, arruma cozinha, varre a casa sempre da porta para dentro para chamar fartura, nunca de dentro para fora porque chama escassez. Ela é valente muitas vezes assume a função masculina de pescar, caçar com cachorro e fazer roça, planta, vende sua produção e compra suas necessidades.

Ela coleta as frutas silvestres, de vez em quando são picadas por tukandira[40]s (Tucandeiras) e até mesmo cobras jararaca, quando acontece essa fatalidade na mata elas recorrem às plantas que curam veneno de cobras venenosas, então rapidamente dirigem-se ao pé de ucuki uma planta nativa comestível, tira-se a casca da árvore, raspa com faca, mistura com água e dá para a paciente tomar, dentro de poucos minutos ela está curada. Mas a pessoa que foi picada pela serpente deve resguardar por 15 dias sem comer coisa reimosa, não deve ingerir peixe como tucunaré, piranha, piraíba, surubim, mandii (peixe liso), e galo porque tem esporas. E a pessoa que foi picada por jararaca não deve ver uma mulher grávida e nem ouvir sua voz, caso isso ocorra a pessoa pode ir à óbito.

As mulheres se relacionam de forma harmoniosa e independente e conhecem a terra tão bem desde criança, acompanham as mães nos afazeres de cultivos de mandioca, de cana, banana, abacaxi e outros, elas têm uma relação de mulher para mulher com a mãe terra, ao plantar qualquer fruta conversam primeiro antes de entregar a semente a grande mãe terra. Elas aprendem a escolher o lugar onde plantar cada semente de banana, abacaxi, cana, abiu, cubiu, pimenta e batata, elas conhecem os melhores lugares para o plantio.

Elas detêm o conhecimento das plantas de espíritos, das plantas que encantam, das plantas protetivas, e das plantas de poder que cura, que estanca o sangramento, que alivia o

---

[38] Waturá - É um cesto feito de cipó para carregar mandioca, macaxeira, batatas e bananas e outros.
[39] Fruta tropical leitosa e doce encontrada da floresta Amazônica e sua casca serve para mordida de cobra venenosa.
[40] Tukandira – formigão que tem um veneno poderoso com duração de um dia.

veneno da cobra e as plantas que encantam pussanga[41]. Todo conhecimento tradicional é passado da avó para a filha, e da filha para a neta, e as vezes elas nascem com esse dom, e o conhecimento é passado pelos espíritos, e com a ajuda de um pajé a jovem se prepara para atender aos chamados espirituais e torna-se mulher benzedeira, curandeira e parteira como é o caso da Dona Uzenir, Arminda, Neném e Helena.

3.4 Os tipos de poderes

Quais são os poderes que a senhora possuí? Dona Uzenir: Ela respondeu dizendo: O poder vem da palavra, o poder da fala, o poder da oração quando estou benzendo um paciente, estou pedindo sua cura. Esse poder é divino porque na hora que ela se conecta com Deus, com os arcanjos e com nossa senhora do Bom Parto e pede a cura ao doente na hora a pessoa sente o alívio da dor. Para dar veracidade a esse problema abordado, posso dar depoimento que fui benzida pela Dona Uzenir que é minha tia, paterna, fui a casa dela e pedi que me benzesse porque estava com dores na região da barriga e umas pintas vermelhas como se fosse picada de carapanã, então fui curada depois de três benzimentos, mas no primeiro benzimento a dor foi aliviada. E a oração foi essa: Pedro o que tendes? Senhor cobreiro! Pedro curai. Senhor com que? Água da fonte e ervas do monte. Nesse momento, a benzedeira deu um copo com água para o benzido tomar. E a fé cura. Dona Arminda respondeu que os poderes são divinos, vem de Deus ao se conectar com Deus através da fala, oração pede sua intercessão para curar as pessoas que tem fé, e a pessoa que está doente tem que ter fé e acreditar no poder do benzimento. A senhora tem poder quando reza, benze, fuma charuto e toma chá? A tia Uzenir a mais idosa tem uma saúde de ferro, com mais de 80 anos ela tem poder da fala, a força vem do pensamento, o que ela diz acontece, por isso não pode mal dizer, só bem dizer. Ela parou de partejar quando completou 100 partos e ajudou a dar luz a 100 vidas. Mas continua benzendo e curando as pessoas.

A Dona Arminda respondeu que sim, o poder vem da fé e da oração ao se conectar com as santas Nossa Senhora do Bom Parto; Aparecida, São Joaquim, Arcanjo Gabriel e o menino Jesus. Para Dona Helena Fidelis seus saberes são benzer, rezar para sarar feridas e engasgo com espinha de peixes. Suas orações são feitas com a oração de São Lázaro. “Tenho poder da oração porque quando benzo as pessoas ficam curadas, os corpos das pessoas doentes saram.

---

[41] Pussanga – São ervas, animais do mato que tem poder mágico de encantamento, deixando enfeitiçada por um tempo determinado, quando a pessoa enfeitiçada descobrir acaba o encanto.

As doenças desaparecem, ela benze para engravidar e todos os tipos de enfermidades e a cura só acontece se as pessoas tiverem fé. Para Dona Neném o poder vem da crença, da fé e devoção o benzimento trás energias positivas. As benzedeiras, tem poder quando se conectam com a natureza, são as mulheres idosas dotadas de poder espiritual são coroadas com a luz do amor e da sabedoria divina, sua alma é forte capaz de controlar as forças do mal. Elas aliviam as dores do corpo e curam as doenças restaurando a saúde dos indivíduos.

3.5 Prática da cura

Um dos saberes tradicionais da prática da cura com benzimento de Dona Helena é ajeitar barriga de uma grávida quando o neném está preso na barriga. Outro saber, é rezar para sarar as feridas de homens, mulheres e crianças enfermas, engasgo com espinha de peixes e tem uma duração de três dias para sarar as feridas. Ela detém conhecimento de oração para engasgo, pessoas que se engasgam com espinha de peixe, sempre procuram sua pessoa em busca da cura. A oração que ela não pode relatar faz efeito de imediato. Outra doença do corpo que ela cura é o cobreiro que uma irritação em qualquer parte da pele, pequenas bolhas dolorosas que segundo à benzedeira é piolho de insetos que encosta na roupa, calça, camisa, vestido, toalha, lençol, peças íntimas etc. ocorre quando a pessoa deixa roupas no varal para secar e deixa anoitecer fora de casa. Depois a pessoa veste a roupa e contrai o vírus que começa a irritar e doer a pele e a cura é somente o benzimento com oração do cobreiro. Se o paciente não procurar o benzimento imediatamente as bolhas avançam na região do corpo do indivíduo é levando à óbito. E essa doença é transmitida de insetos, barata, formiga, osga, borboleta, madudu, gafanhoto, que encostam nas roupas e deixam seu piolho.

É parteira de título desde 1994, já partejou três crianças e tem a prática de fazer descer a placenta da criança passando sal no cordão umbilical que é questão de minutos para a placenta descer. Ela tem conhecimento prático quando consulta uma mulher que está grávida, sabe sentir o sexo da criança na barriga da mãe ao fazer isso muitas mães foram surpreendidas com a notícia. Um de seus conhecimentos com plantas que curam é impressionante sabe preparar remédio caseiro para engravidar mulheres que desejam ter filhos sempre procuram para consultar. Um dos saberes tradicionais da prática do benzimento é ajeitar barriga de uma grávida quando o neném está preso na barriga que por algum motivo, escorregar, modo de dormir de mal jeito o bebê sai do lugar, nesses casos de incômodo a mulher sempre procura uma parteira. Após o atendimento a paciente retorna para casa sem dores.

Outro saber, ela sabe rezar para sarar as feridas de homens, mulheres e crianças enfermas que buscam a cura através do benzimento. O público que mais apresentam esse tipo de doença são os idosos que tem o corpo mais frágeis para enfermidade como infecção e ferimentos. As vezes a região afetada pela doença são profundas, que conhecemos como merewa[42] Outro conhecimento é o poder da oração para engasgo, pessoas que se engasgam com espinha de peixes, sempre procuram se consultar com a participante Dona Helena Fidelis. E todas as vezes que procuram com esse tipo de problema Dona Helena benze com uma oração de São Lázaro para engasgo e dá para a pessoa engasgada comer banana, depois de algumas horas a espinha desce e o paciente volta curado.

O cobreiro é outra doença do corpo que é uma irritação em qualquer parte do corpo, podemos evidenciar pequenas bolhas dolorosas e vermelhas e dolorosas que cada hora ela vai se alastrando como se estivesse caminhando, mas sempre tem um ponto de partida. Segundo a Benzedeira, quando o cobreiro caminha até na região do corpo até se encontrar a pessoa que está infectada vai à óbito. Por esse motivo assim que as pessoas apresentam esse sintoma devem procurar imediatamente um Pajé ou Benzedeira, caso contrário podem sofrer muito e perder a vida. Para a entrevistada, é piolho de insetos que encosta na roupa, calça, camisa, vestido toalha da pessoa que deixar roupas no varal para secar e esquecem de tirar deixando anoitecer fora de casa. Depois a pessoa veste a roupa e contrai o vírus que começa a irritar e doer e a cura é o benzimento. Se o paciente não procurar o benzimento imediatamente as bolhas avançam e chega a se cruzar no mesmo ponto, a pessoa vai à óbito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, como resultado da pesquisa sobre **o conceito de xamanismo** verificou-se que é uma prática espiritual ancestral que está presente em várias culturas do mundo, caracterizada por rituais de cura com benzimento e conexão com o mundo espiritual. Essa função é tradicionalmente desempenhada por homens, como os pajés enquanto as mulheres, muitas vezes permanecem invisibilizadas devido à influência do forte patriarcado, que privilegia a liderança masculina. Kumuã para o antropólogo Barreto (2021) são os Pajés chamados de especialistas que aplicam o chamado Bahsesé, (benzimento) e a medida protetiva contra os humanos invisíveis.

---

[42] -Merewa – ferida que nunca sara

O xamanismo feminino aqui no Alto Rio Negro, a atuação espiritual e curativa das mulheres benzedeiras dentro das tradições indígenas, muitas vezes é silenciada ou marginalizada pela estrutura dominante do sistema patriarcal. A sua presença ativa no ritual do benzimento foi historicamente invisibilizada, mesmo desempenhando o papel de guardiã na manutenção da sabedoria ancestral. O corpo da mulher indígena Yawanawá é visto como sagrado, conectado à natureza, à ancestralidade e à força espiritual. Ser essa mulher é carregar saberes tradicionais, cuidar da comunidade, da saúde e da espiritualidade, mesmo enfrentando o peso do patriarcado dentro e fora da sua comunidade.

Compreendeu-se, em Bourdieu, que a relação xamânica e o poder simbólico atuam de forma sutil, mas profunda. É o reconhecimento coletivo de que o xamã ou a xamã detém um saber legítimo, respeitado e invisível, que organiza a hierarquia espiritual dentro da comunidade indígena. Esse poder não precisa de imposição física, ele opera por meio da crença e da aceitação social. Verificou-se que a prática do benzimento por mulheres é uma forma de manifestação espiritual silenciosa, mas poderosa. Por meio de palavras, cantos, sopros e gestos, a mulher canaliza forças da natureza e do sagrado, reafirmando seu papel de guia espiritual, benzedeira, curandeira, mesmo quando são historicamente invisibilizadas devido à forte presença do patriarcado, hoje estão reafirmando sua identidade por meio da oralidade, resistência e prática cotidiana.

O uso de plantas medicinais é uma prática central no xamanismo, e as mulheres detêm vasto conhecimento sobre elas. Esse saber conecta corpo, espírito e terra, atuando como um poder curador que legitima a mulher como autoridade espiritual. Curar com plantas é, portanto, um ato político, cultural e simbólico de afirmação de poder simbólico e cuidado coletivo. No resultado da investigação científica a trajetória da mulher como benzedeira, curandeira, rezadeira e parteira está profundamente enraizada nos saberes tradicionais transmitidos oralmente entre gerações.

Verificou-se que a benzedeira atua com gestos suaves, orações, galhos, plantas, sopros e rezas específicas para cada mal como o quebranto, o mau-olhado, as dores do espírito e do corpo. Sua sabedoria não vem de instituições, mas da convivência com a terra, com os mais velhos e com as forças da fé popular e a relação com a natureza. A curandeira, por sua vez, lida com as plantas, com os banhos, com os chás, e defumações com chicantá e outros. Já a rezadeira carrega a força da palavra sagrada, das mãos poderosas, da repetição ritualística e da fé coletiva, com a oração ao Divino, Arcanjos e Tupana. Já a parteira une o espiritual ao biológico, sendo

ponte entre o mundo dos vivos e o mistério do nascimento, acolhendo a vida de mulheres e crianças com sabedoria da prática ancestral.

Os dados da pesquisa demonstraram que as mulheres xamãs são benzedeiras, rezadeiras, parteiras e curandeiras mesmo que não sejam nomeadas assim. Os corpos das mulheres são vistos como território, sagrado, conectados com as forças invisíveis (espirituais). O corpo da mulher sangra, gesta, dá à luz, nutre e cura. Por esse motivo carregam os conhecimentos únicos que integram ciclos naturais e espirituais. Por muito tempo, esses corpos foram silenciados, subestimados, escravizados pelas estruturas patriarcais que na história social valorizaram majoritariamente a figura masculina, como detentores do poder espiritual.

Ainda assim, as mulheres mantiveram suas práticas de forma silenciosa, dentro de casas, terreiros, florestas e quintais. Foi desvelado que saberes tradicionais femininos são diversos conhecimentos das plantas curativas, espirituais e de poder e seus saberes espirituais são transmitidos por sonhos, visões, intuições; rituais que envolvem cantos, danças, benzimentos, rezas, e alinhamento energético. São saberes que se conectam com o corpo, com o território e com o tempo.

Esses saberes são rituais práticos, sagrados e feminino. Ainda existe diferentes tipos de poderes que essas mulheres exercem durante o ritual do benzimento, poder de curar, o poder de ouvir, aconselhar, o poder de interceder espiritualmente, e o poder de manter viva uma cosmovisão ancestral que valoriza o equilíbrio entre o ser humano e a natureza. Esse poder, muitas vezes invisível aos olhos da sociedade dominante, é respeitado dentro das comunidades indígenas e se sustenta pela confiança, pela fé e resultados concretos das curas realizadas pelas mulheres.

Desvelou-se que as práticas de cura existem, são flexíveis e adaptáveis. Elas envolvem o corpo da natureza, da mulher, do toque, da comunicação, da presença do benzedor e do benzido. E os rituais de benzimento podem ser simples, complexos ou gestos cheios de boas intenções ao indivíduo. São práticas tradicionais que revitalizam a inteireza do ser mulher reafirmando o lugar da mulher como fonte de vida, cura e saber.

O trabalho resultou na valorização desses saberes ancestrais reconhecendo a existência, resistência, persistências e a trajetória de vida dessas mulheres benzedeiras, para valorização da cultura indígena no Município de São Gabriel da Cachoeira. Reconhecer e valorizar estes saberes configura-se, portanto, como um ato político, epistêmico e de justiça histórica. Esta pesquisa propõe, assim, a ampliação do olhar acadêmico para essas trajetórias, considerando-as fundamentais na construção de uma memória coletiva de resistência e cuidado.

REFERÊNCIAS

ATHIAS, Renato. **Os Hupdë-Maku e os Tukano – Relações Desiguais entre duas Sociedades do Uaupés Amazônico.** Brasil, Tese de Doutorado, Université de Paris X, Nanterre, 1995.

_____. **Mobilidade, Clãs e Alianças entre os Hupdah do Alto Rio Negro**. In: Alfredo Wagner Berno de Almeida. (Org.). Mobilizações Étnicas e Transformações Sociais no Rio Negro. Manaus: UEA - Edições, 2010, v. 1, p. 6.

AZEVEDO, Gilson Xavier de. **As benzedeiras na tecitura da cultura, religião e medicina popular** [manuscrito], 2017.

BARRETO, João Paulo Lima B273k Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma "teoria" sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro / João Paulo Lima Barreto. 2021 189 f.: 31 cm.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; RAMOS, R. M. **Healthy fish: medicinal and recommended species in the Amazon and Atlantic Forest Coast.** In: PIERONI, A.; PRICE, L. L. (Eds.). **Eating and Healing**: traditional food as medicine. New York: Food Products Press, 2006. p. 237-271.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

BOTELHO, J. B., & Costa, H. L. da. (2006). Pajé: reconstrução e sobrevivência. *História, Ciências, Saúde-manguinhos*, *13*(4), 927–956. https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000400009

BRUYNE, HERMAN and. SCHOUTHEET. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais, os polos da prática metodológica,** Ed.S.A.2014. Tradução de Ruth Joffily.

DE SOUZA, André Pierre. **O XAMANISMO E O PODER DE CURA PELAS PLANTAS MEDICINAIS.** Estudos Químicos de Baccharis peseudodenuifolia. Florianópolis- 1999.

DISTASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

ELISE CAPREDON, **Derrota interna, sucesso exterior: A patrimonialização do xamanismo entre os Baniwa** (Alto Rio Negro – Amazonas), Horizontes Antropológicos, 51 /2018,105-134.

FONTOURA, Ivo. **Dissertação de mestrado: Formas de transmissão de conhecimentos entre os Tariano da região do rio Uaupés – AM. 2006.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2006. (Orientação: Prof. Renato Athias).

LANGDON, Jean Matteson**. Introdução: Xamanismo - velhas e novas perspectivas em Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LAGROU, Elsje M**. Caminhos, Duplos e corpos: Uma abordagem perspectivista da identidade e alteridade entre os Kaxinawa,** Tese de Doutorado, São Paulo, 1998.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami**. Paris: Terre Humaine, Plon, 2010.

MARÉCHAL, P. C. C. **A práxis xamânica Kaingang na modernidade/colonialidade: uma política da floresta**. 2019.

TASHIRO, Mayara Mota**. Caboquinhas que leem: o hábito da leitura como narrativa emancipatória para mulheres na Região Metropolitana de Manaus.** 2023. 298 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023.

OLIVEIRA, F. C. et al. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil.** Acta Botânica Brasilica, v. 23, n. 2, pp. 590-605, 2009.

PÉREZ, L., 1999. Pelos Caminhos de Yuve: Conhecimento, Cura e Poder no Xamanismo Yawanáwa. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina

POZZOBON, Jorge. **Vocês, brancos, não têm alma: histórias de fronteiras**. Belém: UFPA; MPEG. 2002.

ROSA, Tiago Barros. **O poder em Bourdieu e Foucault**: Considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Rev. Sem Aspas,** Araraquara, v. 6, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2017. e – ISSN 2358 – 4238.

RESENDE, Maria Leônia. **Os índios também foram perseguidos?** Revista de História (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 73, p. 31 - 31, 01 out. 2011.

SABANA, Filinto A. Rojas. **Ciências Naturales em lá Mitologia Curripaco.** Secretaria de Educación y Cultura; Departamento del. Guainía; Programa Fondo Amazônico; fundación Etnollano; Programa Coama, Edición auspiciada por lá Unión Europea, 1997.

SÁENZ, Cynthia Inês Carrilo. **Xamanismo Feminino Yamakawa**: Transformações de um corpo Feminino em corpo de Pajé, 2017.

SANTOS, M.G., and. CARVALHO, A. C. B. **Plantas medicinais:** saberes tradicionais e o sistema de saúde. 2018.

SANTOS, M.G., and. QUINTERO, M., comps. *Saberes tradicionais e locais*: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 191 p. ISBN: 978-85-7511-485.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas.** / Marilene Corrêa da Silva. 4. ed. – Manaus: Editora Valer, 2023.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th Women's Words Congressn (Anais Eletrônicos), Anais eletrônicos), Florianópolis, 2017, INSS 2179-510.

SERGIO BATISTA DA SILVA, EMERSON GIUMBELLI and. PABLO QUINTERO. O xamanismo e suas múltiplas manifestações e abordagens p.7-15 2018.

SÕÃLIÃ WEHETADABAHUÍ (Chagas, S, J, V, Dorvalino). **Dissertação de mestrado: Cosmologia, Mitos e Histórias o Mundo dos Pahmulin Mahsã Waikana do Rio Papurí** - Amazonas, 2001.

SOUZA, P. A. O Xamanismo e o poder de cura pelas plantas medicinais. Meu convívio com as Nações Indígenas Xavante e Kurã Bakairí- Alto Xingu- MT. 1999. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

VASCONCELOS NETO, Agenor. A música kuximawara: uma etnografia da música popular entre indígenas de São Gabriel da Cachoeira (AM). Tese de Doutorado, Antropologia social, UFAM, 2020. Disponível em: https://tede.ufam.br/bitstream/tede/8229/5/Tese-_AgenorCavalcante_PPGSCA.pdf_

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

São Gabriel da Cachoeira 13 de dezembro de 2024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa Xamanismo Feminino no Alto Rio Negro: Poder Simbólico e os Saberes Tradicionais, sobre a responsabilidade da mestranda **Ilzanilde Teixeira França,** e-mail:izafranca.1970@gmail.com, cel. (97) 984492053.

JUSTIFICATIVA: O xamanismo é uma prática milenar predominante na região do Alto Rio Negro, há vários tipos de xamanismo devido a riqueza da diversidade cultural, onde os homens se destacam no processo de cura, enquanto as mulheres permanecem no anonimato, sendo que elas também detêm conhecimentos ancestrais de cura, por essa razão pretende-se estudar as práticas tradicionais das mulheres indígenas xamãs.

OBJETIVO GERAL: Compreender as diferentes expressões da prática tradicional xamânica, apresentando as formas de poder do protagonismo feminino em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Apontar a resistência do sentido da ação individual de mulheres xamãs, em praticar o xamanismo; Desvendar o poder de dominação e as práticas tradicionais; Identificar as práticas culturais e o poder simbólico do Xamanismo feminino para valorização e empoderamento; Narrar as histórias e trajetórias das mulheres xamãs, a negação por parte de suas famílias para o chamado do curandeirismo indígena; Evidenciar a relação de poder entre as praticantes de xamanismo, os tipos rituais, e prática da cura.

MÉTODO: Conduzi 04 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas xamãs na faixa etária de 60/80 anos de idade da etnia Baré.

Serão realizadas entrevistas no período de 30 dias, de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea das participantes. O lócus da pesquisa se dará nos bairros do Centro,

Dabaru, Praia e Miguel Quirino na sede do município de São Gabriel da Cachoeira-Am. Todos os dados coletados serão registrados em caderneta, gravações, fotografias e celular. Sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o Termo de consentimento que servirão para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico da participante.

RISCOS: foi esclarecido os possíveis riscos que poderá ocorrer durante as fases da pesquisa. A pesquisa inclui 04 mulheres indígenas xamãs com a idade bastante avançada onde o corpo fica mais suscetível as doenças com o passar do tempo. Caso ocorra um problema de mal-estar com as mulheres xamãs durante a entrevista, a atividade poderá ser pausada para futura continuidade.

Assim, podendo apresentar um problema de saúde espiritual, físico e mental, resultando na interrupção da produção científica, pois a pesquisa envolve rituais com elementos sobrenaturais e plantas encantadas medicinais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Segundo a Resolução CNS nº 446 de 2012 devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico.

V.1 - As pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

a) o risco se justifique pelo benefício esperado; e

b) no caso de pesquisas experimentais da área da saúde, o benefício seja maior, ou, no mínimo, igual às alternativas já estabelecidas para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento.

V.2 - São admissíveis pesquisas cujos benefícios a seus participantes forem exclusivamente indiretos, desde que consideradas as dimensões físicas, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual desses.

V.3 - O pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou danos significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

deve comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo.

V.4 - Nas pesquisas na área da saúde, tão logo constatada a superioridade significativa de uma intervenção sobre outra(s) comparativa(s), o pesquisador deverá avaliar a necessidade de adequar ou suspender o estudo em curso, visando oferecer a todos os benefícios do melhor regime.

V.5 - O Sistema CEP/CONEP deverá ser informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal dos estudos por ele aprovados e, especificamente, nas pesquisas na área da saúde, dos efeitos adversos e da superioridade significativa de uma intervenção sobre outra ou outras comparativas.

V.6 - O pesquisador, o patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa devem proporcionar assistência imediata, nos termos do item II.3, bem como responsabilizarem-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa.

V.7 - Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

II.22 - Risco da pesquisa - possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente;

A pesquisa envolve mulheres indígenas xamãs com a idade bastante avançada onde o corpo fica mais suscetível a doenças com o passar do tempo. Assim, podendo apresentar um problema de saúde espiritual, físico e mental, resultando na interrupção da produção científica, pois a pesquisa envolve rituais com elementos sobrenaturais e plantas medicinais.

SIGILO

Eu pesquisadora, asseguro e garanto o sigilo caso ocorra danos, a dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual dos participantes. De acordo com a resolução CNS nº 466 de 2012, item III, 2.i e IV. 3.e

i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros;
e) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa;
Garanto à Sra. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

ASSISTENCIA AO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Caso necessite de uma ajuda financeira me comprometo a colaborar.
Conforme item II.3.1 e II.3.2 da Resolução CNS nº 466 de 2012.

II.3.1 - assistência imediata - é aquela emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite; e
II.3.2 - assistência integral - é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa;

DIREITO A IDENIZAÇÃO

De acordo com a resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3h, IV.4.c e V.7

h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

c) não exigir do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não deve conter ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa renunciar a seus direitos, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

V.7 - Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.
Garanto a senhora o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa, também o direito de assistência integral gratuita devido a danos

diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Comprometo-me a apresentar os resultados parciais da pesquisa as participantes a cada 15 dias e apresentar o trabalho final antes da defesa da dissertação.

A Sra. pode entrar com contato com a pesquisadora responsável, a qual é moradora desta comunidade e trabalha na escola da sede neste município.

A Sra. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Universidade do Estado do Amazonas e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, assinados pelas participantes, pelo pesquisador responsável e pelo orientador, ficando uma via com cada um.

Declaro que concordo em participar da pesquisa

_____, _____/_____/_____

_____

Assinatura do Participante

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

_____

Assinatura do Orientador

IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA

APÊNDICE B – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÂO PARA PESQUISA ACADÊMICA-CIENTÌFICA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

São Gabriel da Cachoeira 13 de dezembro de 2024

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA-CIÊTÍFICA

DE: Ilzanilde Teixeira França

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

PARA:

IImo. Sr. Presidente da FOIRN - Dário Baniwa

Prezado Senhor presidente da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, venho por meio deste solicitar autorização para realização de uma pesquisa integrante da elaboração da Dissertação de Mestrando, orientado pela Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas, tendo com título "Xamanismo Feminino no Alto Rio Negro: Saber Simbólico e os Saberes Tradicionais SGC", na sede do município de São Gabriel da Cachoeira -Am.

O Objetivo: Compreender as diferentes expressões da práxis xamânica, apresentando a pajelança como formas de poder feminino e os saberes tradicionais em São Gabriel da Cachoeira-Am

A coleta de dados será feita por meio de verificação bibliográfica e pesquisa de campo com entrevistas semiestruturada que serão incluídas 04 mulheres xamãs benzedeiras entre 60 e 80 anos de idade.

A presente atividade é requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia da UFAM.

Diante do solicitado, conto com a colaboração e agradeço a atenção me colocando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Sem mais atenciosamente

Mestranda Ilzanilde Teixeira França

Presidente – Sr. Dario Baniwa

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM, VOZ E APRESENTAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

São Gabriel da Cachoeira, 13 de dezembro de 2024

TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM, VOZ E APRESENTAÇÃO

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: _____
ID: _____
PARA: Ilzanilde Teixeira França
Mestranda do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura da Amazônia- PPGSCA/UFAM

Nome do Bairro: _____
Data da coleta de dados: _____

Termo de autorização

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da FAPEAM.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

_____
Assinatura do participante

APÊNDICE D – CARTA RESPOSTA

Poder Executivo Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - IFCHS

São Gabriel da Cachoeira, 13 de dezembro de 2024

CARTA RESPOSTA

Excelentíssimos senhores do Comitê da Ética da Ufam

Número do Parecer: 7.226.663

Venho por meio desta carta resposta indicar todas as modificações realizadas na documentação pertinente ao processo de autorização a pesquisa de campo exigidas no protocolo número 7.226.663 de pendencias.

Termo de anuência, foi reconfigurado com a devida identificação como discente de mestrado.

- ✓ O termo de autorização encaminhado a Instituição FOIRN, foi retirada a assinatura conforme solicitado;
- ✓ Riscos da pesquisa: foi feita o ajuste da inclusão das participantes indicando a quantidade e esclarecendo detalhadamente os possíveis riscos, não necessitando do termo de anuência por parte da equipe de saúde. O termo de anuência não se aplica nesse item.
- ✓ Assistência ao participante: Caso necessite de uma ajuda financeira me comprometo a colaborar.
- ✓ Documento comprobatório de pesquisa não realizada: foi elaborada uma carta de declaração assinado pela mestranda e pela respectiva orientadora comprovando que a pesquisa de campo ainda será realizada mediante a aprovação do Comitê de Ética. Cumprindo assim, e realizando uma nova submissão com reconfigurações solicitadas.
- ✓ Cronograma: foi ajustado o cronograma do projeto de pesquisa dentro um período proporcional para cada etapa da pesquisa e conclusão.
- ✓ Comprometo-me a apresentar os resultados parciais da pesquisa as participantes a cada 15 dias e apresentar o trabalho final antes da defesa da dissertação.

Do exposto, com o devido cumprimento de todas as pendencias elencadas no parecer de número 7.226.663, solicito a aprovação da minha pesquisa para que seja incluída a pesquisa de campo solicitada por ser uma questão evidentemente necessária para a conclusão do mestrado.

Termos em que pede e espera deferimento,

Ilzanilde Teixeira França

Ilzanilde Teixeira França

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO PARA O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

São Gabriel da Cachoeira, 13 de dezembro de 2024

DECLARAÇÃO

Excelentíssimos senhores do Comitê da Ética da Ufam

Número do Parecer: 7.226.663

Venho por meio deste documento comprobatório, declarar que a pesquisa de campo por título, Xamanismo feminino no Alto Rio Negro: poder simbólico e os saberes tradicionais, não foi realizada seguindo as exigências do Comitê de Ética. Devido ao desconhecimento quanto exigências do Comitê de Ética, as assinaturas submetidas nos TCLE, foram adquiridas inicialmente por falta de conhecimento. Como não tinha experiencias e não fui orientada como proceder na submissão da Plataforma, imaginei ser necessário as assinaturas antecipadas, porém afirmo que a pesquisa ainda não foi realizada, será somente após a aprovação no Comitê de Ética. Juntamente com minha orientadora Profª. Drª. Marilene Corrêa da Silva Freitas declaramos que não foi realizado nenhuma coleta de informações referente a Pesquisa de Campo. Mediante as solicitações do parecer de número 7.311.957, foram feitas as alterações dos Termos de apresentação obrigatória, onde foram retiradas as assinaturas das participantes e feito uma nova submissão com as reconfigurações solicitadas. Diante da solicitação do documento comprobatório, espero ter justificado o mal-entendido e cumprido as devidas exigências do Comitê de Ética.

Termos em que pede deferimento,

_____ _____

ANEXOS - PLANTAS DE PODER E DE ESPÍRITOS

As plantas de Poder coletados no Campo Social

Planta buia-cica (cobra cega)

Kaá- (planta inteligente)

Puruca-Caá

As plantas de Espírtos ou plantas encantadas

Velho preto (Colocasia)

Yauareté-Kaá (Caladium Army)

Kaá- (Caladium) - Yurupari